



Encontro

não marcado

Spin-off da Série Família Villazza

J.MARQUESI



PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Encontro
não marcado
Spin-off da Série Família Villazza

J. MARQUESI

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Copyright © 2018 J. Marquesi

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Analine Borges Cirne
Capa: J. Marquesi
Diagramação Digital: Layce Design

Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



Sumário

Dedicatória

1 - On/Off

2 - Mascarados

3 - Minha a noite toda...

4 - O grito

5 - Desmascarados

6 - Ainda quero você

7 - Seu enquanto ainda estiver aqui

8 - Quente como o inferno...

9 - Finalmente aconteceu!

10 - Sonho

11 - É só o que posso lhe oferecer

Bônus - Quatro anos depois

PERIGOSAS

[Sobre a autora](#)

[Outras obras](#)

[Contato](#)

[Notas](#)

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

A Ana Cecília Nunes, criadora do maravilhoso
Adam Carter

NACIONAIS - ACHERON



Nova Iorque.

Rolo na cama mais uma vez, tentando descansar antes mesmo de ver como estão as coisas aqui em Nova Iorque. Viajei durante 10 horas seguidas, sem escala, de Roma para cá, sem conseguir dormir. Eu estava passando uns dias na capital italiana com meus padrinhos e tios do coração, Andreas e Silvia Villazza, quando decidi visitar minha prima, Pietra, antes de retornar ao Brasil.

NACIONAIS - ACHERON

Ela, com certeza, é a mulher mais famosa de nossa família, supermodelo, independente e bem resolvida: Pietra Boldani. Desde quando se mudou para os Estados Unidos, há dois anos, está batalhando para se tornar atriz – e não qualquer atriz – de musicais da Broadway, mas, por enquanto, tudo o que faz são testes atrás de testes e algumas pontas, principalmente nos corais.

Pietra não desistiu da carreira fashion, mesmo porque é de onde vem seu dinheiro, mas já pisou no freio, pois sabe que, aos 30 anos de idade, as coisas vão começar a ficar mais difíceis, e os trabalhos, a rarear, pois o mundo da moda prioriza as modelos mais novas. O tempo não para, como dizia Cazuzza! Por mais que sejamos mulheres modernas e independentes, sabemos que, para algumas situações, nosso relógio biológico está começando a ficar no vermelho e a emitir alertas.

Eu me levanto e olho para as ruas do East
NACIONAIS - ACHERON

Village, onde Pietra mora, desistindo por fim de descansar. Escuto o telefone dela tocando sem parar e, logo após, um grito de alegria. Sorrio, pensando que minha prima é a pessoa mais animada da face da Terra, e eu, no alto dos meus 38 anos, vou passar aperto ao lhe seguir o ritmo.

Assim que liguei para ela, já no JFK, avisando que tinha chegado e que estava indo para um hotel, ela traçou centenas de planos para nós e me proibiu de me hospedar em qualquer outro lugar que não fosse seu apartamento.

Quando o táxi me deixou na porta do prédio, compreendi por que ela fez tanta questão de achar um apartamento neste bairro: há uma sucessão de lojas, bares, restaurantes, boates, clubes e etc. A diversão dela fica no quintal de casa. Pelo tamanho do local e variedade de atrações, ela nunca precisa sair daqui, porque a diversão nunca tem fim.

O apartamento é descolado, todo rústico por

NACIONAIS - ACHERON

dentro, com paredes sem revestimento, os encanamentos metálicos — elétricos e hidráulicos — expostos e o sistema de calefação industrial passando por todo o teto do apartamento. Como arquiteta, estou encantada com tudo isso, ainda mais ao ver que ela instalou lustres de fios de cobre com lâmpadas de filamentos. Tudo é a cara da Pietra, que, embora seja uma mulher com seus cabelos longos e negros e seus olhos enormes cor de avelã, dona de um corpo escultural e um par de pernas impressionantes, não tem nada de delicada ou romântica.

Mal acabo de pensar nela e eis que a criatura invade o quarto no qual estou instalada e começa a pular à minha volta.

— Ela voltou, Mel! — Abraça-me. — Ela voltou e trouxe a sorte junto!

Dou gargalhadas com a sua animação, já sabendo de quem ela está falando.

— April?

Ela suspira e confirma.

April Stanton, a namorada de Pietra, estava havia seis meses numa turnê pela Europa, e as duas só mantinham contato via telefone e *facetime*.

— Você vai ficar muito chateada se eu cancelar nosso compromisso hoje? — Faz uma careta. — É que ela conseguiu convites para uma festa privada de um diretor famoso! — Ela sorri para mim, demonstrando toda a sua expectativa de conseguir algum papel.

— Sem problemas, Pietra! — Sento-me na cama. — Eu vou aproveitar para descansar mais um pouco...

— Tem certeza? Ontem, quando você chegou, não saímos, e hoje era nossa noite juntas... — lamenta. — Quer ir conosco? — Ela bate palmas. — É isso! Vou ligar para a April e pedir a ela que consiga...

Uma festa cheia de atores?! Não mesmo!

— Não precisa, Pietra! — Olho para a janela do quarto. — Aqui no bairro tem muita diversão, e eu falo inglês muito bem. Além disso, não é minha primeira vez em Nova Iorque, e eu tenho alguns amigos aqui para rever!

— Tem certeza mesmo, Mel? — Eu assinto. — Eu tenho uma porção de convites para as mais variadas festas que rolam aqui. — Imagino que ela tenha, pois é muito popular. — Eu vou separar alguns, apenas os melhores, e deixar para você escolher. — Abraça-me. — Obrigada por ser essa linda! Eu juro que amanhã eu compenso!

— Vai se arrumar de uma vez para ficar um pouco com April só para você! Aproveita que você tem alguém que te ama... — Assim que digo essa frase, arrependo-me, vendo o sorriso no rosto da minha prima sumir.

— Ah, Mel! Não há ninguém nesse mundo que

NACIONAIS - ACHERON

mereça ser tão amado quanto você! — Eu faço uma careta e lhe mostro a língua, tentando descontrair. — Pode parar com essa cara, porque eu sei que você a usa quando quer fingir que está tudo bem! — Ela se senta ao meu lado. — Você ainda não o esqueceu, não é?

Eu bufo, não querendo falar desse assunto, mas sabendo que ela não vai me deixar em paz enquanto eu não lhe disser a verdade.

— Não, e isso é horrível, eu sei! — Balanço a cabeça, recriminando-me. — Gostar dele é tão natural para mim, Pietra, porque fiz isso toda a vida! É como um hábito de anos...

— Sim... como um vício que, por mais que você saiba que só te prejudica, não consegue largar!

— É, é isso! — Limpo meus olhos, evitando que as lágrimas comecem a cair. — O que sinto por Frank me prejudica de uma forma enorme, no entanto, eu tenho que fingir que nada está

acontecendo. — Rio. — Eu queria ser uma tia melhor para meus sobrinhos, uma irmã presente para Isabella, mas como? — Choro. — Eu me sinto culpada por sentir isso pelo meu cunhado!

— Ah, Mel! — Ela me abraça. — Sentimentos não vêm com botão on/off, sabe? Tudo o que aconteceu entre vocês três... — suspira — foi punk!

Sim. Nossa história parecia uma brincadeira de mau gosto do destino. Não o fato de Frank finalmente se apaixonar por alguém, mas sim por esse alguém ser também importante para mim. Minha irmã!

Eu não sabia da existência de Isabella. Durante 30 anos meu pai levou uma vida dupla, mantendo duas famílias, embora já não houvesse mais nenhum tipo de envolvimento amoroso entre minha mãe e ele.

Essa história só foi descoberta porque Isabella foi contratada para acompanhar alguns processos

NACIONAIS - ACHERON

para a Rede Villazza em Curitiba, cujo diretor executivo era o Frank. Os dois se envolveram e se apaixonaram, porém, eu não sabia nem do relacionamento do Frank com ela e nem que Isabella era minha irmã e resolvi abrir o jogo com ele e lhe contar que o amava.

Nós estávamos viajando juntos a trabalho. Depois de um jantar, eu o beijei, mas ele alegou que estávamos bêbados e me deu boa-noite. Foi então que, na última noite de nossa estada, eu o surpreendi sóbria e vestida com uma lingerie sexy.

No começo ele não resistiu, e eu realmente pensei que nós iríamos fazer amor, então nos afastamos, e retirei minha camisola. O paletó dele já estava jogado no chão, e comecei a tirar sua gravata, quando ele olhou no fundo dos meus olhos e me disse que não podia fazer aquilo comigo.

Eu fui ao chão, sentindo a rejeição dele doer fundo dentro de mim, sabendo que alguma coisa

NACIONAIS - ACHERON

muito séria o impedia de me tocar como eu queria. Frank estava chorando!

Foi então que ele me contou sobre Isabella, e eu ouvi, quieta, o homem que eu sempre amara me contar que havia se apaixonado, mas que a mulher em questão estava em dúvida sobre assumir o relacionamento. Eu fiquei pasma, sem reação, gelada.

Ele se desculpou comigo e pegou o paletó no chão. Disse-me umas palavras de consolo, beijou minha testa e saiu da suíte.

Passei a noite toda bebendo e chorando, querendo odiar a tal mulher, com inveja dela, curiosa sobre ela. Entretanto, ao mesmo tempo, eu estava feliz por ele ter se apaixonado, estava torcendo para que fosse feliz.

Nós voltamos ao Brasil, e eu tive mais uma noite insone antes de encontrá-lo novamente, no elevador do prédio onde funciona a Rede Villazza, NACIONAIS - ACHERON

subindo para uma reunião.

Frank tentou dissipar o clima pesado entre nós e contou algumas histórias engraçadas nossas quando éramos crianças. Durante o voo ele me pediu perdão mais uma vez, e eu ficara sem graça e lhe pedi que esquecesse o que tinha havido, e era isso o que ele estava fazendo, fingindo que aquela fatídica noite não havia acontecido.

Eu entrei no clima e sorri com ele. Bem, até as portas do elevador se abrirem e eu ficar em frente à mulher que tinha tudo o que eu sonhara na vida: o amor de Francesco Villazza.

Frank falou algo comigo, porém, eu não ouvi, eu só queria sair dali o mais rápido possível e então fui para a sala de reuniões, esperando que ele falasse com ela. Assim que adentrei o cômodo, não encontrei o Thiago, meu primo, que trabalha no escritório de arquitetura da família Boldani comigo. Fiz menção de sair da sala, mas bastou abrir uma

NACIONAIS - ACHERON

fresta da porta para eu ver Frank beijando-a de um jeito apaixonado que me fez perder o fôlego.

Fiquei quieta durante toda nossa reunião, respondendo com monossílabos e, confesso, muito aliviada quando ele não apareceu no almoço no restaurante onde encontramos meu pai, Julio Boldani.

Todavia, ele apareceu ao final do almoço e com um terno diferente do que estava de manhã, sinal de que estivera com ela. Porém, nada foi pior do que a comemoração na casa do irmão dele, o Tony. Lá, Frank apresentou Isabella como sua namorada, e eu não pude disfarçar a dor que senti, por isso deixei a festa o mais rápido possível.

Cheguei ao hotel transtornada, derrubei um monte de coisas, chorei como uma louca, culpando-me por não ter tentado uma aproximação antes dela, questionando o porquê de tudo estar acontecendo daquele jeito. Por que, justo quando eu

NACIONAIS - ACHERON

decidira que iria lutar por ele, aparecera aquela mulher?

Eu vi a camisola que havia comprado para seduzi-lo embolada dentro da mala de viagem que eu ainda não tinha desfeito. Fui até ela disposta a rasgá-la toda, mas então vi o celular que Frank havia perdido envolvido por ela. Provavelmente o aparelho caíra do paletó dele e, quando eu recolhera a camisola no chão, levava-o junto sem ver. Eu pensei em ligar para ele, avisando-lhe que o tinha achado, mas imaginei que ele estivesse com Isabella e deixei para fazê-lo na segunda-feira, no escritório.

Um baita engano! Isabella ouviu sobre o celular na camisola, e isso separou os dois. Eu só soube disso semanas depois do ocorrido, quando meu pai assumiu a paternidade dela e me contou que minha mãe e ele iriam se divorciar.

Entrei em contato com Tony, porque Frank

NACIONAIS - ACHERON

parecia estar fora de órbita, então ele me contou tudo sobre a briga do irmão e de Isabella e o quanto Frank estava sofrendo sem ela.

Foi logo após isso que a encontrei, por acaso, almoçando com um grande amigo meu, Nicholas Smythe-Fox. Eu não perdi a oportunidade e lhe disse que sabia que éramos irmãs e lhe garanti que não acontecera nada entre Frank e mim naquela noite.

Depois daquele dia, ganhei uma irmã e um cunhado e, meses depois, dois sobrinhos lindos, gêmeos.

Não me arrependo de ter contado tudo a ela, os dois são muito felizes juntos e se amam de verdade. Eu torço por eles todos os dias, de coração! O problema é que *eu* não consegui seguir em frente. Não consegui anular ou esquecer o amor que cultivei por ele durante anos, porém, aprendi a lidar com a situação.

Eu não fui talhada para ser amada! Acontece... Há pessoas que passam a vida inteira sozinhas, e eu sou uma delas. Nenhum relacionamento deu certo para mim, primeiro porque eu tinha ainda a esperança de ter o Frank, depois porque não aconteceu mesmo.

Sou uma mulher independente, bem-sucedida, com uma situação financeira muito confortável, cercada de amigos e uma família incrível! Já não é o suficiente?

Dou um sorriso para Pietra e sacolejo meu corpo, espantando essas lembranças todas.

— Mas a vida seguiu, Pietra! E continua indo e indo, e eu, um dia, vou acordar de manhã e sentir que o sentimento por ele mudou, que se tornou casto, como o de uma irmã por um irmão.

— É isso aí! E sabe a melhor forma disso acontecer? — Um sorriso maléfico se estampa em seu rosto. — Tendo uma noite deliciosa ao lado de

NACIONAIS - ACHERON

um homem maravilhoso, curtindo o que tem de melhor em ser solteira e livre!

— Não sei se estou no clima para isso...

— Ah, Mel! — Ela se levanta. — Eu vou escolher uma festa para você ir hoje e se divertir, mas se acontecer de um americano gostoso ficar louco por você... curta o momento!

Ela sai do quarto saltitando como entrou, animada com a sua noite e a que está planejando para mim.



Pietra ainda passou pelo meu quarto antes de sair, certificando-se de que eu iria selecionar um dos convites que ela tinha separado para mim e deixado sobre algum móvel. No entanto, eu realmente não estava nem um pouco a fim de sair.

Tomei um banho demorado na banheira dela e depois, vestindo um roupão e com uma toalha enrolada nos meus cabelos, abri meu laptop para verificar e-mails.

Eu fiquei alguns dias em Roma, visitando

amigos, hospedada na casa dos meus tios Villazzas, pois, desde o divórcio dos meus pais, nossa casa na Itália está fechada e à venda. Eu precisava dessas férias, embora ainda esteja trabalhando em um projeto muito especial, porém, fora do escritório.

Vejo um e-mail do Nick e abro um sorriso ao ler os elogios que ele está me fazendo pelo projeto da casa do haras. Ele me pediu uma casa de campo ampla e espaçosa, porém, não suntuosa demais, um lar. Eu, sabendo da pretensão dele de fixar residência no local, pensei em tudo o que ele mais gosta: reunir amigos, tocar seu violão e comer aquelas delícias do campo. Projetei uma casa com salas integradas, em que ele poderia facilmente dar uma festa dentro delas se quisesse, mas com uma função diferente para cada uma: estar, música e televisão. Não fiz sala de jantar, pois a cozinha enorme teria uma grande mesa de madeira onde todos se reuniriam para comer juntos.

No segundo piso, apenas três suítes, conforme sua orientação. Na principal, a maior de todas, fiz um pequeno terraço sobre o telhado da varanda da frente, com vistas para os açudes e para a imensidão de pastagem que estava sendo plantada. Lá, ele poderá colocar uma rede dupla e ficar com sua esposa, quando ele se assentar com alguém, e namorar ante aquela vista maravilhosa, mas totalmente longe de olhares curiosos.

Há muito ainda a ser feito, mas a cada pedacinho daquele lugar concluído, eu vejo o quanto aceitar esse desafio foi bom. Eu nunca fiz nada igual e tive de pesquisar muito para conhecer o que seria funcional dentro de um haras.

Nicholas parece uma criança com um brinquedo sonhado a cada vez que eu lhe entrego um projeto pronto para ser executado. Ele é o homem mais incrível que eu já conheci! Bem-humorado, cavalheiro, muito simples e com um

NACIONAIS - ACHERON

senso de responsabilidade social enorme. Quem pensa em um herdeiro de uma empresa “mega” como a Novak nunca irá associar a imagem projetada a quem ele realmente é. Além de tudo, o homem é lindo! Todavia, nunca sentimos uma só faísca de atração um pelo outro. Eu não sei se é por causa da nossa diferença de idade – sou sete anos mais velha que ele e nunca gostei de garotões – ou se, simplesmente, não rola.

Minha grande amiga e quase irmã, Giovanna Villazza, diz que eu devo experimentar um garotão um dia, porque, segundo ela, eu irei pagar minha língua e acabar me casando com um. Eu não os evito de propósito, apenas não há atração...

Suspiro ao pensar em Giovanna e no tempo em que não a vejo. Nós duas moramos na mesma cidade e somos praticamente vizinhas, mas a encontro menos do que quando ela morava em Roma ou Milão. Aquela garota sofreu uma

NACIONAIS - ACHERON

transformação medonha de patricinha a workaholic.

Abro um e-mail do meu pai e, quando leio a notícia, sinto-me no chão. Frank irá se mudar para São Paulo! Os dois irmãos decidiram levar a sede da empresa, que fica em Curitiba, para a capital paulista, e nosso escritório de arquitetura é quem irá fazer os projetos de reforma do atual Villazza São Paulo, para abrir a sede da Rede e a residência dos Villazzas, e de construção do novo Convention SP. Eu fui escolhida para fazer o projeto de reforma, ou seja, sou eu quem irá projetar a nova casa de Frank e Isabella.

Começo a rir como louca, pensando que seria cômico se não fosse trágico. Por mais que eu tente esquecer aquele homem, por mais que eu queira ficar longe dele, sempre há algo que me leva para perto. Oh, destino cruel!

Levanto-me, puta com a situação e decidida a tomar um porre. Abro a geladeira da Pietra, mas

NACIONAIS - ACHERON

não encontro nada, pois ela, assim como Gio Villazza, segue uma dieta infernal e nem álcool tem neste lugar.

Decido então sair. Olho por cima dos móveis da sala e não vejo nenhum dos tais convites que Pietra deixou para que eu escolhesse. Penso se a louca não se esqueceu de realizar a tarefa. Abro a gaveta do aparador e encontro, lá dentro, um convite negro e vermelho de alta qualidade. Dentro do envelope há também um cartão negro junto com um convite com o nome de um clube escrito em letras vermelhas e a indicação do traje: *black tie*.

Não é o evento ao qual eu pensei em ir, mas, pelo menos, irei encontrar gente da minha idade. Sem pensar duas vezes, confirmo a data e o horário certos do evento.

Invado o quarto da minha prima e escolho um vestido preto, longo e de mangas compridas com um enorme decote no busto e uma fenda na perna

NACIONAIS - ACHERON

esquerda.

Pego o secador de cabelos, seco meus fios o mais rápido que posso e logo após enrolo-os com um *babyliss*. Faço uma maquiagem pesada, batom vermelho, pálpebras esfumadas com sombra negra e azul-marinho, muita máscara de cílios.

Normalmente não me visto ou me maquio assim, mas a intenção é sair esta noite e me divertir, esquecer quem sou, esquecer-me da mulher digna de pena que me tornei.

Pego uma *clutch* preta toda bordada com pedras, calço *scarpins* pretos e chamo um táxi. Confirmo o local da festa mais uma vez e enfio o pequeno cartão na bolsa antes de sair.



— Puta que... — refreio o xingamento antes que ele saia, apavorada com a roubada em que me

meti.

Assim que cheguei ao clube, um local todo escuro com um enorme segurança na porta, achei estranho, pois o estabelecimento, além de deserto, é muito afastado da grande área movimentada do bairro. Entreguei o cartão àquele leão de chácara e, antes de entrar, ele me levou até o “credenciamento”. Tive vontade de voltar assim que vi o local, mas o homem continuava com o cartão de Pietra na mão.

Uma mulher com cara de poucos amigos me revistou inteira e, depois, ainda passou um detector de metais em mim. *Mas que porra era aquela?! E* quando, por fim, uma das moças me atendeu, solicitou meu celular. Eu gelei e, claro, neguei-me a entregar meu aparelho. Ela sorriu e explicou que não era permitida a entrada de aparelhos eletrônicos no local e que somente com o *meu* cartão de acesso e consumo – que ela balançou à minha frente – era

NACIONAIS - ACHERON

possível pegar o telefone de volta.

A curiosidade foi tão forte que a deixei confiscar meu celular. Logo após isso, ela me entregou uma máscara veneziana azul com detalhes em pena de pavão, linda, por sinal, e me instruiu a colocá-la.

— É proibido retirar o objeto lá dentro — informou-me em inglês. — A não ser em uma das áreas privadas. Bom divertimento!

Outro segurança grandalhão abriu outra porta, e eu pude ouvir o som alto lá dentro.

Agora estou aqui, paralisada e boquiaberta, no meio de centenas de pessoas – homens e mulheres – usando máscaras, num ambiente recriando o carnaval de Veneza, inclusive as músicas, sem conhecer ninguém e sem saber como agir.

Caminho até o bar e me sento no único banco livre.

— O que vai beber? — o barman, fantasiado de
NACIONAIS - ACHERON

Arlequim, me pergunta.

— Vinho...

— Não, não... — escuto a voz de um homem ao meu lado. — Não combina com você, pelo menos, não esta noite! — Eu o encaro. Olhos escuros me fitam por detrás de uma máscara ao estilo Fantasma da Ópera, porém, preta. — Champanhe *rosè*, *Arlecchino*.

Levanto minhas sobrancelhas, pronta para protestar por seu atrevimento em se meter em minha escolha, mas, então, ele sorri para mim, e eu seguro o fôlego. O homem ao meu lado tem um sorriso charmoso demais! Dentes brancos, retos e perfeitos em contraste com sua pele morena. Os olhos escuros não deixam os meus, nem mesmo quando passo a avaliar seu corpo muito bem vestido num smoking preto.

— Aprovado? — indaga em tom de deboche.

Ah, Mel, foda-se! Ninguém sabe quem eu sou
NACIONAIS - ACHERON

neste lugar, além disso, a máscara cria uma barreira muito maior nos meus próprios princípios do que em meu rosto, então...

— Aprovadíssimo! — E lhe devolvo o sorriso.

O barman volta com uma pequena garrafa do espumante em um balde de gelo e duas taças, mas meu vizinho de balcão recusa a sua própria, mostrando um drinque em sua mão.

— *Dry Martini*? — Levanto uma sobrancelha e rio, lembrando-me do meu *crush* cinematográfico: James Bond. Com certeza o 007 frequentaria uma festa como esta, num clube como este, vestido num smoking e tomando seu drinque favorito: *Dry Martini* batido, não mexido!

Ele dá de ombros e remexe sua taça, fazendo a tira de casca de limão siciliano ao fundo dançar no líquido translúcido.

Tomo um gole do espumante francês e reviro os olhos de prazer, com um pequeno gemido de
NACIONAIS - ACHERON

satisfação. Eu estava mesmo querendo algo assim!

— Obrigada pela dica! — agradeço levantando a taça para ele em um brinde.

— Disponha! — Dedica-me de novo um sorriso lindo. — Estou aqui imaginando o que mais arrancaria esses gemidos além desse líquido rosa e borbulhante?

Eu rio da provocação, imaginando muitas formas com as quais ele conseguiria mais dos meus gemidos. Levanto-me e pego o cartão de consumo a fim de pagar o drinque, mas ele põe sua mão sobre a minha, fazendo-me arrepiar com o contato de sua pele quente e macia.

— Sugestão minha, meu prazer em pagar.

Encaro-o pronta para recusar, mas seus olhos brilham de um jeito tão hipnotizante que eu não consigo falar nada. O filho da mãe tem um magnetismo inacreditável!

— Não é necessário...

— *Meu prazer* — ele ressalta. — Tenho certeza de que a senhorita não tem necessidade de que lhe paguem um drinque, mas eu faço questão. — Sorri e entrega seu próprio cartão ao garçom. — Eu sou...

Coloco um dedo sobre essa boca carnuda e sensual, impedindo-o de falar.

— Sem rosto, sem nome...

Ele parece avaliar o que digo, mas concorda em seguida.

Eu já poderia ter tirado o dedo de cima de sua boca, porém, não consigo fazer tal ação, pois sinto a ponta de uma língua quente e molhada lambendo-o devagar, com movimentos circulares.

Imediatamente meu corpo desperta e um desejo poderoso toma conta de mim. Eu não sei quem é esse homem, não consigo ver muito do seu rosto, mas sinto emanar dele tanta coisa! Sedução, desejo, mistério e, acima de tudo, prazer. Não senti mais atração por ninguém desde aquela fatídica noite em

NACIONAIS - ACHERON

Lima, com Frank, mas com ele, neste momento, posso dizer que a mulher dentro de mim voltou a viver.

— É o que você quer? — ele me tira dos meus pensamentos com esse questionamento.

— Não é o que todos querem aqui esta noite?
— Olho em volta.

Ele ri.

— Não posso dizer pelos outros, apenas por mim. — Levanta-se, e eu me surpreendo com seu tamanho e seu porte. Eu não sou uma mulher baixa, tenho mais de 1,70m de altura, mas ele é imensamente alto, além de parecer bem forte também. — Eu estava decidido a sair daqui, até que você chegou. — Meu coração dá pequenos saltos.
— Agora eu quero você.

Ergo as sobrancelhas com a sua objetividade.
Uau!

— Você é do tipo *eu quero, eu consigo?* —
NACIONAIS - ACHERON

provoco.

Ele ri, uma risada gostosa e rouca.

— Não! — Cruza os braços. — Sou mais do tipo *eu quero, eu corro atrás para ter*. — Sorrio, acreditando em cada palavra dele, pois me passa essa impressão, a de ser persistente e de correr atrás do que quer. — Aceito sua condição: sem rosto, sem nome. — Aproxima-se de mim, passando sua mão pela minha cintura e me puxando contra seu corpo. — Mas você terá que aceitar a minha... — sussurra em meu ouvido.

Eu sei que eu devo deixar claro para ele que não vim até aqui para fazer sexo com o primeiro estranho que aparecer, mas quer saber? Estou curiosa.

— Qual é sua condição?

— Que seja minha a noite toda para tudo o que eu quiser fazer com você.

Estremeço em seus braços, um tanto apavorada,
NACIONAIS - ACHERON

confesso.

— Hum... — finjo pensar. — Não vejo muita vantagem nessa troca de condições...

Ele sorri sexy de novo.

— Ah, mas tem... — Suas mãos começam a acariciar minhas costas. — Pode acreditar que tem, *Misteriosa!* — Ele encosta sua boca em minha orelha, fazendo-me arrepiar. — Será muito mais prazeroso do que um *rosè* borbulhante.

Ah, não tenho dúvidas! Ainda assim, afasto-me dele.

— É tentador, *Mascarado*. — Ele gargalha, e eu o acho ainda mais sensual. — Mas só tenho sua palavra sobre isso e...

Sua boca avança sobre a minha, impetuosa. Eu chego a me curvar para trás, perdendo o equilíbrio, porém, ele me mantém firme com uma de suas mãos. O beijo é quente, sensual, com o sabor do drinque e me mostra a dimensão do desejo que ele

está sentindo.

Não resisto e lhe devolvo a carícia, agarrando-me a ele, segurando em seus cabelos, roçando minha língua na sua, cheia de tesão. Meu sexo já está molhado e pulsante, minha pele queima pela dele, e seus beijos somente aumentam a promessa de uma noite inesquecível.

Ele se afasta e me olha enquanto eu tento retomar o fôlego e a sanidade.

— Tenha uma boa-noite!

Eu arregalo os olhos ao vê-lo se afastar e me deixar aqui, sozinha e enlouquecendo de desejo. Desgraçado!

Ele para a fim de cumprimentar algumas pessoas e me relança um olhar questionador, com sua sobancelha negra sobressaindo por cima da máscara.

— Merda! — exclamo, tentando decidir o que fazer. Eu não ia sair na noite de hoje, ia ficar em
NACIONAIS - ACHERON

casa, trabalhar um pouco e depois dormir. Só saí por causa do e-mail...

Todas as lembranças sobre Frank, Isabella e Lima voltam à minha mente, machucando meu coração mais uma vez. Chega! Chega de ser tão indecisa, de ver as oportunidades passarem passivamente. Eu estou aqui para me deixar ir, para esquecer, pelo menos por umas horas, que eu não sou a mulher que ele quis, que ele amou. Encaro o estranho e sussurro:

— Aceito.



O Mascarado, pelo visto, consegue ler os meus lábios, pois sorri e depois me faz um sinal para esperar, desaparecendo de minha vista.

Melissa, isso é loucura!, meu cérebro tenta me convencer a ir embora, mas eu estou tão cansada de ser a mulher certinha e doce da família, tão cansada de só fazer aquilo que acho sensato.

Droga! Frank ficou anos por aí, tendo suas noites de sexo sem sentido, por que eu não posso fazer o mesmo?! Porque sou mulher? Uma ova!

Sou dona do meu corpo, dos meus desejos, não devo nada a ninguém! Repasso somente algumas instruções a mim mesma: não revelar quem sou; não tirar a máscara; não sair do clube; usar camisinha...

Meu sexo se aperta só ao pensar na camisinha... Eu estou há muito tempo na seca, pelo amor de Deus!

De repente sou surpreendida com um abraço por trás. Os braços dele me envolvem, e ele fala baixinho em meu ouvido:

— Tudo pronto! Tem certeza?

— Sim! — respondo sem pensar, sentindo a dureza de sua ereção em minhas costas.

Ele me gira, deposita um beijo em minha boca e em seguida estende sua mão para que eu a pegue. Olha meu anel de formatura com sua enorme safira azul, que nunca tiro do dedo, e deposita um beijo no dorso da minha mão.

Seguimos juntos por um corredor até chegarmos a um elevador.

— Para onde vamos? — inquiri curiosa e nervosa.

— Isso aqui não parece, mas faz parte de um hotel. — Olho em volta, mas não vejo nenhuma logomarca. — Vamos até a área privada. — Dá-me uma piscadinha safada.

Caramba! Eu vou fazer mesmo isso?! Transar com um estranho, sem saber seu nome ou como é seu rosto? A Melissa sedutora dentro de mim está sentada de pernas cruzadas ao estilo Sharon Stone, balançando a cabeça afirmativamente, sorrindo como uma ninfomaníaca, mas a sensata, a que fala mais alto dentro de mim, só me manda sair correndo.

Ele parece perceber minha hesitação e, sem nenhum aviso, puxa-me para seus braços novamente, segurando minha cabeça enquanto seus

NACIONAIS - ACHERON

lábios devoram os meus. Deus, o homem é uma máquina de beijar!

Eu nem sei dizer como entramos no elevador, pois só me dou conta de onde estou quando ele me gira de costas e eu me encaro no espelho antes de fechar os olhos novamente, sentindo as mãos dele explorando minha pele por baixo da saia do vestido enquanto ele me tortura com beijos molhados no pescoço.

— Hum... — gemo quando seus dedos encontram meu sexo protegido parcamente por uma minúscula calcinha de seda. Ele ri contra minha orelha, deixando-me louca com o som de sua respiração logo após.

— É uma pena não poder te comer aqui e agora... — Solto um gemido lamentoso, querendo, sim, que ele o faça. O Mascarado ri. — As portas já abriram...

Respiro fundo, obrigando-me a frear um pouco

NACIONAIS - ACHERON

o tesão que sinto e me recompondo.

O elevador está parado, e vejo o corredor de um hotel, como ele falou. Sinto uma pontinha de decepção ao perceber que ele está acostumado a isso tudo, a este clube e aos quartos privados, mas logo disperso esse pensamento incômodo, pois estou aqui apenas para ter uma noite de prazer e nada mais.

Seguimos em silêncio, e ele abre uma das portas. Diferentemente do que eu imaginei, a suíte é padrão cinco estrelas! Olho tudo com atenção, analisando os padrões da construção, um vício da profissão que eu não consigo deixar de ter.

Então escuto a porta ser fechada e em seguida sinto as mãos dele nas minhas costas, procurando o fecho do vestido.

— Minha por toda a noite... — Beija minha nuca e abre o fecho até a altura da minha bunda. Fecho os olhos ao sentir os carinhos que seus dedos

fazem em minha coluna, fazendo minha pele arrepiar inteira.

— Para fazer o que você quiser — completo entre gemidos. — O que você quer?

— Eu quero mais gemidos como aquele que o champanhe recebeu. — Lambe minha orelha, e eu gemo, ouvindo sua respiração ficar mais ruidosa. — Eu quero sentir o sabor dele em seu corpo...

Alguém bate à porta, e ele se separa de mim, aparecendo em seguida no meu campo de visão com um balde de gelo e um champanhe nas mãos.

Termino de tirar o vestido, ficando apenas com minha lingerie de seda sobre a pele. Quando percebe o que fiz, ele para de abrir a garrafa, passando os olhos pelo meu corpo devagar, memorizando cada curva.

— Eu sabia que vocês combinavam bem... — Mostra-me o champanhe em uma taça e caminha até onde estou. — Refinadas, borbulhantes, NACIONAIS - ACHERON

transparentes e... — desliza a alça do meu sutiã, abaixando o bojo, deixando meu mamilo de fora — rosadas.

Ele derrama o líquido da taça sobre meu seio descoberto. Sorri, safado, antes de abocanhá-lo, lambendo o líquido borbulhante sobre minha pele, chupando meu mamilo com força.

— Combinação perfeita! — Volta até onde estava.

Estou com a respiração ofegante, sentindo minha calcinha completamente molhada e não por causa do líquido que escorreu pelo meu corpo. Arrumo o sutiã antes de dizer:

— Eu estou em desvantagem aqui. — Aponto sua roupa sobre seu corpo.

— Ah, não... — Puxa-me para si. — Primeiro vou arrancar mais gemidos seus, depois tiro minha roupa. — Abre o fecho do meu sutiã e o tira de vez. — Não se preocupe, temos a noite toda pela frente!

O Mascarado toca meu corpo com reverência, sentindo a textura de minha pele, aquecendo-a com o calor de suas mãos. Nossos olhos estão fixos um no outro, e eu consigo sentir sua respiração quente em meu rosto.

Ele arranha minha pele com sua barba, arrastando-a pelo meu pescoço, cheirando meu perfume no percurso, e quando chega ao meu ombro, dá uma pequena mordida nele.

— Vire de costas — ouço-o pedir baixinho e concedo.

Ele se afasta de mim e, quando volta, sinto-o prendendo meus cabelos no alto da cabeça com algo, uma caneta ou um palito.

Assim que sinto sua língua deslizar pela minha nuca exposta, fecho os olhos, entregando-me à sensação que faz com que meu corpo inteiro se arrepie e o tesão aumente consideravelmente.

As suas mãos estão em meus seios,
NACIONAIS - ACHERON

massageando-os, beliscando meus mamilos, enquanto ele não para de depositar beijos sobre minhas costas.

— Deliciosa! — ouço-o dizer.

Ele começa a descer pela minha coluna, arrastando seus lábios e passando sua língua em alguns pontos. Suas mãos, na parte da frente do meu corpo, acompanham-no, e, enquanto seus beijos molham a base da minha coluna, uma delas invade minha calcinha, indo direto ao centro do meu prazer.

— Sim...! — imploro um tanto chateada por não ter um nome para chamar, mas minhas regras foram claras, e eu vou continuar mantendo-as.

Os dedos dele brincam com meu clitóris rápida e intensamente, buscando lubrificação dentro de mim e voltando a repetir os movimentos. Eu já estou enlouquecida por ele, por sua boca e suas mãos, deliciando-me com seu toque.

Nem percebi que ele baixou minha última peça; somente quando sinto sua língua quente deslizando entre minhas nádegas é que me dou conta de que a calcinha já está embolada aos meus pés.

As minhas sensações são incríveis, e isso me surpreende, pois sou uma mulher vivida, já tive alguns relacionamentos com homens experientes, mas nada comparado ao que ele me faz sentir. É uma mistura de tesão, loucura, medo e, principalmente, curiosidade. O fato de não sabermos a identidade um do outro faz com que esse encontro seja como uma aventura, algo fora do comum, e é isso que faz com que tudo seja mais pungente.

— Vem comigo! — Ele se levanta e estende a mão para mim.

Caminho com ele até a cama.

— Estava delicioso — revelo e recebo um beijo por isso.

— Ainda nem começamos...

Ele me faz deitar de costas na beirada da cama e, em seguida, ajoelha-se entre minhas pernas. Confesso que isso me deixa um tanto constrangida, mas quando lembro que ele não sabe quem eu sou, fecho os olhos, esperando o que ele pretende fazer.

Minhas pernas são abertas ao máximo, e eu escuto-o respirar fundo e gemer. Alguns momentos se passam sem que eu sinta nada. Então um líquido gelado e borbulhante se encontra com o quente que molha meu sexo.

Eu rio ao sentir o champanhe molhando tudo, mas paro assim que ele começa a *bebê-lo* em mim. O que é isso?

A sensação da língua quente lambendo o líquido gelado sobre meu corpo é indescritível, fazendo-me sentir ainda mais intensamente todos os movimentos que ele, muito experiente no assunto, faz para me enlouquecer.

— Isso está... — começo a falar, mas não consigo continuar. Em minha mente só se passam frases dignas de algum escritor de pornô, e eu me sinto ainda muito travada para dizê-las. Meu cérebro está cheio de: “chupa mais forte”, “quero gozar na sua boca”, “me fode”... Oh, meu pai...

As carícias param, e eu abro os olhos, pronta para protestar, mas o encontro cara a cara comigo. Ele lambe os lábios e em seguida me beija, e eu sinto o gosto do champanhe misturado ao meu próprio prazer.

— Eu disse que você era perfeita para essa bebida! — Vira um pouco mais da taça sobre meu corpo, e o champanhe se acumula em meu umbigo. O descarado sorri como o próprio demônio, safado e cheio de malícia, antes de começar a sugar o líquido.

— Hum, isso não é justo, sabe? — comento me contorcendo sob ele. — Só você está bebendo...

Ele gargalha.

— Quer experimentar?

Eu faço que sim.

O homem se põe de pé à minha frente e, sem tirar seus olhos dos meus, começa a retirar o smoking. À medida que cada peça é retirada, eu me levanto mais na cama, admirando sua pele morena e seus músculos muito bem trabalhados.

Uma camada de pelos negros e bem aparados cobre seu peitoral e desce em linha até desaparecer debaixo de sua cueca preta. Ele começa a tirar a peça, mas eu tenho outra ideia sobre isso.

— Não! — impeço-o, sentando-me na beirada da cama. — É minha vez de sentir se o gosto de sua pele combina com a bebida.

Passo minhas mãos pelo seu abdômen duro, sentindo os pelinhos espetarem minha palma. A pele dele é quente e macia, seu perfume — masculino e marcante — o deixa ainda mais

irresistível. Eu deslizo minha língua pelo caminho de pelos, parando no cóis da cueca.

— Gosta de viver perigosamente? —
questiono, e ele franze a testa, sem entender.

Eu me estico e alcanço o balde de gelo, e, assim que ele percebe minha intenção, ouço sua gargalhada ressoar pelo quarto.

— Faça o que quiser comigo...

Fecha os olhos ainda com um sorriso nos lábios.

Eu abaixo a cueca de uma só vez e não me decepçiono ao ver seu pau tenso e duro brilhando com sua lubrificação quente.

Antes de começar a brincadeira, decido prová-lo um pouco e abocanho seu membro de uma só vez, até o fundo da minha garganta, antes de fazer o caminho de volta sugando-o sem parar.

Os gemidos dele são incríveis e contribuem para me deixar ainda mais molhada e à espera.

Acelero os movimentos, nunca deixando de sugá-lo, intercalando lambidas e chupando freneticamente como há muito não tinha vontade de fazer.

Afasto-me, e ele leva uma de suas mãos até seu pau e começa a se masturbar, para meu deleite. O Mascarado é bruto consigo mesmo, gosta de se tocar com força, rápido e apertado. Eu enfio um cubo de gelo na boca e, em seguida, passo minha língua gelada na cabeça do seu pau.

Ele para e geme. O safado gosta disso!

Eu o tomo inteiro novamente, brincando com o cubo de gelo na boca enquanto seu pau entra e sai.

— Eu quero te comer assim... — Aumenta a velocidade e espreme o gelo na minha garganta. — Agora.

Olhamo-nos, e eu balanço a cabeça, aceitando.

Ele me pega pela cintura e me joga na cama, de quatro. Eu confesso que fico um tanto temerosa,

mas relaxo ao escutar a embalagem da camisinha sendo rasgada.

Mais uma vez ele me beija, lambendo meu ânus e colocando a língua dentro da minha vagina.

— Espero que goste...

Antes que eu pergunte do que ele fala, sinto os cubos de gelo sendo – literalmente – enfiados dentro de mim.

Ai, meu Deus! A sensação é estranha, mas muito, muito excitante, e o Mascarado parece se divertir com a brincadeira. Suas mãos estão segurando meus quadris com força enquanto ele apenas esfrega seu pênis em mim. Ele brinca fazendo círculos entre minhas dobras, lubrificando seu pau com a camisinha e o passando bem no meio das minhas nádegas.

Eu já estou completamente louca com isso, com o gelo derretendo dentro de mim e com ele brincando. Então, sem avisar, ele se afunda,
NACIONAIS - ACHERON

fazendo os cubos gelados sacudirem dentro de mim, estocando com força e sem parar.

Fecho os olhos e gemo com vontade, apenas deixando meu corpo ser saciado por ele, deixando-o me conduzir nessa dança primária.

— Você é muito gostosa! — ele geme, enquanto eu me seguro nos lençóis para manter minha posição, tamanha a força e velocidade dele.

Sinto todo o meu corpo acordar, as sensações de prazer há muito esquecidas tomando cada fibra, cada nervo, cada músculo. Meu Mascarado se inclina sobre mim, suas mãos segurando-me pela cintura e sua voz rouca e sensual gemendo e falando bobagens.

— Continua...! — eu imploro quando sinto-o desacelerar os movimentos, mas ele não me atende e sai de mim.

Novamente sua boca cobre meu sexo inundado de prazer, quente, sem nenhum vestígio das pedras
NACIONAIS - ACHERON

de gelo que lá estiveram. Eu desabo na cama, sentindo minhas pernas trêmulas e a respiração ofegante.

Ele me vira de frente e, com um sorriso incrível nos lábios, chupa meu clitóris com força, sempre mantendo contato visual, seus olhos cor de chocolate e sombreados pela máscara fixos nos meus enquanto me enlouquece com a língua.

— Eu vou gozar... — aviso-o com um sorriso vitorioso.

Fecho os olhos e seguro em seus cabelos, mantendo-o naquele ponto maravilhoso de prazer. Quando o orgasmo toma meu corpo, balanço meus quadris contra sua boca, delirante, sentindo o corpo inteiro contraído e meu sexo pulsando, quente e molhado.

Abro os olhos e o encaro a poucos centímetros de mim.

— Melhor do que o champanhe... — O
NACIONAIS - ACHERON

descarado lambe os lábios e depois me beija, enfiando em minha boca a mesma língua que me levou aos céus. Eu a sugo, sentindo o sabor do meu gozo, adorando sua safadeza e o quanto isso me faz sentir uma mulher poderosa. — Pronta para mais?

— Sempre! — respondo me sentindo fatal.

Ele ri e, sem sair de cima de mim, penetra-me novamente, levantando minhas pernas ao máximo, depois apoiando-as em seus ombros.

Dessa vez seu ritmo é mais lento, mas ainda assim profundo. Ele rebola gostoso, fazendo seu pau girar dentro de mim, tocando-me em toda as áreas possíveis. E me beija... faminto, desesperado, delicioso.

Eu seguro seu lábio inferior com os dentes, pronta para gozar mais uma vez. Recebo em troca um gemido e estocadas mais rápidas e profundas.

Estou ensandecida de tesão. A temperatura ferve dentro do quarto. Estamos suados, melados

NACIONAIS - ACHERON

por causa do champanhe e do suor, mas completamente entregues a esse momento de luxúria.

Empurro-o para longe, jogando-o de costas contra o colchão. Há muito tempo não me sinto tão mulher, tão poderosa, e eu quero cavalgar como uma verdadeira amazona sobre ele. Ele segura seu pau ansioso por mim e, quando eu subo em cima dele, descendo devagar, centímetro por centímetro, vejo-o fechar os olhos e morder os lábios. Isso me deixa completamente fora de mim.

O homem demonstra todo o tesão que sente, e eu começo a me mexer sobre ele. Suas mãos já estão em meus seios, provocantes. Ele acompanha cada um dos meus movimentos. É delicioso estar assim, no controle, ditando o ritmo, podendo observar o quanto ele aprecia o que eu faço.

— Rebola gostoso...! — pede-me em desespero.

Eu gargalho, aumentando a velocidade, movendo meus quadris sobre os seus para cima e para baixo, para um lado e para o outro. Ondulo meu corpo e jogo meu tronco para trás, apoiando minhas mãos em seus joelhos, completamente empalada pelo seu pênis.

— Caralho, você me mata rebolando assim no meu pau! — ele mal termina de dizer isso e se senta na cama, segurando firme em meus cabelos, que já estão soltos novamente, pois o que ele usou para prendê-los caiu durante nossa maratona.

Eu consigo senti-lo batendo fundo em meu interior, mas o tesão é tão grande que não sinto nenhuma dor ou desconforto. Ele me espreme contra si, beijando meu pescoço, sugando meus mamilos.

Sinto uma pequena descarga elétrica na base da minha coluna antes de ser envolvida por mais um gozo fenomenal, e, dessa vez, a julgar pelos

NACIONAIS - ACHERON

gemidos descontrolados dele, nossos orgasmos acontecem ao mesmo tempo.

Imediatamente após isso, ele tomba no colchão, levando-me consigo. Eu escondo meu rosto na curva do seu pescoço, cansada, tentando recuperar o fôlego e um pouco da sanidade. Deus, esse homem me destruiu! Quem precisa de academia? Devo ter queimado todas as calorias extras das férias! Dou uma risada, e ele me aperta.

— É melhor eu retirar o preservativo antes que aconteça...

Saio de cima dele, assustada, querendo conferir se o látex aguentou tantos movimentos bruscos. Fico aliviada ao ver a camisinha intacta, cheia de esperma em seu reservatório. Uau, que loucura!

Fico deitada enquanto ele se levanta e vai para o banheiro. Agora, com meu corpo saciado e meu cérebro funcionando sem a nuvem da luxúria, penso na loucura que é estar aqui com um homem

que não conheço. Giro na cama, ficando de bruços, com a cabeça enfiada no colchão, tentando avaliar a noite.

— Hum... — escuto-o. — Que cena tentadora. — O colchão afunda ao meu lado, e eu sinto suas mãos deslizando sobre minha bunda. — Eu estou enchendo a banheira.

— Perfeito! — murmuro, virando o rosto para olhá-lo.

— Tudo bem? — Ele sorri e faz menção de tirar a máscara.

— Não! — Levanto-me como uma flecha e o impeço de fazê-lo. — Nós combinamos, sem rostos, sem nomes!

Eu o vejo enrugar a testa, mas em seguida ele dá de ombros, sorrindo safado.

— Então vem para o banho comigo. — Estende a mão. — Ainda temos mais algumas horas para aproveitar o mistério.

Entrelaço meus dedos nos seus e o sigo.



Acordo assustada, ouvindo o barulho alto da sirene de alguma ambulância. Fico um tanto desorientada, mas logo depois de ver o homem deitado ao meu lado, sorrio ao me lembrar da loucura da noite, mas sem nenhum arrependimento.

Olho para o relógio no pulso do meu companheiro, um Rolex de ouro do último modelo, e tomo meu segundo susto seguido: são quase 6h da manhã! Eu preciso sair daqui e nem sei se a maldita boate ainda está aberta para que eu possa recuperar meu celular. Levanto-me sem fazer barulho, conferindo que a máscara sobre meu rosto está torta, porém, ainda permanece ocultando minha face. Coloco o meu vestido sem nenhuma roupa íntima por baixo, calço meus sapatos e resgato

minha bolsa.

Fito o homem adormecido na cama, admirando seu corpo trabalhado, a cor morena de sua pele, seus cabelos negros com alguns poucos fios grisalhos. Respiro fundo ao pensar que eu gostaria de tê-lo conhecido em outra ocasião, mas, embora tenhamos tido uma tórrida noite de sexo, não conversamos sobre nada pessoal e, seguindo minhas próprias regras, não sabemos nem mesmo o nome um do outro.

Percebo um bloco de notas e uma caneta em cima de um móvel e vou até lá, escrevendo uma nota de despedida e agradecimento pela noite. As lembranças da segunda e terceira vez em que fizemos sexo, inclusive no chão do quarto, invadem-me e, sem pensar, acabo fazendo minha rubrica no papel.

Pego o bilhete para rasgá-lo, mas depois rio de minha paranoia, afinal, minha rubrica é um simples

NACIONAIS - ACHERON

M que ele com certeza irá associar ao apelido pelo qual me chamou a noite toda: *Misteriosa*.

Eu não tenho praticamente nenhum contato profissional aqui nos Estados Unidos, o que faz com que um encontro entre nós seja uma possibilidade muito remota.

Ponho o bilhete sobre o travesseiro no qual estava deitada e deixo o quarto.

A boate está vazia, assim como todo o prédio do hotel, porém, as funcionárias do credenciamento ainda estão por aqui, o que é um enorme alívio. Cumprimento-as e lhes entrego o cartão e a máscara. Nenhum consumo, além do mínimo, foi debitado em meu cartão. Faço o pagamento da taxa e recebo meu telefone de volta, lacrado e desligado.

— A máscara é cortesia. — Ela estende o objeto de volta. — Deseja levá-la?

Olho para a linda máscara veneziana negra e rendada e a pego. Um *souvenir*! Uma lembrança de
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que, por uma noite, eu fui uma mulher sedutora e desejada.

NACIONAIS - ACHERON



Um ano depois.

O mundo está de cabeça para baixo, só pode!

Eu me sento à minha mesa na sala que ocupo há alguns anos no escritório de arquitetura da minha família no bairro Pinheiros, na capital paulista. Desde que cursei a faculdade, eu trabalho aqui, na Boldani Arquitetura, e apesar de começar a ter meus próprios projetos independentes, como o haras que projetei para o Nick, nunca pensei em deixar a segurança do meu sobrenome nesse ramo.

NACIONAIS - ACHERON

Balanço a cabeça ao pensar no Nick. Ele e minha amiga – quase irmã – Giovanna Villazza se envolveram, apaixonaram-se e até ficaram noivos, então o segredo sobre o nascimento dela veio à tona, mostrando-se tão obscuro que os separou. Ela foi ao chão, e Nicholas também não está lidando bem com isso, mas ainda espero que os dois possam se reconciliar. Gio errou ao se aproximar dele daquela forma, mas tenho certeza de que ela o ama de verdade.

Eu a vi no hospital no dia em que passou mal, pois o Frank me pediu para ficar com ela alguns instantes. Desde aquele dia eu tenho me mantido próxima e sei que, apesar de estar seguindo em frente, ela ainda está muito machucada por tudo.

Tentei falar com o Nicholas, mas ele me pediu para que não tocasse no assunto e, cada vez que eu me fazia de esquecida e falava de Giovanna, ele se afastava mais de mim. Eu o conheço há muito

tempo e sei como ele é com essas coisas de honestidade e verdade.

Pego o minipinheiro de Natal em cima da minha mesa, lembrando que menos de um mês nos separa desse feriado e que, no final de janeiro, será meu aniversário de 40 anos.

Caramba! Eu vou fazer 40 anos! Faço uma careta, tentando afastar todos os pensamentos pejorativos que uma mulher que chega a essa idade na minha situação enfrenta. Solteira, sem filhos, sem família... O mundo está moderno, eu sei, mas ainda existe muito tabu com relação à idade de uma mulher e o que é esperado dela.

Penso que, se eu tivesse escolhido essa situação para mim, como muitas mulheres o fazem, eu estaria, sim, equilibrada e satisfeita, mas não é o caso. Eu sempre quis amor, um companheiro, filhos... porém, desperdicei anos e energia com um homem impossível. Pois bem, agora, como uma

NACIONAIS - ACHERON

boa arquiteta, preciso achar um jeito de reformar meus sonhos.

Abro minha bolsa e retiro um *folder* que peguei essa manhã na clínica médica onde faço meus exames. Leio o título da matéria principal do informativo: *Reprodução assistida – o sonho de ser mãe pode se tornar real*.

Há algum tempo eu vi uma reportagem sobre uma artista que, após completar 40 anos, decidiu fazer uma produção independente para ter um filho. Eu nunca havia pensado nisso, mas agora, com meu aniversário se aproximando, o peso de meus óvulos também estarem completando 40 me faz enxergar que essa é minha última chance de ter uma família.

Sei que ter um filho sozinha irá complicar – e muito – minha vida profissional, pois eu praticamente vivo no escritório, debruçada sobre pranchetas ou fazendo modelagens e apresentações no *Revit*. Tirar um conceito do *AutoCad* e

NACIONAIS - ACHERON

desenvolvê-lo em 3d é trabalhoso, demanda horas, mas o resultado é o mais próximo possível da realidade que o cliente pode ter. Eu terei de diminuir o ritmo de trabalho, mudar-me para um apartamento maior e pensar em babás, creches, escolas. Tudo sozinha.

Guardo o folheto para lê-lo mais tarde e abro meu laptop diretamente na intranet, vendo um memorando do diretor do escritório, meu pai, endereçado a mim. Pelo título, sei que vou me irritar bastante, então o ignoro e abro meus programas de desenho para continuar trabalhando nos projetos que iniciei.

Fico horas assim, desenhando, calculando, fazendo pesquisas em revistas e sites do ramo, nacionais e internacionais, esboçando ideias para apresentar ao cliente. Quando sinto minha vista arder, retiro os óculos e fecho os olhos, tentando relaxar. Então, inconscientemente, meus

NACIONAIS - ACHERON

pensamentos viajam até Nova Iorque, a uma noite qualquer de um ano atrás, quando eu conheci um homem que conseguiu extrair toda a tensão do meu corpo, da minha mente e, quiçá, da minha alma.

Sorrio ao me lembrar da cara de espanto da Pietra ao saber que fui ao tal clube e do meu total assombro quando ela me mostrou, sobre o balcão da cozinha, os tais convites que havia separado para mim. Foi então que eu soube que ela havia sido convidada para aquele evento, pois era sócia da tal boate, e que o nome registrado por lá, naquela noite, fora o dela.

Ela quis saber detalhes da minha noite, mas eu não estava disposta a revelar que passara horas sendo degustada, comida e fodida por um homem desconhecido e sem rosto. Ela iria mandar me internar!

Mesmo Pietra tendo me aconselhado a ter diversão naquela noite, com certeza o que

NACIONAIS - ACHERON

aconteceu nem lhe passou pela cabeça. O que minha prima pensa que fiz, foi conhecer alguém, conversar e passar a noite com ele. O normal. Bem diferente do que fiz, na verdade. Aquela noite foi minha, e seus detalhes e memórias são exclusivamente meus.

Eu fiquei sabendo de lugares que promovem esse tipo de “festa” aqui no Brasil, então tomei coragem e acabei indo a um deles, porém, ao chegar lá, senti-me muito estranha. Não havia um moreno bonito sentado perto do bar, nenhum homem se aproximou para sugerir uma bebida que combinasse comigo. Enfim, descobri que o que eu queria não era mais encontros como aquele, mas sim mais encontros *com ele*.

Conformei-me, então, a seguir a vida, continuei saindo, tive um ou dois encontros que não levaram a lugar nenhum, cuidei do meu cão, visitei minha família, dei apoio aos meus amigos. Tudo normal

no mundo de Melissa Boldani.

Escuto baterem à porta, e Tânia, minha assistente, aparece.

— Mel, o doutor Julio quer conversar com você na sala dele.

Eu suspiro, conformando-me em ter de falar novamente daquele assunto: a Parker Publicidade.

— Me dê uns minutinhos e eu já vou... — Faço uma careta para ela, que sorri, compreendendo.

— Quer um café para ajudar?

Ai, a Tânia é uma fofa!

— Não, obrigada! — Levanto-me. — Preciso apenas de água bem gelada. — Abano-me. — O verão virá forte esse ano!

Acompanho-a para fora da sala, rumo à cozinha. Ela me conta sobre o que viu no jornal acerca da previsão do tempo, mas de repente fica quieta.

— O que foi?

Ela me olha sem graça, e eu escuto as vozes sussurradas dentro da copa:

— É sério! O homem estava apavorado com os projetos dela! — reconheço essa voz imediatamente: Carlos Antunes, um dos arquitetos contratados pelo escritório. — Chegou a me perguntar se ela é recém-formada, sem experiência! — Franzo o cenho, mas sigo adiante, evitando me contaminar com as fofocas dele. — Agora, sim, vão ver que ela não tem o talento do pai...

Minha nuca se arrepia ao ouvir essa última frase, e eu encaro Tânia.

— Ele está falando de mim?

Minha assistente fica visivelmente sem graça e vermelha, e eu tenho minha resposta, mas ainda assim não consigo entender do que ele está falando.

— Tânia... — insisto com ela.

— Mel, é melhor você conversar com seu pai.
— Arregalo os olhos. — Ao que parece, o babaca

do Carlos já está espalhando pelo escritório sem se importar se você já está sabendo ou não.

— Sabendo do quê?

Ela aponta para a porta da sala do meu pai, e eu não enrolo mais, indo até lá sentindo meu sangue fervendo.

— Mel! — Ele se levanta assim que me vê e pede a sua assistente para sair e nos deixar a sós. — Sente-se, filha, como está?

— Pai, sem rodeios. — Ele ergue as sobrancelhas. — O que o enjoadinho da Parker quer agora? Vamos ver... — Eu finjo pensar. — Ele quer uma piscina no último andar? Não! Claro que não é isso! — digo com ironia. — Ele quer uma minifloresta em cima de seu prédio?

— Mel... — Julio começa a me repreender.

— Pai, o homem muda de ideia sobre o projeto como quem muda de roupa! Eu nunca vou terminá-lo desse jeito! Além do mais...

— Nós pensamos sobre isso, filha — interrompe-me. — E chegamos, seu tio e eu, ao consenso de que é melhor substituírmos a equipe.

Isso me pega desprevenida.

— Substituir a equipe? — Rio. — Minha equipe é ótima! — defendo-a.

— Sim, ela é, mas o senhor Carter pensa que talvez vocês ainda não tenham entendido a essência da Parker.

— Essência?! — Não acredito no que estou ouvindo. Que porra é essa de essência?! — Pai, o homem nos fez mudar todos os pontos de elétrica e lógica do projeto por causa daquela loucura de substituir o jardim de inverno por um espaço multiuso de concreto, sem nenhum verde! Além disso, ele tirou toda a delicadeza da construção...

— Mel, eles são assim! Jardim de inverno para eles é ter 15 metros quadrados sem serventia, ou seja, mais de 150 mil reais desperdiçados! — Eu

bufo, indignada com isso. — Eu sei que, por você, São Paulo não seria somente concreto, mas, filha... — cochicha — eles são americanos!

— Ele solicitou nossa substituição?

— Não diretamente. — Dá de ombros. — Apenas deu a entender que nosso prazo para apresentar o projeto pronto está se esgotando. Carlos e eu conversamos...

— Carlos?! — Eu não acredito que aquele filho da puta convenceu meu pai a me tirar esse projeto!

— Sim, o Carlos. — Suspira. — Mel, você precisa de uma pausa, filha. Depois daqueles dias que você ficou na Itália, parece que voltou ligada na tomada. Fez um belíssimo trabalho com o projeto de reforma do prédio da Rede Villazza, ficou virando noites e noites com todos os projetos que eu acumulei na viagem que fiz com a Hilda. Fazer pressão com um projeto de reforma complicado como esse da Parker é injusto com

NACIONAIS - ACHERON

você.

Eu começo a rir, meio enlouquecida, pois meu pai *nunca* teve problema em me pressionar no trabalho. Ele sabe que eu dou conta! Penso no Carlos Antunes, e meu sangue ferve. Homens!

Saio do escritório de meu pai como se estivesse possuída e sigo direto para a sala do Antunes. O babaca está lá e, assim que me vê entrar, dá-me um sorriso irônico.

— Espero que não se importe com isso, Mel. Só fizemos o que é *melhor* para a empresa...

— Para com o teatro! — digo, séria. — Eu não nasci ontem, Carlos. Eu sou uma mulher lutando nesse mundo onde os homens acham que nós não temos capacidade para projetar grandes construções. Estou neste escritório desde que você ainda pensava em fazer faculdade e já lidei com muita gente que, com voz doce e boas intenções, só querem puxar nosso tapete!

NACIONAIS - ACHERON

— Mel, minha querida, você está nervosa. — Ele se senta na beirada da mesa. — Essas suas descompensadas é um dos motivos de seu pai ter tirado a Parker de você, além do fato do Carter achar que você não tem know-how suficiente.

— O quê?!

Cerro os punhos, tentando me controlar para não dar uns bons tapas na cara desse filho da puta. Eu deveria ter entrado nos treinamentos de MMA com a Giovanna!

— É, foi o que ele disse por aí... — Encara-me e sorri. — E, bem, isso podia afetar a reputação do escritório...

Eu não escuto mais nada. Saio da sala dele batendo a porta, passando como um raio pela Tânia e me trancando na minha sala. Só pode ser sacanagem! A vida inteira eu lidei com pessoas comparando meu trabalho com o do meu pai, tido como um dos melhores arquitetos do Brasil. Há

NACIONAIS - ACHERON

alguns anos, depois de finalmente mostrar meu estilo e ser reconhecida por isso, eu afastei essa sombra, mas agora...

Grito de raiva, pensando no que aquele americano nojento ficou falando do meu trabalho por aí. Eu nunca fui insegura, mas sei que, nesse meio, as pessoas mais aplaudem um malfeito do que tentam ignorá-lo.

Olho para a minha estante, ao fundo da minha sala, repleta de plantas pendentes e prêmios. Pego o telefone e ligo para a mesa da Tânia.

— Tânia, você pode conseguir uma bolsa grande para mim?

Ela fica muda uns instantes, provavelmente tentando adivinhar para que eu quero isso.

— Há um jogo de malas...

— Ah, sim. Pegue a maior, por favor.

Desligo o telefone e começo a retirar os prêmios do armário.

— Mel? — Tânia me chama com a mala na mão, olhando-me com curiosidade. — Você vai nos deixar?

Eu rio.

— Não, Tânia, não se preocupe com isso!

Pego a mala pensando no que ela me perguntou. Por muitas vezes, ao ouvir as comparações e cobranças por eu ser a filha de Julio Boldani, pensei em deixar o escritório, mas nunca o fiz. Primeiro porque isso aqui é um legado meu também, afinal, sou filha dele, mas principalmente porque estive aqui envolvida com esse negócio toda a minha vida. Não vou desistir assim tão fácil, não!

Coloco na mala todos os prêmios que recebi desde que pude assinar meu primeiro projeto, após a graduação, sob o olhar curioso de Tânia. Sei que estou sendo irracional, até mesmo imatura, mas sabe o que mais? Cansei de ser a mulher boazinha que engole desaforo, a “mosca morta”, como minha

NACIONAIS - ACHERON

mãe por vezes me chama. É hora de dar um basta nisso! Fecho a mala e olho decidida para Tânia.

— Vou dizer a você, mas não diga a mais ninguém, ok? — Ela assente. — Vou finalmente conhecer o cliente enjoadinho!

Ela arregala os olhos, olhando da mala para meu rosto como se pensasse que fiquei louca.

— Mel... pensa melhor... — Ela se aproxima. — Isso pode prejudicar...

— Chega, Tânia! — Arrasto a mala pela sala. — Já engoli muito sapo por medo de prejudicar a empresa. Hoje é dia do grito de independência!

Saio da sala marchando sem olhar para os lados. O prepotente senhor Adam David Carter nunca se deu ao trabalho de comparecer a uma reunião quando minha equipe e eu estávamos presentes, pelo contrário, o filho da puta só trata diretamente com o meu pai. Pois bem, o babaca vai aprender hoje com quantas linhas se desenha um

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

projeto!

NACIONAIS - ACHERON



Estaciono o carro em um prédio-estacionamento e sigo a pé até a Paulista, onde fica o prédio com o escritório provisório da Parker. Estive lá algumas vezes, em reuniões com secretários do Carter, e já conheço a recepcionista, porém, sei que, para falar diretamente com o enjoadinho, eu terei de dar uma de louca.

Entro no elevador chamando a atenção para a minha mala, que faz barulho por causa dos prêmios – de metal e vidro – jogados a esmo dentro dela. O trajeto até aqui deveria ter me deixado mais calma,

mas acho que tudo está entalado em mim há tanto tempo que eu simplesmente preciso descarregar tudo hoje.

O elevador para no 25º andar, e eu já saio dentro da Parker.

A recepcionista, Cristina, levanta-se com um sorriso para me receber.

— Senhorita Boldani! — ela me cumprimenta muito educadamente.

— Olá! — Respiro fundo. — O senhor Carter se encontra?

Ela franze o cenho, pois sabe que não há nenhuma reunião agendada para hoje.

— Ele acabou de sair de uma reunião e já está a caminho de outra! É algo urgente? Eu posso tentar encaixá-la para amanhã... — Ela se abaixa para pegar a agenda, e eu aproveito a deixa. Passo pela porta de vidro caminhando o mais rápido que posso, passando por entre as estações de trabalho

dos publicitários – alguns me olham com curiosidade –, indo em direção à porta ao lado da sala de reuniões onde já estive, a porta da sala da diretoria.

Abro-a de uma só vez e marcho sala adentro, pegando o desgraçado de surpresa, de costas e falando ao telefone, admirando a Paulista lá embaixo.

Ele se vira para me encarar, mas eu não me faço de rogada. Enlouqueci mesmo! Abro a mala e – literalmente – despejo todos os prêmios e congratulações que recebi ao longo da minha carreira, fazendo um barulho horrorosamente alto.

Se ele estava achando que eu estava trabalhando em seu projeto por ser filha do dono da empresa ou se pensava que eu era uma garotinha inexperiente, eu faço questão de lhe provar que não, que eu sou uma mulher muito competente e mereço respeito!

— *Mister Carter...* — Cristina está até sem fôlego, e eu lamento que talvez lhe tenha causado problemas. — Eu não consegui...

Eu o encaro pela primeira vez. Queixo erguido, cenho franzido e olhar malvado, mas, assim que meus olhos encontram os dele, sinto um frio na barriga, principalmente pela forma como ele me avalia, como se estivesse tentando descobrir quem eu sou ou...

— Obrigado, senhora Pires — ele diz em português perfeito, embora com um forte sotaque. — Eu resolvo aqui.

Não consigo parar de olhá-lo e apenas escuto a porta da sala sendo fechada, indicando que estamos a sós.

Ele olha para sua mesa, cheia de placas e troféus, franze o cenho e então me olha de novo.

— É uma bela coleção... — Pega uma das plaquinhas e lê meu nome. — Melissa M. Boldani.

Sua voz... Melissa, faça o que tem de fazer e vá embora!

— É mais do que uma coleção, senhor Carter — informo em português, embora tenha vindo preparada para gastar meu inglês com ele. — Eles contam um pouco sobre a minha trajetória profissional. Sobre o tipo de profissional que sou...

— Hum... — Ele analisa a bagunça em sua mesa.

— Eles são o reconhecimento de que eu, embora carregue o sobrenome do meu pai, não preciso ser carregada por ele, entende? Eu tenho meu próprio mérito!

Ele fica mudo e apenas me encara, cerrando seus olhos escuros, cor de chocolate.

— Eu não tenho dúvidas sobre isso, senhorita Boldani. E foi por esse motivo que lamentamos a senhorita ter que deixar nosso projeto para priorizar um mais antigo... — Ele levanta a sobrancelha, e eu

fico puta com tamanha cara de pau.

— O quê? É essa a desculpa que vocês combinaram sobre minha saída?

Ele sorri, e eu fico lívida. Imagens daquele sorriso, daquela pele morena, olhos cor de chocolate... Não, Mel. Você está louca! Contudo, o porte, o tamanho e até mesmo a proporção do corpo são iguais.

Além disso tudo, tem a voz... *Minha a noite toda para tudo o que eu quiser fazer com você.*

— ...ele me explicou que estava sendo muito difícil conciliar todos os projetos e, por sofrermos tantas interferências dos padrões das sedes já construídas, seria melhor um profissional que estivesse exclusivamente cuidando de nós. — Ele se interrompe, percebendo que estou muda e lhe olhando fixamente. — Algum problema?

— *No, I'm sorry. Can you repeat your explain, please?*¹

Ele estranha eu ter mudado para seu idioma, mas faz o que eu peço, explicando-me em inglês que Carlos sugeriu a mudança, pois ele poderia se dedicar exclusivamente aos projetos deles, seguindo os padrões americanos... No entanto, eu, que deveria estar bufando, puta com o espertalhão do Carlos, estou imóvel, com o coração prestes a sair pela boca.

Não pode ser! Sinto tudo começar a rodar e me lembro de que não parei para almoçar hoje e que saí como uma verdadeira Emily Thorne em busca de *Revenge*. Fecho os olhos e respiro fundo, esperando que um buraco se abra sob meus pés e que eu desapareça da frente desse homem... *daquele homem!*

Sem que eu me dê conta, sinto sua mão sobre meu ombro e ainda consigo ouvir sua voz, embora o som esteja longe e encoberto pelo zunido nos meus ouvidos. Olho-o novamente, mas a

NACIONAIS - ACHERON

confirmação de que ele é realmente quem eu penso que seja não vem somente de seu rosto, mas sim de seu cheiro, do seu perfume.

— Mas que merda... — Ao ver sua expressão divertida, eu percebo que não só pensei isso, mas falei em alto e bom som. Talvez ele ainda não tenha descoberto... Pensa, Melissa! — Eu sinto muito por ter invadido sua sala assim.

O sorriso charmoso que me fez admirá-lo há um ano, bebendo *Dry Martini* naquela boate, está pregado em seu rosto. Só pode ser sacanagem comigo! Quais são as chances?

— Penso que... — olha para a sua mesa, e eu me sinto uma idiota pela ceninha ridícula que fiz — houve algum mal-entendido.

Eu suspiro e concordo.

— Sim, sinto muito! — Afasto-me o mais rapidamente possível, pegando todos os objetos que despejei em cima da sua mesa — não sem antes

notá-lo abraçado a uma lindíssima mulher numa moldura de madeira talhada —, jogando-os de qualquer jeito dentro da mala. — Eu peço que me perdoe por isso. Realmente foi a melhor solução eu estar fora do seu projeto...

— Mesmo? — Parece surpreso. — Não me pareceu que a senhorita pensasse isso quando entrou aqui.

Eu me detenho e o fito, mas os seus olhos estão fixos em minha mão, e eu sei bem o que ele está vendo. O anel, o mesmo anel que eu usava naquela noite, cuja mão ele beijou antes de entrarmos no elevador. Não se lembre!

— Como o senhor disse, foi um mal-entendido. — Fecho a mala. — Eu sinto muito, e nós iremos compreender se decidir romper seu contrato conosco...

Caminho apressada para a porta e a abro sem nenhuma sutileza, demonstrando que estou em rota

NACIONAIS - ACHERON

de fuga.

— Senhorita Boldani! — ele me chama, e eu o olho. — *Nice to meet you*² ... — eu dou um sorriso sem graça e lhe viro as costas para fazer meu vergonhoso caminho de volta, mas sinto meu corpo gelar quando ele completa — *again*³.

Minha humilhação está completa! Ele me reconheceu!



— Mel, por favor, fale mais devagar! — Pietra grita do outro lado da linha.

Tento parar de tremer e bebo mais um enorme gole de vinho. Droga, Pietra está há quilômetros daqui e em um lugar com sinal péssimo, e Giovanna... bem, Gio ainda está cheia de problemas, e eu não quero jogar nenhum mais sobre ela. Eu só preciso contar para alguém e saber

se estou ficando louca. Era só o que faltava: óvulos querendo aposentadoria, e meu cérebro esclerosando!

A vida já não foi cadela o suficiente comigo? Por favor! Por que, em nome de Deus, o homem mascarado — que eu peguei aleatoriamente em Nova Iorque — tem de ser justamente o Adam Carter?

Minha cabeça está uma bagunça. Eu passei 12 meses gozando com a lembrança dele e, ao mesmo tempo, xingando-o de enjoadinho e outras expressões bem mais pesadas e pejorativas. O mesmo homem!

— Naquela noite eu fiquei com um cara...

— Imaginei isso, afinal, você apareceu aqui de manhã e sem calcinha! — Ela ri.

— Droga, Pie, o homem está aqui no Brasil! — minha voz sai desesperada.

— Ele está perseguindo você?

— Não. Ele é um executivo da Parker, Pie. — Ela gargalha, pois sabe que tenho xingado todos eles todos os dias. — Droga, Pie, isso é sério!

— Mel, se acalma e me conta qual é, de verdade, o problema!

Eu me sento, tentando fazer o que ela me pede e contar devagar alguns detalhes daquela noite. Excluo os detalhes mais íntimos, mas conto sobre a regra de não tirarmos as máscaras e de não dizermos nossos nomes.

— Uau! — Faço uma careta, pois sei que minha prima usa essa expressão quando está sem palavras. — Mel... você foi uma garota má! — E cai na gargalhada. — Imagino que ele tenha valido muito a pena!

— Valeu... — Suspiro, mas depois tento retomar o assunto sem me desviar com lembranças daquela noite. — Pie, nós temos um contrato com ele! Eu estive trabalhando para ele durante todos

NACIONAIS - ACHERON

esses meses...

— Ele reconheceu você?

— Acho que sim — informo desanimada.

Ela fica um tempo em silêncio.

— Mel, eu quero que você seja sincera comigo, ok? — Eu emito apenas um som em consentimento, pois sei que a pergunta que ela me fará será complicada. — Será que não é coincidência demais para ser ignorada? Sabe, vocês estarem se encontrando de novo... Acho que, se valeu a pena, você poderia investir...

— Pie, foi bom porque foi daquele jeito. — Lembro-me da foto em cima da mesa dele. — Além disso, não sei se ele está disponível para isso.

— Hum... Mas e se estiver?

Suspiro novamente, deitando-me no sofá, pensando naquela noite, analisando todos os relacionamentos que já tive e que deram errado.

— Eu não gostaria de estragar aquela

experiência, Pie. Eu não consigo manter um relacionamento...

— Besteira, Mel! — ela me repreende. — Você é a pessoa mais incrível que eu conheço! Sabe por que todos os seus relacionamentos naufragaram? — Eu seguro o fôlego, sabendo a resposta. — Você estava concentrada no homem errado!

Olho para o enorme quadro em minha parede. Eu comprei essa ilustração há alguns anos porque senti empatia pela pobre figura, sentada sozinha à mesa de um café parisiense enquanto as outras mesas estavam cheias. Se uma pessoa romântica olhar para a expressão dela, interpretará como sendo de tristeza e solidão, mas se uma pessoa prática a olhar, dirá que ela tem o prazer de usufruir de seu café e de sua leitura sem que ninguém a perturbe com conversas.

Eu, infelizmente, sou romântica. Sempre esperei um dia olhar para a imagem e levantar

NACIONAIS - ACHERON

minha própria xícara de café, saudando-a pela escolha que fizemos de estarmos sozinhas, mas até hoje eu não consegui fazer isso. Não sou uma alma solitária, que gosta de ser sozinha. Eu sou alguém que sente uma enorme falta de sua outra metade, se isso existir.

— Mel?

— Eu não sei, Pietra — confesso, sincera. —
Eu realmente não sei.



A caminho do escritório, nesta manhã, estou tentando ignorar a dor em minha cabeça e, confesso, em meu orgulho. Como era esperado, tive uma noite insone, pensando em que tipo de brincadeira macabra o destino está maquinando contra mim.

Eu desisti de ficar na cama e trabalhei em alguns projetos no computador, refinando detalhes, fazendo projetos paisagísticos – coisa que não faço, pois temos um profissional para isso –, tudo para me cansar e conseguir, enfim, conciliar o sono.

Entretanto, ele não veio. Então, como a boba que sou, abri uma garrafa de vinho branco, sentei-me de frente para a televisão e selecionei no *Netflix*, pela milésima vez, o filme *O melhor de mim*, do Nicholas Sparks. Resultado? Terminei a noite bêbada, com os olhos inchados de tanto chorar, mas consegui dormir por algumas horas.

Agora, duas aspirinas depois, minha cabeça martela como se houvesse um marceneiro louco habitando-a, e meu orgulho, avariado pela loucura de ontem, incomoda-me somente com a possibilidade do que já foi comentado sobre mim na empresa.

Paciência!

Entro com o carro na garagem da enorme casa onde fica a Boldani, um local projetado pelo meu pai há muitos anos e que demonstra o motivo pelo qual ele foi e é considerado um gênio da arquitetura.

A casa foi construída no formato de uma colmeia, com seis hexágonos ligados, sendo quatro deles com estrutura completa de escritórios e áreas de criação, um para área de convivência, copa e cozinha e o outro com a sala de reuniões e o escritório dos diretores – meu pai e meu tio, Tadeu. Em volta dessa casa tão única, há um jardim bem-cuidado, as garagens cobertas com capacidade para 10 carros e um estacionamento para visitantes. A entrada é simples, com um muro revestido de mármore italiano branco e o nome BOLDANI em aço escovado.

Desço do meu carro com orgulho – um BMW i3, um carro 100 por cento elétrico, compacto e perfeito para mim, embora eu receba muita gozação por causa dele – e pego minha pasta e alguns canudos com algumas pranchas de projetos que levei para casa e entro logo na recepção, cumprimentando as meninas que ficam do outro

NACIONAIS - ACHERON

lado do balcão, mas sem conversar com elas como faço todos os dias. Eu quero muito chegar à segurança da minha sala e só sair de lá quando for estritamente necessário. Covarde, eu sei!

Tânia se levanta assim que eu chego, assim como sinto os olhares de duas estagiárias que estão sob minha supervisão. Eu as cumprimento com a cabeça e passo batido para minha sala. Todavia, infelizmente, eu não tenho como ignorar minha assistente.

— Bom dia, Mel — ela parece reticente ao me saudar, talvez por causa do papel de louca varrida que interpretei ontem.

— Bom dia, Tânia! — Resolvo perguntar de uma vez: — Tudo tranquilo por aqui?

— Sim. — Ela põe alguns recados anotados em seus famosos *post-it* coloridos em cima da minha mesa. — Café?

— Não, obrigada! — Ela não sabe, mas já
NACIONAIS - ACHERON

tomei quase um litro dessa bebida tentando melhorar essa maldita ressaca. — Eu trouxe algumas plantas que estavam comigo, você pode levá-las de volta ao arquivo? — Ela assente e pega os canudos enquanto eu leio os recados. — A Isabella adiantou o assunto? — Estranho ver apenas um recado da minha meia-irmã me pedindo para ligar para ela em Curitiba.

— Não. — Dá de ombros. — Ela só me pediu para que você retornasse.

Balanço a cabeça assentindo, colocando aquele recado colado no meu laptop para ligar mais tarde para ela.

— Seu pai comentou alguma coisa sobre o Natal... — Ela ri e rola os olhos, e eu sei do que ela está falando, pois meu pai a sonda ano após ano para comprar meu presente. — Eu comentei sobre um certo casaco de cashmere que vi na loja da Burberry.

Eu gargalho, mas logo coloco os dedos nas têmporas, sentindo minha cabeça latejando.

— Obrigada pela dica! Eu realmente adorei aquele casaco! — Pisco, agradecendo. — Minha cabeça está me matando...

— Quer uma aspirina? — Nego. — Mel... — Eu a olho ao sentir que ela está sem graça com o que vai falar. — Não vai trazer os prêmios de volta? — Ela aponta para minha estante, tristemente vazia.

Bufo e fecho os olhos, pensando na mala cheia no meu apartamento e no meu orgulho ferido pelo papelão que desempenhei.

— Me desculpa por ontem, Tânia. Eu perdi a cabeça.

— Todo mundo surta em algum momento da vida, Mel. — Sorri, companheira. — Estou aqui há muitos anos e nunca ouvi você sequer levantar a voz para alguém, por isso te entendo. Mas não

fique preocupada, até agora não houve nenhuma repercussão... — Olha-me curiosa. — Você foi mesmo até lá?

O telefone toca, salvando-me de ter que contar a ela que sim e que paguei o mico do século. Tânia o atende e me olha com a testa franzida, deixando-me tensa.

— ...Sim, doutor Boldani. — Tento perguntar para ela o que é, mas ela está estática. — Pode deixar, assim que ela chegar peço para ir até o senhor.

Putaquepariu, ela mentiu para ele!

— Quão encrencada eu estou? — indago com uma careta.

— Eu não sei, Mel. — Dá de ombros. — Só sei que o doutor Julio está à sua espera na sala de reuniões com o Carlos e o representante da Parker.

Eu me levanto de olhos arregalados, como uma criança pega fazendo estripulia. Ferrou!



Tentei trabalhar, enrolar, pensei até em fugir, mas sou uma mulher adulta e tenho de arcar com as minhas atitudes. Não estou nervosa pelo que fiz ontem ao jogar meus prêmios – literalmente – na cara do Adam Carter, pois sempre tive noção de que isso poderia repercutir de forma negativa e irei assumir as consequências. O problema é a presença *dele* aqui. Adam Carter, meu Mascarado.

Tânia bate à porta e enfia a cara na fresta aberta pela terceira vez.

— Mel, não tenho mais desculpas no meu repertório, e a Bianca já esteve aqui duas vezes.

Meu pai já mandou a sua secretária atrás de mim, então eu não tenho mais como enrolar, pois da próxima vez ele mesmo virá. Respiro fundo, ajeito meu vestido no corpo, passo a mão pelos

meus cabelos, levanto o queixo e saio da sala.

Entro na sala de reuniões sem ao menos bater, e logo a presença do americano chama minha atenção quando ele se levanta para me saudar.

— Ah, finalmente! — Meu pai não parece nada feliz com minha demora.

— Desculpem o atraso. — Não vou dar nenhuma desculpa, pois não sei o que a Tânia disse. Tento não olhar para o homem vestido com um terno escuro do outro lado da mesa. — Qual é o assunto?

— A Parker — meu pai diz sério e logo em seguida se vira para Adam. — Senhor Carter, lhe apresento minha filha, uma das melhores arquitetas do escritório, Melissa Maria Boldani.

Tenho vontade de rolar os olhos com a apresentação, pois somente meu pai me chama de Melissa Maria, mas eu sei o quanto ele aprecia um nome composto e como gosta de ressaltar isso para

NACIONAIS - ACHERON

seus filhos. Meu irmão mais velho, falecido em um acidente de carro ainda criança, era Riccardo Giuseppe, e minha irmã mais nova é Isabella Cristina.

— É um prazer *finalmente* conhecê-la, senhorita Boldani. — Adam me olha fixo nos olhos, e sua voz sexy e muito rouca parece acariciar meu corpo, fazendo-me lembrar das coisas sujas que ele sussurrou ao meu ouvido. Em seu rosto há aquele sorriso charmoso e muito sensual exatamente igual àquele de um ano atrás, quando ele me ofereceu aquele champanhe no bar daquela boate.

Foco, Melissa! Eu estendo minha mão para cumprimentá-lo, parecendo profissional e segura. No entanto, sinto como se mil borboletas voassem dentro do meu estômago.

— Senhor Carter. — Toco em sua mão o mais rapidamente que consigo e, em seguida, tomo

NACIONAIS - ACHERON

assento à mesa.

— O senhor Carter sugeriu a reunião, Melissa, para que possamos dar continuidade aos andamentos do projeto. — Meu pai intercala olhares entre mim e Carlos. — Mas eu já expliquei a ele que, a partir de agora, a equipe que irá cuidar da Parker será exclusiva...

— Doutor Julio — a voz carregada de sotaque estrangeiro interrompe a fala de meu pai. — Eu creio ter havido um... — ele parece pensar na palavra que vai usar — *mistake*...

— Erro? — Carlos faz a tradução para ele, mas Adam nega.

— Engano? — meu pai chuta, e ele concorda, agradecendo.

— Um *engaño*... — Levanto a sobrancelha ao ouvi-lo falar em um espanhol perfeito, embora errando a pronúncia do português. Ainda é uma surpresa para mim que ele fale tão bem minha

NACIONAIS - ACHERON

língua... Minha mente desvia para pensar em nossas línguas juntas, e eu respiro fundo, tentando me concentrar. — Eu gostaria de continuar com os projetos da senhorita Boldani... — Eu o encaro assustada, e a surpresa com certeza não é somente minha, porque os olhos azuis do meu pai estão praticamente ejetados para fora das órbitas, e Carlos está literalmente de boca aberta. — Acho apenas que precisamos acertar alguns problemas ocorridos com a concepção do projeto.

Eu fico puta ao ouvir isso, pois novamente ele está dando a entender que eu não consegui desenhar o que ele queria.

— Problemas...? — questiono.

— Sim, senhorita Boldani. Infelizmente, a Parker possui um padrão e, mesmo que seus *diseños*⁴ sejam *maravillosos*⁵, nunca passariam pela aprovação de todos os diretores.

Meu coração parece querer sair pela boca ao
NACIONAIS - ACHERON

ouvi-lo elogiar meus projetos, mas ao mesmo tempo, penso se ele não está dizendo isso apenas por saber que eu sou a *Misteriosa* daquela noite.

— O problema é só esse? — Meu pai está com a testa enrugada e, disfarçadamente, lança um olhar ao Carlos. — Eu entendi que o senhor não havia aprovado o trabalho desenvolvido até aqui.

— Não, doutor Julio. — Encara-me. — O trabalho está perfeito. Para dizer a *verdad*, eu até insisti que a filial de São Paulo poderia ser diferente, o que foi aceito *em pedaços* — eu seguro minha vontade de rir da sua confusão de palavras, mas ainda o achando sexy falando em português, tentando conjugar os verbos certinho, mesmo ainda tendo algum *portunhol* no meio das frases —, desde que alguns conceitos importantes fossem mantidos.

— Desculpe-me... — eu peço a palavra antes de meu pai dizer alguma coisa —, mas então você

quer que eu continue no projeto?

— Sim... — Ele me encara. — *Eu ainda quero você...* no projeto.

Ai, meu Deus! Eu tenho certeza de que estou como um pimentão depois do que ele disse. Olho para a mesa, sem graça, torcendo para que nem Carlos, nem meu pai percebam minha reação.

Contudo, ainda assim estou curiosa. Será que entendi o duplo sentido corretamente? Será que ele está dizendo que quer repetir aquela noite?

— Senhor Carter, como nós explicamos, trabalhar com uma equipe exclusivamente no projeto de vocês — Carlos parece nervoso, querendo convencê-lo a deixar as coisas como estão — é o melhor para ambos os lados. Eu entendo que a senhorita Boldani seja uma ótima arquiteta, mas por isso mesmo, ela está com uma lista de afazeres...

— Como é mesmo seu nome?

Eu seguro um sorriso.

— Carlos.

— Carlos, eu vim até aqui para dizer que, se a senhorita Boldani *gostar* de continuar conosco, nós concordamos.

— Mel? — meu pai me chama baixinho.

Caramba! Eu devia estar fazendo a dancinha da vitória aqui em cima desta mesa, principalmente vendo a cara de derrota do Carlos, mas, agora que eu sei *quem* Adam Carter é, estou em dúvida sobre o real motivo pelo qual ele quer que eu continue a projetar a Parker SP. Eu sou muito orgulhosa e detesto apenas imaginar que ele me queira pelo que aconteceu entre nós e não por minha qualidade profissional. Além disso, trabalhar nesse projeto significa que terei contanto com ele, e eu ainda não sei se devo seguir por esse caminho.

— A decisão é sua, pai — deixo nas mãos dele.

— Eu tinha pensado que seria melhor para você

ter uma pausa... — Ele olha para Adam, que aguarda uma resposta. — Talvez se eu passar os seus outros clientes para as demais equipes...

— Pai, eu estou bem, não preciso de uma pausa... — Ai, merda! Estou lutando para continuar trabalhando com *ele*!

— Então está decidido, senhor Carter. — Eu respiro fundo. — A Melissa continua à frente dos projetos.

— Ótimo! — Ele sorri novamente, e eu derreto. Droga de sorriso charmoso dos infernos! Ele se levanta. — Eu gostaria de conversar com a senhorita. Podemos almoçar?

Meu queixo vai ao chão, e eu o encaro de olhos arregalados.

— Eu não vejo por que não — meu pai responde por mim. — Acho que assim nós iremos conseguir ajustar melhor o conceito, com contato direto.

Vejo os dois se cumprimentarem, bem como Carlos, que parece murcho e sem graça, e os dois saem da sala.

— Há algum restaurante favorito seu?

Eu ainda estou um pouco zonza com isso tudo, mas resolvo ser direta e franca com ele.

— O que significa isso?

— Almoço? — Ri de forma contida, fingindo-se de desentendido.

— Não, você sabe muito bem do que eu estou falando, *Adam Carter*.

Ele sorri abertamente agora.

— Eu acho melhor conversarmos sobre isso em um lugar mais... *private*?

— Reservado. — Ele assente, e eu tenho de concordar com ele. — Certo. — Consulto meu relógio. — Podemos almoçar amanhã, porque eu já tenho reunião agendada hoje...

— Jantar, então, hoje.

Respiro fundo mais uma vez, pronta para negar, mas ele se aproxima tanto que sinto até sua respiração morna em meu rosto e murmura:

— Busco você às 8h... — Pisca para mim. — Em sua casa ou aqui no escritório?

Péssima ideia, Mel, recuse!

— Eu não acho que...

— Sua casa ou aqui, Melissa?

Puta merda! Meu corpo inteiro reagiu ao ouvi-lo dizer meu nome. Estou encrencada!

— Meu apartamento. Eu moro...

— Eu sei onde. — Arregalo os olhos, assustada. — Eu fiz meu *homework*⁶.

Passa por mim e sai da sala, deixando-me completamente paralisada pela surpresa. Ele andou pesquisando sobre mim depois que deixei o escritório dele? Estou muito encrencada!

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



Ligo para Isabella e espero ela me retornar. Enquanto isso, penso que em poucas horas irei me encontrar com Adam. Eu estou ansiosa. Trabalhei o resto do dia tensa, sem saber o que ele gostaria de conversar comigo. Será que pedirá para eu esquecer? Será que ele quer relembrar? Eu simplesmente não sei, afinal, eu vi aquela foto em cima da sua mesa. E se ele me propor uma aventura mesmo estando comprometido? Eu nunca fiz isso, sair com alguém que já possui um relacionamento –

pelo menos não intencionalmente, sabendo da relação –, e não irei começar isso agora, então tenho de deixar as coisas às claras para ele. Se a tal mulher da foto for alguém em sua vida – esposa eu sei que não é, pois fiz questão de conferir sua mão, e não havia aliança nela –, nossa relação terá de ser puramente profissional. No entanto, e se ele estiver tão solteiro quanto eu? Eu rio da minha pergunta, já sabendo da óbvia resposta.

Eu tenho fantasiado com esse homem há um ano! Se eu soubesse seu nome, teria batizado meu vibrador com ele, de tanto que o utilizei com sua imagem em minha mente, com seus beijos, seu toque. Se houver a mínima oportunidade de ficarmos juntos novamente, mesmo que apenas por mais uma noite, eu com certeza irei aceitar. Seria louca se não o fizesse!

Na hora do almoço eu me reuni com duas clientes, donas de uma loja que está virando
NACIONAIS - ACHERON

franquia e cujos projetos a serem seguidos pelos franqueados eu planejei.

Depois, meu pai me chamou para conversar e me mostrou alguns desenhos que havia feito para a reforma da casa que comprou no litoral da Bahia. Eu ando desconfiada de que ele queira se aposentar e viver em eterna lua de mel com dona Hilda, mas ainda é difícil para mim imaginá-lo sentado à toa na beira de uma praia, pois meu pai sempre foi muito ativo.

Consegui, enfim, parar de pensar um pouco no jantar dessa noite e me concentrar no trabalho e, por isso mesmo, nem vi a hora passar. Só então me dei conta de que estávamos no final do dia, quando Tânia me lembrou de ligar para Isabella.

— Oi, Mel! — ela me atende. — Eu tentei falar contigo mais cedo, depois acabei entrando em uma audiência complicada. Tudo bem?

Minha meia-irmã, Isabella Villazza, é advogada
NACIONAIS - ACHERON

— uma das bem famosas, por sinal —, e mesmo tendo se casado com Frank, um rico empresário do ramo hoteleiro, continuou com seu escritório e seus clientes independentemente disso.

— Tudo bem, Isa. Eu também estive ocupada por aqui, por isso não retornei antes. O que houve?

— Ah, Mel... — Ela parece triste. — É aniversário da Giovanna nesse sábado, e ela anda tão desanimada por causa do seu término com o Nick que eu pensei em fazer alguma coisa para animá-la.

— Ela não tem um compromisso com aquele festival da CCCN⁷?

— É no outro sábado! — esclarece-me. — Eu acho que, se ela não estivesse tão envolvida com esse evento, estaria bem pior.

Sim, eu concordo com Isabella. Nick e Gio estavam noivos, e então tudo acabou. Giovanna é uma mulher forte, mas acho que teria desmoronado

NACIONAIS - ACHERON

se não fossem essas aulas que tem dado na Casa.

— O que você planejou?

Isabella ri.

— Todos estamos pensando em ir para São Paulo ficar com ela. Tony e Marina sugeriram arrastarmos a Gio para uma boate, e Frank concordou, mas acho que poderia ser uma coisa mais tranquila, pois não sei se ela está no clima...

— Acho ótima a ideia da boate! Ela precisa mesmo extravasar um pouco, deixar essa melancolia de lado.

— Sim, mas como vamos fazer isso?

Eu rio, pensando em qual desculpa terei de inventar para tirar Giovanna daquele *loft* e levá-la para uma noitada. Penso que talvez Lori e Tom, sócios da moça numa agência de publicidade, possam ajudar.

— Vou conversar com os amigos dela da Ello e ver se eles me dão uma mãozinha com isso.

— Ai, Mel, obrigada! — Isabella parece animada. — É tão ruim ficar aqui em Curitiba, longe dela. Ainda bem que ela tem você aí em São Paulo. Acho que por isso Frank está tão ansioso com a mudança para aí, sabe? Ele anda muito preocupado com a Gio.

Sim, merda, vocês vão se mudar para cá! É horrível querer que eles continuem longe, mas, como diz aquele ditado: *o que os olhos não veem, o coração não sente!* Eu tenho conseguido abafar, esconder o que ainda sinto pelo Frank, mas não sei como será depois que ele se mudar para cá e nosso convívio aumentar. Odeio-me por isso!

— Eu torço para que eles se acertem, Isa — declaro com sinceridade, embora evitando me pronunciar sobre a mudança deles para cá. — Eu sei que o Nick também está sofrendo muito.

— Ele não me deixou nem pronunciar o nome dela no dia em que o procurei para conversar. Eu

NACIONAIS - ACHERON

queria muito ajudá-los, afinal, Nick me deu muito apoio quando Frank e eu terminamos.

Fecho os olhos e tento não emitir som nenhum, mas sentindo meu peito doer. O término ao qual ela se refere foi provocado inconscientemente por mim, e depois, quando eu soube da nossa história e que ela era a mulher que Frank amava, eu participei, junto com Nick, da reconciliação dos dois.

— Sim... Isa, eu tenho que desligar agora, pois tenho um jantar de negócios...

— Tudo bem! Eu sinto saudades de você, Mel!

Ai, merda! Eu também tenho saudades dela e dos meus sobrinhos, mas...

— Eu ando ocupada por aqui, mas vamos nos ver no sábado! — Ela concorda. — Mande um beijo para os meus sobrinhos.

— Pode deixar! Até sábado!

Despeço-me e desligo, sacudindo a cabeça.

Tudo o que quero é, um dia, conseguir ser parte da vida deles como deve ser, sem sentir nada pelo meu cunhado, sem precisar me manter distante para não sofrer.

Tânia bate à minha porta.

— Mel, já estou indo. Precisa de algo mais?

— Não. — Olho no relógio, que marca 18h. — Eu também já vou.

Ela estranha, pois costumo ficar no escritório até às 22h.

— Eu tenho compromisso. — Ela sorri, maliciosa, e confirmo o que deve estar passando por sua cabeça: — Tomara que sim!

— Uau! Isso aí, Mel! Aproveite sua vida! — Saímos juntas em direção ao jardim. — O comentário do escritório hoje foi sobre o americano da Parker. — Ela se abana. — Uau, que homem!

Fico sem graça, mas descarto a possibilidade de ela saber que é com ele que tenho o tal
NACIONAIS - ACHERON

compromisso hoje.

— É bonitão mesmo! — tento parecer não muito interessada.

— Um verdadeiro homão da porra, Mel! — Eu rio de sua expressão, completamente deliciada com o Adam. — Alto, másculo, com aquele jeitão de galã de novela mexicana...

Mexicano? Eu me lembro de seu espanhol perfeito, de sua pele morena e concordo que ele tem um quê de latino.

— Nossa, ele impressionou mesmo!

— Tanto que até tentamos investigar sua vida!
— Ri. — Achamos algumas reportagens sobre ele, a maioria em sites americanos. O homem, apesar de quente daquele jeito, é muito sério. Não tem muita coisa sobre ele, não, apenas algumas aparições em eventos com aquela sua eterna namorada... — Eterna namorada? Ah, não, Tânia! Não me conta!
— ...linda, por sinal, mas, coitada, está começando

a esperar de velha que ele se case com ela.

— Há quanto tempo os dois estão juntos?

— Mais de uma década, pelo que vimos num desses sites.

Puta que pariu! Essa informação me surpreende, mas, afinal, eu nem sabia o nome dele até ontem! Um relacionamento por mais de 10 anos com a mesma mulher? Será que ela sabe e aprova as idas dele àquela boate? Ou ele faz tudo pelas costas da coitada?

Minha ansiedade pela noite se transforma em pura decepção e frustração. Se ele me propuser um caso, eu terei de recusar por saber que ele mantém um relacionamento desse tipo. Uma pena!

Durante o trajeto até meu apartamento, vou pensando sobre o assunto, ficando com raiva do tipo de homem que ele revelou ser, mesmo sabendo que eu mesma fiz as regras daquela noite e em nenhum momento perguntei se ele era ou não

comprometido.

Penso várias vezes em ligar para desmarcar o encontro, mas não tenho o telefone dele, e o e-mail que possuo não é o seu pessoal, mas sim o da Parker.

Tomo meu banho, coloco um vestido preto justo, mas comportado no comprimento, um pouco acima dos joelhos, calço sandálias da mesma cor e faço uma maquiagem bem leve. Inicialmente, pensei em ir vestida de uma forma mais sensual, mas como já possuo a informação de seu relacionamento, optei por algo mais básico, algo que usaria realmente em uma reunião de negócios.

Às 8h da noite em ponto meu interfone toca, e o porteiro remoto do prédio avisa que Adam Carter está à minha espera. Chegou a hora!

O carro preto, um Mercedes-Benz Sedan com película escura em todos os vidros e provavelmente blindado, está parado em frente ao meu prédio com

NACIONAIS - ACHERON

um motorista uniformizado à minha espera. Eu rolo os olhos ao pensar que Adam mandou alguém me buscar, mas, assim que cumprimento o motorista, ele abre a porta traseira, e eu vejo o homem dentro do veículo. Esnobe!

Adam sorri quando entro e me cumprimenta em inglês, mas eu logo corto suas asas:

— Estamos no meu país, fale em minha língua.
— Eu sinceramente me enfureço com os estrangeiros que vêm para cá e pensam que temos obrigação de falar os idiomas deles, mas, quando é o contrário, quando nós é que temos de ir até seus países, a recíproca não verdadeira. Além disso, hoje na reunião ele provou por A mais B que sabe muito bem o português – apesar dos pequenos deslizes.

— Uau! — Ele ri extremamente sexy. — Adoro sua *língua*, pode acreditar! — informa cheio de malícia, olhando-me. — Quando em inglês eu iria conseguir um...? — Ele ri ao não encontrar a

NACIONAIS - ACHERON

palavra.

— Trocadilho? Duplo sentido?

— Isso! — Seu sorriso alarga. — Trocadilho tão perfeito e verdadeiro?!

Sinto meu corpo responder às suas provocações, mas me forço a ignorá-lo, afinal, agora eu já sei sobre a tal namorada!

— Você está linda, Melissa. Ainda mais bela do que eu me lembrava. — Ele se vira para pegar algo, e eu fico surpresa ao ver uma garrafa do mesmo champanhe que bebemos juntos há um ano. Ele serve duas taças e oferece uma a mim. — E ainda acho que vocês combinam perfeitamente! — Pisca um olho e toma um gole da bebida.

— Aonde estamos indo? — pergunto, séria, sem provar o líquido.

Adam demora um pouco para responder, deixando-me tensa.

— Eu tenho reserva no Fasano, mas...

— Fasano está ótimo para mim — interrompo-o antes de ouvir o resto e ficar tentada a querer.

Ele concorda com a cabeça e se vira um pouco no banco, encarando-me. Meus Deus! Como esse homem é charmoso! Seus cabelos negros, pincelados com fios prata, os olhos escuros, a pele morena, um nariz perfeito e uma boca carnuda e vermelha que já me provou ser enlouquecedora... Respiro fundo, tentando esquecer onde esses lábios já estiveram.

— Eu dizia para mim mesmo que não podia ser real...

Franzo o cenho ao ouvir sua voz, sem nenhum tom de provocação dessa vez.

— Ao notar que eu era a mulher daquela noite?

— Não. — Sorri. — Quando vi sua assinatura nas plantas. — Arregalo os olhos. — Eu acordei naquela manhã disposto a retirar minha máscara e lhe contar quem eu era, mas você já tinha ido. —

Eu me remexo no banco, tentando não pensar no que teria acontecido se eu tivesse ficado. — Eu peguei o bilhete, e a primeira coisa que pensei foi... *perfect traits of a designer*⁸.

Surpreendo-me com sua perspicácia e sorrio ante o elogio, mesmo querendo bancar a durona.

— Eu quase rasguei a nota quando vi que a tinha rubricado — confesso —, pois fui eu quem fez as regras e por isso devia segui-las, mas acabei deixando, pensando que um simples M não iria me denunciar.

— Regras foram feitas para serem quebradas. — Aproxima-se. — Foi uma noite incrível, Melissa. Fazia muito tempo eu não tinha uma noite como aquela. — Imediatamente levanto uma das minhas sobrancelhas, duvidando. — É verdade! — Ri. — Eu olhei aquela nota e a achei tão... pouco. Eu queria mais. Eu queria saber quem era você, queria te encontrar de novo, sem máscaras, e saber

NACIONAIS - ACHERON

se tudo aquilo tinha sido real.

— Eu não...

Ele põe o dedo sobre meus lábios, como eu mesma fiz com ele uma vez.

— Eu subornei uma das moças da entrada e obtive um nome.

Ele consegue me surpreender ao confessar que queria me encontrar, queria saber quem eu era e que foi atrás de informações sobre mim. Meu coração está disparado, e tenho vontade de dizer a ele que eu também gostaria de tê-lo conhecido mais, de ter tido mais uma noite com ele e saber se o que eu tinha sentido fora de verdade.

O que ele falou começa a fazer sentido em minha mente turvada pela notícia de que ele me queria mais. Ele obteve um nome? Ai, meu Deus!

— Pietra? — chuto, e ele concorda sorrindo.

— Fui atrás dela na Broadway! — Gargalha. —
Assisti a todo o espetáculo tentando te achar e, ao
NACIONAIS - ACHERON

final, quando pedi para falar com a tal mulher, fui informado de que ela havia saído uns minutos antes da minha chegada. — Dá de ombros, rindo, e eu tomo um pouco do champanhe. — Corri feito um louco pelos bastidores e encontrei um grupo de mulheres rindo e esperando um táxi. Uma delas falou o nome Pietra, e eu analisei uma a uma, imaginando quem seria você, mas...

— O cartão de sócio era da minha prima.

— Pietra Boldani. Sim, agora compreendi que são parentes. — Fecha os olhos e sorri, balançando a cabeça, charmoso como um diabo! — Eu me senti a porra de um maldito *stalker*⁹! Então, desisti.

Minha mente me manda a todo momento perguntar sobre a tal namorada, mas ao mesmo tempo não quero dar a entender que estive investigando sua vida, mesmo porque eu não o fiz!

Porém, quer saber? Dane-se o que ele vai pensar! Eu sei e quero deixar bem claro para ele
NACIONAIS - ACHERON

isso. Daquela vez nós dois estávamos no anonimato, sem saber nada um do outro, mas agora? Não, eu preciso deixar claro para ele que eu sei sobre a namorada.

— Adam, eu...

O carro para, e eu vejo a fachada do hotel Fasano. Ele pega minha bebida e, em seguida, o motorista abre sua porta. Vejo-o sair, empertigado e arrumando o terno, e logo após abrir minha porta e estender a mão.

— Melissa.

Respiro fundo mais uma vez, coisa que já está ficando frequente, e pego sua mão, ignorando a deliciosa sensação de ouvi-lo dizer meu nome e do contato de sua pele. Sim, nós temos química, não nego!

No restaurante – o meu favorito, diga-se de passagem – somos atendidos, e logo o *maître* nos encaminha à mesa que Adam reservou. Ele se

NACIONAIS - ACHERON

mostra cavalheiro mais uma vez, puxando minha cadeira e esperando de pé que eu me sente, antes de tomar assento em seu lugar.

— Champanhe? — inquiri-me sorrindo, mas logo pede um *Dry Martini* para si próprio.

Eu escolho um vinho branco, minha bebida de sempre, conforme pergunta o sommelier.

— Costuma vir muito aqui?

Eu encaro Adam, curiosa sobre sua pergunta e divertida ao mesmo tempo.

— Sim, é meu restaurante favorito, não sabia?

Ele fica sério, olhando-me como se pensasse em cada palavra do que vai me responder.

— Não. Mas fico feliz em saber que acertei.

— Sim, acertou. — Abro um sorriso de agradecimento, mas uma pulguinha se instala atrás da minha orelha. — Adam, quando foi que você realmente soube quem eu era?

O garçom o impede de responder, servindo
NACIONAIS - ACHERON

nossas bebidas e pronto a anotar os pedidos. Somente quando ele se afasta é que Adam começa a falar.

— Eu comparei a assinatura. — Arregalo os olhos ao pensar que, depois de todos esses meses, ele ainda conserva o bilhete. — Eram idênticas, mas eu nunca desconfiei de que você era brasileira. Então vi seu nome completo e me lembrei do sobrenome que constava no clube.

— Boldani...

— Sim. — Ele mexe seu drinque do mesmo modo que mexia quando nos vimos pela primeira vez. — Era muita coincidência, mas ainda assim eu achava impossível termos nos cruzado assim...

— É incrível mesmo! — digo com sinceridade. — O escritório está prestando serviço a você há meses, por que não nos encontramos antes? Você evitou?

Eu o vejo respirar fundo.

— É complicado, Melissa. — Seu olhar parece longe quando me diz isso. — Eu sabia que era você há algum tempo, pois pesquisei seu nome e vi uma foto sua. — Franzo o cenho, sem entender. — Eu só... pensei que seria melhor...

— Esquecer? — Ele nega, mas também não completa a frase, o que me deixa ainda mais curiosa sobre a história da namorada. — E sua namorada?

Ele se surpreende por alguns minutos, mas logo depois sorri de forma um tanto arrogante.

— Pelo visto não sou o único curioso aqui...

— Eu não... — tento lhe explicar que não fui eu quem descobriu sobre o assunto, mas ele ri de maneira contida e – caramba! – muito sexy.

— Não há mais namorada, caso seja relevante. — Pisca para mim. — E esse é um dos motivos que me fizeram recuar com relação a você.

Acho que ele percebe minha expressão curiosa,
NACIONAIS - ACHERON

mas não continua.

— E a foto em sua mesa?

— Minha irmã, Mel Parker. — Eu me surpreendo por ter o mesmo apelido de sua irmã, além de sentir alívio por ela não ser a tal namorada. Fico um tempo esperando que ele continue a falar e, após mais uma bebericada em seu Martini, Adam resolve me esclarecer tudo. — Eu mantive um relacionamento por 10 anos e, quando te encontrei no clube, ele estava desgastado e acabado. Eu passo a maior parte do tempo viajando, Melissa. Estou aqui há alguns meses e, depois que a filial de São Paulo estiver pronta, provavelmente irei viajar para outro local, dentro ou fora dos Estados Unidos. Esse é o meu trabalho, e eu amo fazer isso! Infelizmente, ele é incompatível com relacionamentos amorosos. — Dá de ombros, como se essa constatação fosse corriqueira.

Estou parada olhando-o e analisando cada uma
NACIONAIS - ACHERON

das informações. O homem à minha frente manteve um relacionamento por uma década com a mesma mulher e diz que terminou por ele estar em constante mudança por causa do trabalho. Uma explicação direta e muito, muito fria, até demais! Não, não me convenceu!

Nosso jantar é servido, e nós dois começamos a conversar sobre os projetos do escritório e a Parker. Adam me conta que sua irmã mais velha, Melannie¹⁰ Parker, é casada com o dono da empresa, Nathan, e tem três filhos já adultos. Eu noto que ele tem muito orgulho da família e um carinho enorme pelos sobrinhos.

— Eu tenho sobrinhos também, gêmeos como os seus, um casal. — Sorrio ao pensar em Lucca e Laura. — Mas ainda são pequenos, têm três anos.

— Fase boa! Os meus já estão cada um tomando seu rumo na vida, não têm mais tanto tempo para brincar com o tio aqui! — Ri. — Eu
NACIONAIS - ACHERON

sinto falta das crianças ao redor fazendo bagunça, mas creio que logo terei algum sobrinho-neto para suprir essa falta.

Hum... sobrinhos-netos, não filhos!

Terminamos a refeição falando de negócios, e somente quando o café é servido, ele volta ao *nosso* assunto.

— Eu notei, Melissa, que, apesar do que aconteceu entre nós em Nova Iorque, você é uma mulher mais...

— Entediante? — Sorrio com a brincadeira, e ele nega. — Séria? Reservada?

— Isso! — Ri. — Adoro que você sempre venha em meu auxílio quando não me lembro de uma palavra. Geralmente eu fico vários minutos pensando e tenho que pedir ajuda para alguém se pronunciar.

— Talvez eles achem que você não queira ajuda ou fiquem constrangidos sem saber se você

aprovará ou não essa *ajuda*.

— Pode ser. — Ele pega minha mão sobre a mesa. — Eu sou um homem direto, gosto de ser assim, e ficar sem palavras é frustrante! Minha professora de português se esforçou muito para me ensinar a falar e escrever, e eu me sinto decepcionado quando não consigo completar a frase, por isso, obrigado! — Eu sorrio, gostando do contato entre nós e da sinceridade de suas palavras. — E, por ser um homem direto, eu preciso dizer uma coisa.

— Diga.

— Eu adoraria repetir aquela noite. — Minha pele inteira se arrepia ao pensar nisso. — Mas não sei se é aconselhável.

Eu quase paro de respirar ao ouvir isso. *Okay*, eu estava determinada a não me envolver com ele por causa da namorada, mas e agora? Por que não? A Melissa insegura e medrosa ameaça tomar o

NACIONAIS - ACHERON

controle da situação, mas eu me recuso a seguir vivendo assim, deixando as pessoas tomarem as decisões por mim, desistindo sem tentar, nesse caso, sem ao menos entender o porquê.

— Por que não é? — pergunto séria, olhando-o nos olhos.

— O que eu busco não tem a ver com um relacionamento fixo, mesmo porque eu já lhe expliquei que não paro muito tempo no mesmo local. — Eu concordo, lembrando-me de que esse foi *o motivo* que o fez terminar um relacionamento de 10 anos! — Eu não pretendo me amarrar a ninguém e não sei se você aceitaria tal situação.

Sexo sem compromisso com ele? Sim! Tenho vontade de gargalhar ao vê-lo tão cheio de dedos comigo. Sim, ele tem razão quando disse que eu sou uma mulher reservada e que minha atitude em Nova Iorque, de dormir com um desconhecido, não é o meu natural, mas o que ele não sabe é que eu

me cansei de ser assim. Eu estou cansada de esperar pelo príncipe encantado que nunca vem. Eu estou cansada de esperar alguém que possa me fazer esquecer... No exato momento em que penso nisso, meu celular toca, e eu vejo o nome da minha irmã na tela.

— Me desculpe, é minha irmã. — Ele assente e me diz para atender enquanto pede a conta. — Oi, Isa!

— Mel, já combinamos tudo. Amanhã, na Spice, às 23h. Tudo bom para você? — Tento me lembrar do que ela está falando, ainda um pouco nervosa com o assunto à mesa. Então me lembro de Giovanna, de seu término conturbado com Nicholas e de seu aniversário. — Mel?

— Sim, tudo certo! Amanhã, às 23h, na Spice. Pode confirmar minha presença. Já falaram com ela?

— Não. — Isabella ri. — Frank vai arranjar um
NACIONAIS - ACHERON

jeito de arrastá-la para lá.

— Ok. Combinado. — Ela se despede de mim, e eu desligo.

Adam entrega a conta para o garçom e lhe agradece o serviço. Eu tento não pensar na noite de amanhã, não pensar que terei de permanecer ao lado do Frank, vendo-o dançar com Isabella... Droga! Eu odeio sentir isso!

— Tudo bem? — escuto a voz de Adam baixinha, com seu sotaque carregado e vejo preocupação em seus olhos. Ai, merda, era só o que faltava! Eu ser transparente para ele!

— Tudo. Minha amiga fará aniversário amanhã, e nós programamos uma festa surpresa.

— Coisa de meninas?

Rio da expressão e nego.

— Não. — Uma ideia passa pela minha cabeça, mas logo a descarto. — Os irmãos dela estarão presentes. Podemos ir?

Ele se levanta junto comigo e novamente estende sua mão para mim. É gostoso, não nego, esse contato com ele. Adam parece ser um verdadeiro gentleman, e eu gosto disso, assim como também adorei o seu lado perverso, sensual e desinibido.

Entramos no carro, e eu sinto um clima mais pesado entre nós, estranho, diferente da fluidez que rolou quando nos vimos na boate. Adam está mais quieto que o normal, sem as provocações, a malícia, e isso é desconcertante.

Eu sinceramente não entendo bem o que está acontecendo. Em todos os momentos, ele deixou bem claro que gostou do nosso encontro lá em Nova Iorque, e achei que era a intenção dele repetir a experiência, mas agora acho que talvez ele tenha perdido o encanto ao me conhecer pessoalmente, de verdade, sem máscara.

Não é novidade! Sou uma mulher
NACIONAIS - ACHERON

desinteressante, comum. Não sou vibrante como a Marina, nem exótica como Isabella e muito menos sensual como a Gio. Em Nova Iorque, a mulher que estive com ele é bem diferente de quem eu sou na realidade.

Adam tem razão sobre não ser aconselhável termos mais encontros íntimos, pois, além de eu estar trabalhando para ele — mesmo que indiretamente —, não sou de fazer sexo casual.

Vejo-o balançar a cabeça, como se negando algo em pensamento, e em seguida me olhar.

Meu Pai Celeste! Eu reconheço esse olhar, o mesmo que ele tinha no bar da boate, cheio de promessas, quente como o inferno. Não é aconselhável, mas, sim, esse homem me quer de novo.

Sorrio para ele, sentindo-me poderosa, desejável como há muito não acontece. Como aconteceu com ele, há um ano.

Adam parece entender o meu sorriso e me puxa para um beijo. Nossos lábios se encontram saudosos, reconhecendo-se, molhando uns aos outros. Sua língua passeia pela minha boca antes de invadir seu interior e se esfregar na minha própria língua.

Ele segura meus cabelos fortemente com uma das mãos e com a outra me guia até seu colo, encaixando-me contra seu corpo, fazendo-me sentir sua ereção contida pela calça do terno.

Eu rebolo sobre seu membro, roçando-o em minha carne latejante, de pernas abertas e completamente enlouquecida de tesão. Ele se afasta um pouco, e gemo gostoso em sua boca, o que o faz sorrir e segurar meus quadris, impedindo que eu continue me espremendo contra ele.

— Melissa... — sua voz é quase um gemido em meu ouvido. — Nós não estamos sozinhos... infelizmente.

Eu congelo e arregalo os olhos, lembrando-me do motorista. Novamente o desgraçado do Adam gargalha, beijando-me mais uma vez.

— Vem para o hotel comigo esta noite. — Tento sair de seu colo, mas ele me impede. — Não é aconselhável, mas vocês têm um ditado sobre isso, não é?

— *Se conselho fosse bom, não se dava, vendia?* — Ele assente, e eu sorrio. — Não sei se é um bom ditado para a situação, mas entendi seu ponto de vista.

Ele me beija.

— Você vem? Eu quero você, sem máscaras...

— Sem regras?

Ele ri.

— Não. — Levanto minha sobrancelha, inquisidora. — Apenas uma: eu sou seu sempre que quiser... pelo menos enquanto eu estiver em São Paulo.

Reflito sobre o que ele está me propondo. Eu gosto de como ele me faz sentir, gosto de como ele me toca, e o sexo com ele foi incrível, então, por que não aposentar o vibrador Mascarado e usufruir do verdadeiro homem? Sim, senhor! Eu quero isso!

— Vamos para o seu hotel.

Dessa vez, quem geme é ele, e eu gargalho.



Quando o carro entra na garagem do hotel onde Adam está hospedado, eu sinto um frio na barriga de antecipação pelo que virá. Novamente ele abre minha porta e estende sua mão, entrelaçando-a na minha, ajudando-me a sair do veículo.

Esperamos o elevador sem trocar uma só palavra, apenas de mãos dadas, e quando ele chega, entramos, mas infelizmente não estamos sozinhos.

Adam cumprimenta dois hóspedes que sobem conosco e em seguida põe sua mão em minha cintura, abraçando-me. Eu o olho, e ele me dá uma

piscadinha, descendo a mão pelas minhas costas, acariciando minha bunda por sobre o tecido do vestido.

Controlo-me para não rir e chamar a atenção dos outros ocupantes e, confesso, quando eles descem no nono andar, sinto-me aliviada. Contudo, isso dura apenas o tempo de as portas serem totalmente fechadas e eu ser esmagada contra o fundo do elevador, com a boca de Adam a me devorar e suas mãos a passearem pelo meu corpo.

A lucidez de que estamos atracados dentro de um elevador de um hotel cinco estrelas cheio de câmeras passa pelo meu cérebro como um relâmpago, mas eu não me importo com isso. Não, tudo o que quero é senti-lo, é ser tocada por ele e me entregar sem nenhuma barreira.

Quando o elevador finalmente para na cobertura, Adam praticamente me arrasta para fora, correndo até sua suíte. Ele põe o cartão de acesso

NACIONAIS - ACHERON

na porta e em seguida me puxa para dentro com ele.

— Eu estou impaciente, Melissa — revela, pressionando-me contra a parede sem nem mesmo acender as luzes. — Eu quero você há muito tempo.

Sorrio, sentindo-me realmente muito desejada, e não me faço de rogada. Começo a desfazer o nó de sua gravata enquanto trocamos beijos molhados e caminhamos juntos em direção à cama.

Quando me livro do acessório, passo a desabotoar sua camisa, mas no escuro e agarrados como estamos, não tenho muito êxito, então, depois que o primeiro botão voa longe, arrancado do tecido, decido que ele pode ficar com uma camisa a menos em seu guarda-roupa.

Adam gargalha quando eu arrebento a frente de sua camisa, mas assim que sente minha boca deslizando pelo seu pescoço e descendo em direção ao seu tórax, para de rir e geme.

Animada com a resposta, continuo arrastando

NACIONAIS - ACHERON

minha língua pelo seu corpo moreno, forte e de pelos negros aparados. O rastro molhado que fica em seu corpo só me faz ficar mais excitada, e, quando chego ao seu umbigo, uso minhas mãos para desafivelar seu cinto.

— Melissa... Melissa... — geme. — Estou louco para foder sua boca.

Encaro-o rindo e, em seguida, realizo seu desejo, ajoelhando-me, libertando seu pau da cueca e o tomando todo em minha boca, saboreando-o, sentindo seu gosto salgado, sua textura macia e seu calor me aquecendo.

Ouç-o gemer mais forte quando passo a língua na cabeça do seu pênis, olhando para cima, gostando de ver as expressões de seu rosto. Ele está com a cabeça jogada para trás e, enquanto eu continuo no meu caminho de chupá-lo e lambê-lo, Adam emite uns sons deliciosos.

De repente suas mãos agarram meus cabelos,
NACIONAIS - ACHERON

ditando um ritmo frenético da minha boca em seu membro. Não satisfeito, ele ainda começa a se mover, fazendo com que eu praticamente o engula inteiro, sentindo-o no fundo da minha garganta.

Eu me afasto, querendo tomar o controle da situação novamente, e ele começa a se tocar, olhando em meus olhos.

— Eu enlouqueço com você...

A cena é deliciosa de se ver, embora ainda estejamos na penumbra. Seu corpo é grande e bem-proporcionado, a camisa aberta revela seu peitoral e os músculos de seu abdômen. Eu me levanto e retiro seu paletó e a camisa já aberta, impedindo-o de continuar se masturbando.

As mãos dele parecem não conseguir ficar longe de mim e, enquanto eu o dispo inteiro, vão me acariciando, tocando meus seios ainda sobre o vestido e buscando, incessantemente, o fecho para abri-lo nas costas.

— Deite-se — sussurro em seu ouvido quando ele já está completamente nu.

Ele me atende e se recosta contra os travesseiros da cama *king size*. Caminho até uma das luminárias do quarto e a acendo. Ainda de costas para ele, abro o fecho do meu vestido, mas não o tiro. Só o faço ao pé da cama, sob seu olhar ardente. Vejo-o se tocar a cada pedaço do meu corpo descoberto.

— *Come here*¹¹, Melissa!

Eu nego e retiro meu sutiã, jogando-o para o lado. Nunca tive essa sensação de poder com mais ninguém além dele, a sensação de que sou uma mulher muito desejável, uma mulher quente, que consegue tudo o que deseja.

Coloco meu pé sobre a cama a fim de retirar a sandália, mas ele me impede, segurando-me pelo tornozelo. Eu nem vi quando ele se moveu, mas foi tão rápido que eu me surpreendi com seu toque.

— Não. — Retira minha mão do fecho do calçado. — Eu preciso de você com elas. — Ergo uma sobrancelha, imaginando se isso é um fetiche, mas ele logo me explica: — Vai ajudar quando eu te comer em pé, para equilibrar nossos tamanhos — mal termina de dizer isso e se levanta, colocando-se atrás de mim e me posicionando exatamente como eu estava antes, com um dos pés sobre a cama. — Eu vou lembrar um pouco a sensação de sua *pussy*...

Gargalho ao ouvi-lo falar em inglês, mas meu sorriso morre ao sentir seus dedos brincando exatamente nesse local. Ah, que sensação maravilhosa! Os dedos vão suavemente me explorando, separando meus lábios, encontrando minha entrada úmida e quente, usando minha própria lubrificação para deslizar sobre meu clitóris.

— Gosta? — ele indaga e em seguida mordisca

minha orelha. Apenas gemo, perdida no prazer que ele me proporciona. — Eu vou te comer assim, de pé. — Ouço um barulhinho de algo se rasgando. — Apenas para lembrar de como você responde a mim.

Adam me penetra lentamente, e sua mão volta pela frente do meu corpo, estimulando-me. Seus movimentos são contidos, apenas se afundando dentro de mim para em seguida sair quase completamente.

Deliro de prazer e jogo minha cabeça para trás, encostando-a em seu peito, sentindo-o entrando e saindo devagar, saboreando meu sexo com o seu. Seus lábios passeiam pelo meu pescoço e voltam para minha boca. Sua língua brinca com a minha e depois segue uma rota até meus ombros.

Os movimentos vão aumentando, e as estocadas, tornando-se mais fortes, mais poderosas. Eu não consigo mais conter meus gemidos,

NACIONAIS - ACHERON

balançando com Adam, seguindo seu ritmo. Minhas pernas começam a tremer, e eu abaixo a perna. Ele me tomba de bruços sobre a cama, enlouquecendo completamente, segurando-me pelos quadris e fodendo com força. Ouço-o bufar e gemer. De tempos em tempos ele diminui o ritmo, rebolando, fazendo seu pau tocar em todos os pontos dentro de mim.

— Eu quero muito comer sua bunda, Melissa.

Eu só gemo, sentindo-o acariciando minhas nádegas, brincando com seus dedos entre elas.

Ele sai de mim de repente, levantando-me e me girando de frente para si. Nós nos beijamos sôfregos, ansiosos, com um tesão crescente, em desespero.

Adam me ergue em seu colo, e eu abraço sua cintura com minhas pernas. Ele caminha comigo de volta para a cama, porém, do outro lado dessa, colocando-me sobre os travesseiros.

— Se toca para mim — pede-me, e eu imediatamente abro um sorriso e deslizo minha mão até meu clitóris já duro e aparente.

Ele se ajoelha na beirada da cama, apreciando meus movimentos, até juntar sua língua aos meus dedos.

— Isso! — Deliro ao senti-lo introduzi-la em mim e depois descer lambendo tudo até meu ânus, retornando e voltando, deixando-me louca de tesão.

Por fim – estou à beira do primeiro orgasmo da noite – ele posiciona sua boca sobre meus dedos, fazendo-me tirá-los de ação. Suga-me de maneira tão intensa, tão constante, tão gostosa que é impossível conter o êxtase que toma conta de mim.

Enquanto ainda estou gozando, ele se introduz em mim novamente, erguendo minhas pernas retas, apoiando-as em seu tórax. A cada movimento ele lambe e beija meus pés perto de seu rosto, louco de tesão.

Eu já estou suada, apesar do clima gelado do ar-condicionado do quarto, e vejo que Adam também não está diferente com seus cabelos negros e lisos colando em sua testa.

— Essa sua *pussy* é como um sonho! — Ele continua metendo como um louco. Às vezes se afasta apenas para ver seu próprio pau entrando em mim, sorrindo como um descarado, gostando da cena.

Meu corpo inteiro está tremendo, meu coração parece cavalgar, e eu nem bem acabei de sair de um orgasmo maravilhoso obtido através de um sexo oral espetacular, logo me sinto sendo puxada para outro.

— Goza comigo, Melissa. Aperta meu pau até não restar mais nenhuma gota...

Ele mal acaba de pronunciar essas palavras, e eu sou tomada novamente. Meus músculos todos se contraem, a respiração fica mais rápida, e tudo o

NACIONAIS - ACHERON

mais some da minha mente, eu só sinto um prazer enorme e, a julgar pelos gemidos dele, nós dois sentimos o mesmo juntos.



Adam está deitado em cima de mim, corpo suado, coração palpitando e temperatura nas alturas. Ouço sua respiração ofegante em meus ouvidos e tenho vontade de abraçá-lo, porém, não sei até que ponto devo ir agora que já nos satisfizemos na cama.

Então ele o faz. Gira para o lado, arrastando-me para um abraço apertado e cheio de carinho. Nós nos olhamos por um instante e depois sorrimos.

— *Amazing*¹²! Justo como eu me lembrava. — Beija-me. — É incrível que eu tenha você nos meus braços de novo... Incrível! — Eu me aconchego mais a ele. — Sua *pussy* é como um sonho!

Eu rio e o encaro.

— Boceta. — Ele franze o cenho. — É a palavra que você busca.

— Mesmo? — Ri. — Eu achava que isso era como uma bolsa pequena.

Às vezes até eu me surpreendo com minha gargalhada, e essa é uma dessas vezes. O som reverbera pelo ambiente e contagia meu parceiro de cama, que começa a rir de si mesmo.

— Preciso reciclar meu português...

— Acho bem difícil te ensinarem isso em algum curso. — Chego perto de seu ouvido e sussurro: — Veja pornô brasileiro, tem um vasto repertório.

Ele ri e me aperta contra si.

— Que tal um banho para relaxar?

Eu me sento na cama, ainda o olhando.

— Relaxar? — Deslizo meus dedos pelo seu abdômen. — Quem aqui precisa disso?

Imediatamente ele se põe de pé e me pega no colo. É maravilhoso ter um homem que consiga me segurar com essa facilidade, pois, apesar de eu ser considerada magra, sou alta e pesada.

— Eu preciso de um tempinho, maluca.

Gargalho novamente, e ele me beija a caminho do banheiro.



Sinto sede, por isso acordo no meio da noite, um pouco atordoada, mas, assim que vejo um homem na cama comigo, lembro-me de onde estou e o mais importante: com quem.

É uma sensação muito diferente da primeira vez em que ficamos juntos, quando não sabíamos nem mesmo o nome um do outro. Após todo o sexo que fizemos ontem, conversamos um pouco sobre nós mesmos antes de dormir. Adam David Carter,

americano de nascimento, porém, metade mexicano por parte de mãe. Formado em administração, com várias especializações, cidadão do mundo, solteiro e com 40 anos de idade. Não posso dizer que o conheça, mas possuo muito mais informações do que antes, e isso já é alguma coisa.

Levanto-me e vou até o frigobar, pegando uma garrafa de água mineral e tomando um grande gole diretamente nela. A nossa noite mais uma vez foi muito agitada, pois fizemos sexo em todos os locais possíveis da enorme suíte de cobertura do hotel onde ele está morando há meses.

Durante o banho, eu lhe perguntei se não o incomodava morar assim, em hotéis, mas ele disse que já tinha se acostumado com isso. Confesso que o senti um tanto desgarrado, como se fosse alguém que não quisesse se apegar a nada, mas aí me lembrei de como falou de sua família e também da namorada de uma década.

Adam é um homem difícil de entender, essa é a verdade. Entretanto, como ele mesmo deixou bem claro desde o começo, nossa relação é estritamente física, então eu não tenho muito de ficar analisando-o e tentando entendê-lo.

— Pensei que já tivesse saído de fininho mais uma vez — ele comenta me abraçando por trás, dando-me um pequeno susto.

— Estava com sede. — Ofereço-lhe a água, e ele a toma um pouco. — Mas já está quase na minha hora de ir embora, eu trabalho hoje.

— Eu também. — Beija meu pescoço. — Vamos nos ver mais tarde?

Sorrio satisfeita, prevendo mais algumas horas intensas de prazer, mas então me lembro do aniversário de Gio e do quanto ela precisa de mim nesse momento.

— Eu tenho compromisso essa noite.

— Ah, sim. — Ele ri. — Na Spice!

Encaro-o, tentando lembrar quando eu comentei isso com ele.

— Eu ouvi você ao telefone ontem, com sua irmã.

— Ah, sim. — Suspiro. — Hoje vamos comemorar o aniversário da cunhada dela e minha amiga, e o pessoal escolheu essa boate. — Dou de ombros.

— Hum... — Adam mordisca meu pescoço, deixando minha pele arrepiada. — É uma pena!

Sim, é! Sorrio, sentindo seu pênis já duro encostado em mim. Confiro as horas e vejo que já preciso ir. Ele lambe minha orelha. Ah, quem é que precisa cumprir horário?!

Viro-me e o abraço, beijando-o com todo o desejo matutino que sinto.

— Tem que ser uma rapidinha... — sussurro quando ele me senta em cima da escrivaninha da suíte, mas ele franze a testa. Ah, merda! — Nossa

transa tem que ser rápida!

Ele gargalha, entendendo por fim o que quero dizer e, então, sem nem mesmo anunciar, invade meu corpo. No começo eu deliro de tesão, sentindo-o melhor dentro de mim, gostando do calor e das sensações de senti-lo sem a barreira da...

— Adam! — Movo-me rápido, tirando-o de meu interior. — Camisinha!

Ele fecha os olhos e faz careta.

— Usamos todo meu estoque ontem! — Arregalo os olhos, mas em seguida rio, e ele faz o mesmo. — Não podemos...?

— Não podemos!

Nem pensar! Não só por causa do risco de contaminação com alguma doença, afinal, somos ainda estranhos e nunca mostramos exames um para o outro. Todavia, também porque eu não uso nenhum contraceptivo e, embora esteja pensando seriamente em ser mãe, isso não inclui enganar

alguém para fazer um bebê de forma independente.

Ele assente, concordando comigo, e se afasta um pouco frustrado.

— Não dá tempo de comprar mais, não é?

Eu suspiro e nego.

— Eu preciso ir.

Ele não me deixa descer do móvel e se abaixa.

— Não sem gozar.

É claro que eu abro um enorme sorriso e o deixo fazer maravilhas com sua língua em mim.



Tive de acelerar minha rotina matinal para chegar ao escritório e resolver todos os assuntos do dia por aqui. Dei graças a Deus quando cheguei e não encontrei meu pai. Ele saiu com dona Hilda e irá voltar apenas no final do dia.

A verdade é que eu estava um pouco receosa de

que ele me perguntasse o que Adam queria conversar comigo em particular. Eu não sou boa com mentiras, e obviamente ele iria perceber que eu estava omitindo algo.

Também não vi o traidor do Carlos. Eu ainda tenho de acertar alguns ponteiros com aquele velhaco, mas foi bom não o ter visto, pois não quero estragar meu dia, que começou tão bem!

Suspiro ao me lembrar do sexo oral incrível, do meu orgasmo e, depois, do beijo de bom-dia – safado – que Adam fez questão de me dar. Aquele homem é muito gostoso!

Trabalhei como uma louca, almocei no escritório e só me dei conta do horário quando recebi mais uma ligação da Isabella, informando-me que todos iremos aguardar Gio na boate e que Frank irá levá-la para lá.

Embora eu tenha achado uma boa ideia o plano de surpreendê-la, estou um pouco reticente, pois

NACIONAIS - ACHERON

tenho estado com ela durante todos os meses desde que o relacionamento dela com o Nicholas acabou e não sei se dançar a noite inteira num lugar cheio de gente é o ideal nessas circunstâncias.

Além disso, há outro fator: Frank. Nós não nos vemos desde que ele me pediu ajuda para cuidar de Giovanna, que estava no hospital, em observação, quando ela e Nicholas terminaram, há uns dois meses e meio. Eu evito ao máximo estar perto dele, não por medo de alguma coisa acontecer entre nós, porque eu nunca teria coragem de fazer isso com minha irmã, e ele também nunca o faria, pois ama Isabella, mas sim porque tê-lo por perto me faz lembrar do quanto eu o amei, e isso ainda me fere.

Contudo, temos muita coisa em comum, negócios, amigos, família, então é impossível que eu consiga evitá-lo por muito tempo. O que me resta fazer é colocar um sorriso no rosto e fingir que isso não me incomoda.

Eu pensei, por um momento, enquanto Adam e eu nos despedíamos hoje de manhã, em pedir a ele que me acompanhasse, mas, antes de fazer essa loucura, lembrei que o que tínhamos se resumia somente a nós dois e um local para transar, nada mais.

— Mel? — Tânia me tira dos meus pensamentos, e eu a olho. Ela segura um enorme buquê de rosas nas cores champanhe e cor-de-rosa e tem um sorriso gigante pregado no rosto. — Chegaram agora...

Salto da minha banqueta que uso quando estou desenhando na prancheta e pego o buquê das mãos dela, procurando um cartão. Tânia não volta para sua sala, ficando parada, curiosa sobre o remetente de tal presente.

Acho o cartão e, dentro dele, há apenas uma frase escrita em inglês: *Thinking of you*¹³ e um número de telefone celular. Eu rio como boba, mais

NACIONAIS - ACHERON

uma vez achando-o contraditório, afinal, quem quer somente um relacionamento baseado em sexo manda flores no dia seguinte?

Imediatamente pego meu telefone e ligo para o número, e uma voz rouca, com sotaque forte, atende.

— Quem é? — faço-me de desentendida, mas ele ri. — Eu adorei as flores!

— Que flores? — provoca-me de volta. — Passei em frente a essa loja de flores, e elas estavam juntas, então me lembrei de você. Não prefere as vermelhas?

Sento-me, rodando em minha cadeira como uma adolescente.

— Não. Gostei dessas! O vermelho é muito clichê!

— Clichê? — Ele pensa um instante, mas dessa vez eu não o ajudo. — São comuns?

— Quase isso... são previsíveis. — Ele
NACIONAIS - ACHERON

concorda. — Ainda está na Parker?

— Sim. E assumi que você também estivesse no escritório. Ainda bem que acertei. — Dou outra volta em minha cadeira, não sem ver Tânia ainda me olhando com um baita sorriso. Ai, merda, me esqueci dela!

Levanto-me, aprumando meu corpo e ficando séria.

— Eu já estava de saída.

— Para a festa.

— Sim. — Novamente sinto vontade de convidá-lo, mas não o faço. — Obrigada pelas flores!

— Meu prazer! — Arrepio-me somente ao ouvi-lo dizer isso. — Boa festa!

Desligo o celular e salvo o nome dele na minha agenda.

— Hum... flores vindas da Parker? — Tânia comenta. — Interessante!

— Quando é que você se tornou tão inconveniente? — pergunto sem a olhar, encarando as rosas. — Você não devia já estar em casa?

— E perder esse momento? — Eu olho para ela e sorrio, balançando a cabeça em recriminação. — Acho que aquele seu surto que a fez invadir a sala dele o impressionou, não foi? O homem apareceu aqui, colocou o Carlos no lugar que ele merece e ainda te fez ficar rodopiando nessa cadeira como uma menina!

— Tânia!

— Vê se larga de ser boba e agarra esse homem, Mel! — Abro a boca para falar, mas ela não deixa. — Você, mais do que qualquer outra pessoa, merece encontrar alguém bacana! Ele não sabe a sorte que tem de ter se interessado por você!

Eu me emociono ao ouvi-la dizer isso. Tânia e eu trabalhamos juntas aqui no escritório desde que eu era uma estudante e fazia estágio. Ela é uma

NACIONAIS - ACHERON

amiga, mais do que é funcionária, e eu me sinto muito feliz por ela me querer bem. Pena que Adam não seja um homem em quem eu possa apostar minhas fichas!

— Eu preciso ir! — Seguro as flores no meu colo. — Bom final de semana!

— Igualmente! Aproveite! — Sorri maliciosa, e eu dou risada.



Chego à boate exatamente no horário combinado e sigo direto para a ala VIP, que foi reservada. Minha irmã está linda, usando um vestido tubinho vermelho tomara que caia e saltos altos. Ela é bem mais baixa que eu, pelo menos uns 10 centímetros, mas tem um corpo tão perfeito que nem parece que teve filhos gêmeos.

Ela me cumprimenta e me leva até a mesa onde

Marina, com uma enorme barriga de sete meses de gestação, e Tony, seu marido e meu amigo, irmão do Frank, tomam suco de laranja e conversam com Tom e Lori, um casal de amigos e sócios de Gio na Ello, sua agência de publicidade.

— Olá! — cumprimento um por um. — Marina, como está esse menino aí?

— Ele está bem, mas confesso que eu já estou louca para ele sair daqui! — Ri. — Está pesado, e dormir é difícil!

— Por isso eu nem queria que ela viesse, mas vocês conhecem minha esposa! Não pode nem ouvir falar de uma festa que já está escolhendo a roupa para ir!

Todos riem, porque a fama de festeira da Marina é senso comum entre os mais chegados. Os dois são muito diferentes nesse quesito, pois Tony sempre foi o mais certinho dos três irmãos, sempre o mais sério e centrado, porém, ficou mais animado

NACIONAIS - ACHERON

quando conheceu Marina.

Conversamos um pouco mais sobre a viagem de avião deles até aqui, eu querendo saber se não há risco de um parto pré-maturo por causa disso, e ela me explicando que não, que o obstetra liberou e que a duração de voo é muito pequena entre Curitiba e São Paulo.

Estou aqui há mais de meia hora, e não temos notícias do Frank e da Gio. Vejo Isabella escrevendo no celular a todo instante, provavelmente conversando com o marido, e estranho a demora, pois já era para terem chegado.

— Mel, conta para a gente como vai ficar a filial da Parker! — Tom pede, mas Lori o repreende, dizendo que seu concorrente é meu cliente e que a ética não me deixaria responder, mesmo entre amigos.

— É isso, Tom. O Lori tem razão! — dou de ombros, desconversando.

— Mas você pode falar sobre o tal Carter, não pode? — Lori me questiona animado, recebendo um olhar raivoso de seu marido. — O que é, Tom? Todos têm falado do homem, pelo amor de Deus!

Fico curiosa.

— Sobre o que falam?

— Que ele é *quente*! — Lori se abana, e Tom dá um tapinha em sua mão. — Eu ficava imaginando um americano daqueles sem graça, mas me falaram que o homem é grandão, moreno e com um olhar matador.

— O sorriso é o melhor! — confesso.

— Danadinha! Então você já o conheceu!

Biblicamente! Rio, mas tento ficar séria.

— Recentemente tivemos uma reunião, e, sim, ele é charmoso!

Ficamos conversando por mais alguns momentos, até que Isabella volta para a mesa.

— Gente, o Frank não está conseguindo

localizar a Gio. Ele está preocupadíssimo, pois liga para ela e só cai na caixa postal.

Todos ficam mudos. Eu penso em onde ela pode ter se enfiado.

— Vou ligar para o Bê! — Pego meu celular e vejo que há uma mensagem no aplicativo, mas a ignoro, ligando para o Bernardo de Toledo, irmão biológico da Gio, que tem me ajudado a tomar conta dela durante esse tempo todo. Depois do terceiro toque, ele atende. — Bê, é a Mel! Você sabe da Gio?! — eu praticamente tenho de gritar com ele.

— Nossa, Mel, eu quase não te escuto! Você quer falar com a Gio? Nós estamos no Rio de Janeiro, viemos ver uma apresentação no Teatro Municipal e chegamos no hotel agora...

Ai, que coisa! Olho para todos reunidos aqui, esperando-a, e ela em outro estado!

— Não precisa, Bê! Depois eu mando

NACIONAIS - ACHERON

mensagem para ela.

— O celular dela está sem bateria, mas ela já deve ter colocado para carregar. Mas que barulheira é essa? Está na noitada, Mel? Poxa, quando chamo você para ir na Beat você nunca vai comigo!

Eu rio e me despeço dele, desligando o telefone. Bernardo é lindo e um amor, mas tem só 27 anos, e eu nunca pensei em me envolver com ele, apesar de saber que o garotão adora uma mulher mais madura que ele.

— Pessoal! — tenho quase que gritar para falar. — Eu encontrei a Gio.

— Ai, que bom, porque o Frank está nervoso! Onde ela está? Ele está vindo para cá e pode pegá-la...

— Está no Rio de Janeiro com o Bernardo de Toledo — interrompo minha irmã.

— O quê?! — Tony parece puto. — Aquele garoto mal chegou na família e já está passando o
NACIONAIS - ACHERON

aniversário da Gio com ela, monopolizando-a?

— Tony, a gente não avisou que vinha... —
Marina tenta apaziguar.

— O Frank vai surtar! — Isabella ri.

Meu celular vibra, e eu vejo que mais uma mensagem chegou. Abro o aplicativo e as leio:

Você está deslumbrante!

Seu grupo é bem desanimado. Cadê a festa?

Começo a olhar para todos os lados, procurando Adam entre a multidão. Então o vejo sentado perto do bar com uma *longnec* na mão. Meu coração palpita, e eu me sinto mais uma vez surpreendida por ele estar aqui. Desço as escadas da área VIP e caminho até onde ele está.

— Agora, sim, me sinto um *stalker*! — ele exclama quando me aproximo. — Eu estava muito

sozinho no hotel, então resolvi me divertir um pouco, e o único local cujo nome eu me lembrava era esse...

— Sei... — Cruzo os braços sobre os seios e levanto uma sobrancelha. — Eu quis te convidar, mas não sabia como.

— Eu puxei o assunto duas vezes, esperando o convite. Como ele não veio, convidei a mim mesmo.

— Adorei!

Ele me surpreende ao depositar um beijo selinho em minha boca.

— Você está gostosa com essa roupa colada no corpo! — murmura no meu ouvido. — Fiquei aqui, te olhando conversando com os caras lá em cima e preocupado por eles terem melhor visão do seu corpo do que eu.

Gargalho, pensando em Lori e Tom e adorando os ciúmes dele.

— Você quer subir para lá comigo?

Adam desliza uma de suas mãos sobre o tecido fino do meu vestido preto, parando acima da minha nádega esquerda.

— Quero, sim.

Seguimos juntos, mas sem nos tocar, até o mezanino da área VIP, e, quando estamos subindo as escadas, vejo Frank conversando com Tony e Isabella num canto.

Respiro fundo e fecho os olhos, balançando a cabeça, tentando não sentir nada.

— A Isa estava certa, ele está surtando! — Lori comenta comigo sem desviar os olhos do meu companheiro. — Olá! — cumprimenta-o.

Eu me viro para o Adam e sorrio.

— Esse é Lorival Sandler. — E me viro para o Lori. — Esse é Adam Carter.

Lori não disfarça seu assombro, arregalando os olhos, perdendo a fala por um momento e
NACIONAIS - ACHERON

descaradamente olhando-o de cima a baixo.

— Muito prazer... — cumprimenta o Adam.

— Olá! Eu sou o Elton Simplício, da agência Ello. Como vai?

Adam o cumprimenta de volta.

— Ah, sim! Sua agência é famosa, senhor Simplício! Bons prêmios. Sou Adam Carter, da Parker.

Os dois começam a conversar, e Lori chega perto de mim.

— Hum... ética entre arquiteta e cliente? — debocha. — Não sabia que era normal os americanos cumprimentarem seus contratados com um beijo...

— Lori! — finjo-me de zangada.

— Ai, mas que delícia, Mel! Te dou todo apoio!

Balanço a cabeça, rindo, mas meu sorriso morre ao ver Frank vindo em minha direção.

— Eu quero o telefone do Bernardo, Mel! — dispara sem nem mesmo me cumprimentar.

— Oi, Frank, tudo bom? — Ele bufa e assente. — Não vou te dar o telefone do Bernardo. Não para você o xingar com toda aquela sua lista de xingamentos.

— *Cazzo*, Mel! Me dá a porra do telefone!

Isabella toca seu braço, pedindo para que ele se acalme.

— Algum problema? — Adam se aproxima de mim e, para minha total surpresa, passa um braço pela minha cintura, encarando o Frank.

Frank, já esquentado com a situação de Giovanna, encara-o de volta, franzindo o cenho.

— Mel... — Frank o ignora. — Nós viemos todos para cá para estar com ela e aquele frangote chegou ontem e já está tirando-a de nós?

— Ele não está fazendo isso, Frank! — Isabella intervém. — E você está sendo muito grosseiro! —

Ela sorri para Adam. — Olá, eu sou Isabella, irmã da Mel!

— Sou Adam, é um prazer!

— Americano? — Frank o olha com mais atenção.

Respiro fundo e resolvo fazer a apresentação dos dois, enfim.

— Sim, Frank. Adam Carter, representante da Parker aqui em São Paulo.

Frank o cumprimenta, apresentando-se.

— E então? Ainda vamos ter festa ou não? — Marina questiona, e eu apresento Adam a ela e ao Tony.

A família Villazza começa a discutir sobre ficar ou ir embora, e eu me afasto com Adam.

— O que está havendo? — Ele parece divertido. — O italiano ali é bem... *quentinho*!

Eu rio de sua confusão de palavras.

— Esquentadinho. — Ele concorda. — Sim, ele

é. Eles vieram de Curitiba, no Sul, para comemorar o aniversário da irmã caçula, Giovanna. Mas ela viajou e frustrou os planos deles.

Adam olha mais uma vez para o Frank, que continua conversando com Isabella, Tony e Marina.

— Então não tem festa? — Dou de ombros, e ele cola seu corpo no meu. — Então podemos fazer nossa própria festa?

Sinto meu sexo se apertar de vontade.

— Eu adoraria...

Eu não termino de falar, porque ele me beija como um louco, agarrando-me pelo pescoço rapidamente, esfregando sua língua por toda a minha boca, deixando-me molhada e querendo mais.

— Vamos embora! — rosna contra meus lábios. — Ou vou querer comer você aqui mesmo!

Novamente sinto um tremor de antecipação entre minhas coxas.

— Mel? — Isabella me chama. — Você se importa se voltarmos para o hotel? — Ela parece sem graça. — Frank ficou sem clima, e o Tony quer levar a Marina para descansar.

— Por mim tudo bem! — digo ainda sentindo a mão de Adam subindo e descendo em minhas costas.

— O Lori e o Tom vão ficar...

— Nós também vamos embora! — Adam a interrompe. — Foi um prazer conhecer você, Isabella!

Eu ando até ela e a abraço, despedindo-me com um beijo.

— Vocês dois...? — ela me pergunta ao ouvido.

— Sim. Mas é recente.

Ela sorri, e em seguida eu me despeço de Marina e Tony, abraçando-os e trocando beijos. Eles todos vão se despedir de Adam também e me deixam a sós com Frank.

— Me desculpe por antes, Mel. Você sabe que eu sou muito ciumento com a Gio.

— Eu sei, não se preocupe! Até mais!

— Tchau! — Ele sorri e vai até Isabella, que conversa com Adam.

Vejo os dois se cumprimentarem, e em seguida todos saem da área VIP. Despeço-me de Tom e Lori.

Adam toma minha mão, e saímos juntos da boate.

— Veio de carro? — ele me indaga quando alcançamos a calçada.

— Sim. — Ele me conta que dispensou o motorista, planejando que, se não me encontrasse, iria voltar de táxi. — Te dou uma carona! — Pisco. — Só não quero ouvir nenhuma gracinha sobre meu carro!

O manobrista chega com o veículo, eu entro em seu lugar na direção e Adam se senta ao lado, no
NACIONAIS - ACHERON

carona.

— Por que eu faria piada do seu carro? — pergunta-me confuso. — É uma bela iniciativa sua se preocupar com a poluição.

Concordo, mesmo achando que ele está zombando, mas Adam está falando sério.

— Para o seu hotel?

Ele põe sua mão sobre minha coxa, seguindo até minha virilha.

— Por que não sua casa?

Surpreendo-me, mas gosto da ideia de tê-lo em minha cama.

— Por que não? Você quer ir para lá?

Ele, em vez de responder, enfia sua mão sob meu vestido e me toca sobre a calcinha.

— O mais rápido possível, porque acho que esse carro é muito apertado para eu te comer aqui dentro.

Gemo quando ele esfrega seus dedos sobre meu

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

clitóris e acelero o carro em direção ao meu bairro.

NACIONAIS - ACHERON



Estou sentada na minha banqueta, desenhando em nanquim sobre papel vegetal, uma técnica antiga de quando ainda não havia computadores, mas que eu gosto ainda de fazer quando vou colocar algum desenho para concorrer em concursos de designer.

Gosto de fazer os desenhos à mão, embora eu não seja desenhista como o era a Margie, primeira esposa do Tony, e nem tenha o talento de Gio Villazza para isso. Meus desenhos são calculados, e eu levei anos aperfeiçoando cada traçado para que

ficassem tão perfeitos quanto os do computador.

Paro um instante ao pensar na notícia que recebi hoje de manhã, depois que saí da clínica onde pretendo fazer todo o processo de fertilização. Falta pouco para eu ter os óvulos coletados!

Respiro fundo, odiando estar reticente quanto a essa decisão, que já está tomada há meses, por causa do Adam. Droga!

Escuto batidas à minha porta, e Tânia aparece segurando um buquê de rosas nos braços. Sorrio ao vê-las, sabendo que ele não falharia em mandá-las.

— Mais um! — ela diz rindo. — Já coloquei na água. Esse vai ficar ou você vai levá-lo? — Eu penso em minha casa, já cheia de rosas, e decido deixar essas aqui. — Já é o 12º buquê, Mel! — Pisca para mim e sai.

Sim, Adam já me mandou 12 buquês de rosas, um a cada segunda-feira desde aquele primeiro que me enviou naquele sábado. Isso quer dizer que

NACIONAIS - ACHERON

estamos saindo juntos há três meses!

Vou até as flores e respiro seu perfume, pegando o cartão e lendo as palavras dele, escritas em inglês – porque ele diz que não sabe escrever bem em português –, quentes e provocadoras como sempre.

Adam está mais empolgado que o normal, pois estamos sem nos ver há uma semana, desde que ele foi até Manaus verificar alguma coisa com a filial da Parker de lá. Sua volta é amanhã. A inauguração da filial da Parker em São Paulo foi no final de semana passado, evento ao qual eu o acompanhei.

Falta pouco, então, só questão de tempo para que ele vá embora do Brasil de vez. Respiro fundo e tento não pensar nisso, pois eu sempre soube que ele iria. Nunca nosso relacionamento foi tido como algo permanente, sempre foi apenas algo momentâneo, duas pessoas que se atraem e que gostam de ficar juntas.

Claro que durante esses meses nasceu uma bela amizade entre mim e ele. Nós saímos juntos para jantar ou almoçar, conversamos por horas, vamos a shows e, confesso, tem sido deliciosa essa nossa convivência.

Além disso, ele tem sido minha companhia aqui, agora que Giovanna voltou a morar na Itália e Nicholas começou a namorar a Caroline Nogueira. Eu lamento todos os dias pela separação dos meus amigos e sei que nenhum dos dois está realmente feliz longe um do outro. Entretanto, essa é a vida, e eu mais do que ninguém sei que é preciso mais do que amor para manter um casal junto.

Volto para a minha prancheta, mas não consigo voltar a desenhar, pensando na consulta hoje pela manhã. Eu tenho de marcar o dia da aspiração dos óvulos com até 36 horas do último medicamento tomado e já escolhi o doador do esperma que irá ser usado para fecundá-los, não dava mais para

NACIONAIS - ACHERON

esperar! Eu fiz 40 anos há dois meses e sempre disse que, se eu chegasse a essa idade solteira e sem filhos, iria fazer uma produção independente, pois sempre quis ser mãe. Não tem, então, motivo para eu estar indecisa!

Meu telefone toca, e uma foto do Adam usando óculos escuros aparece na tela do aparelho.

— Ei! Como estão as coisas?

— Com saudade de você! — ele responde rindo. — Tudo bem por aí?

— Sim. Eu recebi suas rosas...

— Queria tê-las entregado pessoalmente, mas ainda estou aqui — lamenta. — Viajo essa noite e... — respira fundo — eu queria ir para seu apartamento. Posso?

Sorrio, adorando a ideia.

— Claro que sim! Quer que eu te busque no aeroporto?

— Não precisa, o motorista vai buscar,
NACIONAIS - ACHERON

obrigado! Eu vou chegar de madrugada, tem certeza de que posso ir?

Estranho essa sua insegurança, pois às vezes ele é bem arrogante!

— Pode, sim, Adam!

— Então nos vemos mais tarde! Estou mesmo com saudades de você, Melissa! — Bufa, e eu rio, imaginando a sua frustração sexual e adorando isso, pois é sinal de que ele não se divertiu com nenhuma outra mulher durante esses dias. — Não vejo a hora de poder passar o dia com minha boca em sua...

— Adam! — Gargalho, e ele se despede.

Droga! É esse o motivo da minha indecisão: Adam! Eu nunca disse a ele que quero engravidar, mesmo porque acho que, se eu lhe falasse isso, ele iria sair correndo como um louco, e a minha intenção nunca foi ter um filho dele, por isso nós sempre tomamos cuidado. Todavia, essa

indefinição de quanto tempo ele ainda irá permanecer em São Paulo me deixa sem saber a hora certa de fazer a inseminação e atrasa meu tratamento.

Definitivamente eu não posso engravidar ainda tendo uma relação, mesmo que física, com ele. Não faz sentido isso! Contudo, ao mesmo tempo, eu não posso ficar protelando só porque ele ainda está aqui. Eu não sei como agir!

Desisto de continuar desenhando e resolvo ir ao supermercado, porque eu estou com a geladeira completamente vazia, e depois seguir para meu apartamento. No entanto, nem dou dois passos dentro da minha sala e pulo de susto ao ver Frank à porta. Ai, merda!

— Não sabe bater, Frank? — indago com a mão no peito.

Ele ri, debochado, com aquele maldito sorriso torto no rosto.

— Está nervosa, hein, Mel!? — Vai até minha estante de prêmios. — Eu vim conversar com o pessoal da Novak sobre a obra do Convention. — Bufo. — Você soube que o *franguinho* deixou a presidência?

Franguinho! Frank insiste em chamar o Nick assim, ainda mais agora, depois de Giovanna ter sofrido tanto por causa dele.

— Soube, sim, mas ele continua aqui em São Paulo, mesmo tendo voltado a acompanhar as obras.

— Tem tido contato com ele?

Estranho sua curiosidade acerca do Nick.

— Pouco. Ele não tem acompanhado mais a obra do haras, que já está quase pronta, e, bem, desde que ele começou a namorar a Caroline, nós nos afastamos.

Frank balança a cabeça, sério.

— Giovanna e ele terminaram há quanto

tempo? Você sabe, Mel?

— Uns seis meses já? — Cruzo os braços sobre os seios e o encaro. — O que está acontecendo, Frank?

Ele bufa, e eu percebo que está preocupado com algo.

— Minha irmã anunciou para a família que está grávida, Mel. — Arregalo os olhos, completamente pasma com a notícia. — Disse que, nos dias em que estive em Milão, conheceu um cara, fez sexo sem proteção e acabou acontecendo. — Dá de ombros. — Você, que a conhece tão bem quanto eu, acha que isso pode ser possível?

Sem chance! Porém...

— Ela estava sofrendo, pode ter descarregado o sofrimento tentando esquecê-lo com outro...

— Acredita mesmo nisso?

Eu rio.

— Não. Não acredito! — Paro para pensar em
NACIONAIS - ACHERON

tudo o que aconteceu durante esses meses. — Ela mudou de ideia sobre ficar em São Paulo, Frank. Mesmo depois que eles terminaram, ela ainda queria ficar aqui e continuar com a Ello, então, de repente... — Penso no tal festival e na ligação que ela me fez no dia seguinte, dizendo que ia embora do Brasil para sempre. — Algo aconteceu...

Ele assente e me olha.

— Mel, eu não falei disso para mais ninguém, nem mesmo para a Bella. Mas eu penso que essa criança é dele.

Não posso nem imaginar isso! Será que os dois tiveram uma recaída e ela engravidou? Se sim, por que, em nome de Deus, ela não contou para ele? Por que os dois ainda estão separados? Uma criança!

— O que você vai fazer, Frank?

— Nada. Se ela não quer que ninguém saiba, é porque tem motivos, ainda mais com o modo como
NACIONAIS - ACHERON

ele a tratou...

— Você perdoaria a Isabella se ela te escondesse uma coisa dessas? — Frank arregala os olhos. — Se ela estivesse esperando um filho seu e não te contasse? E se você descobrisse anos depois? Perdoaria?

— Não. Droga, Mel! O que ela está fazendo?

Eu não sei, mas em nome da amizade que tenho por ela, respeito. Entretanto, se ela confiar em mim e me contar a verdade sobre o bebê, direi a ela que Nicholas deve saber a verdade. Ele merece saber disso, mesmo depois de tudo o que aconteceu entre os dois.

— Se ela me procurar, vou conversar com ela, Frank.

— Obrigado, Mel. — Ele se aproxima, mas eu recuo. Frank percebe isso e para onde está. — Eu já vou.

— Mande um abraço para a Isa e as crianças.

Ele assente e sai da minha sala, deixando-me com uma sensação que não consigo definir, mas que é diferente das que eu tinha quando ele estava por perto.

Pego minha bolsa e vou embora, porém, não deixo de pensar no que ele me contou sobre Gio. Estou preocupada com ela, preocupada com o que irá acontecer daqui para frente, pois, se realmente o bebê for do Nick, o que eu acho que é, todos irão se machucar muito com mais esse segredo entre eles.

Ao chegar do mercado, arrumo tudo no lugar, preparo um lanche leve e tomo um banho fresco, pois ainda está muito quente em São Paulo. Fico um tempo assistindo ao noticiário, depois vejo um filme e, quando dá meia-noite, decido ir para o quarto dormir.

Passo pelo closet para ir ao banheiro, mas paro de frente para o espelho, reparando no meu babydoll de seda creme e o achando muito sem graça

para receber o Adam.

Abro minha gaveta de lingerie e pego um conjunto azul, com detalhes em preto, cheio de transparências. Troco a roupa de dormir e me olho no espelho novamente. Normal demais!

Procuro nas minhas caixas mais alguns adornos e acho uma liga de renda preta – que coloco na perna direita – e a máscara que usei quando nos vimos em Nova Iorque.

Sorrio ao pegar a peça e a coloco sobre meu rosto. *Sim!*

Vou para o banheiro e passo hidratante sobre toda a minha pele, em seguida faço uma maquiagem caprichada, com um batom vermelho poderoso. Solto meus cabelos, espalhando-os pelas costas e ombros e por fim pego sandálias de salto.

Olho para a minha cama, toda com lençóis de algodão egípcio e resolvo incrementar. Tiro tudo, substituindo por lençóis de seda negra que comprei

num rompante há alguns anos.

Quando me deito, sinto a frieza da seda sob meu corpo, e isso me excita. Eu ainda não tinha percebido, mas estou tão frustrada quanto Adam parece estar.

Toco meu corpo devagar, sentindo minha pele arrepiando, excitada, contorcendo-me nos lençóis. Giro na cama e abro a última gaveta do meu criado-mudo, tirando de lá um vibrador potente.

— Oi, *Mascarado*! — Rio ao me lembrar do apelido dele.

Ligo-o e passo-o por cima dos meus seios, deixando meus mamilos duros e sensíveis e sigo em direção ao local que mais o necessita.

Ainda por cima da calcinha, sinto sua vibração fazendo meu clitóris reagir mais e mais e minha vagina umedecer. Fecho os olhos, e o rosto que vejo é o de Adam. Lembro de sua voz, seus gemidos, seu sorriso... Gemo.

A campainha toca, e eu, assustada, solto o brinquedo na cama. Eu havia deixado o porteiro avisado sobre a chegada dele, por isso subiu direto.

Arrumo a máscara sobre os olhos, ajeito os cabelos e sigo para a porta.

Adam abre um sorriso delicioso quando me vê, além de me comer com os olhos de cima a baixo. Sorrio e abro a boca para cumprimentá-lo, porém, antes de fazê-lo, sou agarrada e arrastada para dentro.

— Você quer me matar desse jeito! — Beija-me com loucura, sugando meus lábios e minha língua.

Eu o agarro pelos cabelos e me penduro nele, que me levanta em seu colo, abandonando a mala no meio da sala e seguindo em direção ao quarto.

— Adorei a surpresa! — declara, passando a beijar meu pescoço. — Essa máscara me lembra...

— É ela. — Ele se surpreende. — Eu a trouxe

NACIONAIS - ACHERON

comigo e a guardei.

Ele geme forte e me joga em cima da cama, arrancando suas roupas em seguida.

Eu deliro ao ver seu pau já duro e molhado. Adam caminha em minha direção, mas de repente para e olha para o colchão. Pelo sorriso sujo, imagino o que achou sobre ele.

Ele se curva e pega o *Mascarado*, mostrando-me o vibrador com as sobrancelhas erguidas.

— Estava me mantendo aquecida... — Dou de ombros.

Ele ri e sobe na cama.

— Posso usar em você? — Desliza o vibrador sobre meu corpo. — Vou adorar comer sua bunda enquanto ele vibra dentro da sua boceta.

Se eu estou excitada com isso? Chego a gritar de tesão quando ele o liga e o encosta em mim. Adam se ajoelha na cama e segura seu pênis em minha direção, e eu, sem me fazer de rogada,

abocanho-o, sugando-o com força e fundo, como ele gosta.

Enquanto o faço, ele continua usando o vibrador em mim, esfregando-o, enfiando-o dentro da minha calcinha e em meu interior. Eu estou muito excitada, completamente louca com o clima entre nós.

Passo a chupar sua virilha, lambendo suas bolas e deslizando a língua até seu ânus, ouvindo-o gemer alto. Animado, ele retira o vibrador de dentro de mim e o introduz devagar na minha bunda.

— Adam...

— Você gosta? — Eu assinto. — Eu adoro quando você delira de tesão, Melissa... Porra, é muito gostoso!

Em seguida ele põe sua boca em meu clitóris, chupando-o, lambendo-o e voltando a sugar, até que eu não me contenho mais. Gemo como louca,
NACIONAIS - ACHERON

segurando os lençóis, sentindo meu gozo escorrendo e ele tomando cada gotinha.

Ele ri quando se levanta e beija minha boca como gosta de fazer, dividindo comigo meu próprio sabor.

— Fica de quatro, Melissa.

Eu mais que depressa o atendo, e ele retira minha calcinha, afagando minhas nádegas, separando-as para então me beijar no local, penetrando-me com sua língua e me preparando com seus dedos. Enquanto isso, segura o vibrador em cima do meu clitóris, não deixando minha excitação e o meu tesão baixarem. Sinto o colchão ceder quando ele fica de pé. Seu pau traça uma rota do meu cóccix até a entrada da minha vagina, onde usa minha lubrificação para estar mais escorregadio, e em seguida começa a me penetrar atrás.

Fecho os olhos de tesão e dor, sentindo-o entrar

NACIONAIS - ACHERON

centímetro por centímetro dentro de mim. A respiração de Adam é ruidosa, e ele parece estar se controlando ao máximo para ir devagar.

— Se toca, Melissa! Dá prazer a si mesma...

Eu faço o que ele me pede até ele terminar de entrar inteiro, porque depois, quando ele começa seus movimentos, socando sua pélvis contra minha bunda, eu só consigo gemer e gemer num misto de prazer e dor.

Ele se abaixa e se afasta, ainda rebolando em mim. Ouço o barulho no vibrador, indicando que ele está usando a potência máxima e o sinto entrar em meu sexo, preenchendo todos os espaços.

Adam geme como um touro e me segura com tanta força que creio que amanhã as marcas de seus dedos estarão em meus quadris. O aparelho tremendo em minha vagina, estimulando meu clitóris é delicioso, e ter Adam me comendo desse jeito...

— Ah...!

O gozo é imensamente mais forte que o primeiro, e chego a trincar os dentes tamanho o prazer que sinto. Minhas pernas ficam trêmulas, meu coração parece querer explodir, e eu já não respiro.

Adam desaba sobre mim, mordendo meu ombro, sufocando seus gritos de prazer.

— Você quer... me... matar... — Beija minha nuca, sem fôlego. — Mas... morro... *happy*¹⁴!

Eu rio quando ele termina de falar em inglês, desabando sobre a cama.

— Bem-vindo de volta! — Beijo seus lábios.



Depois que nos banhamos, nós nos deitamos na cama juntos, abraçados. Estou sonolenta, mas Adam parece ligado na tomada, olhando para o teto

fixamente.

— Algum problema lá em Manaus?

— Não. — Aperta-me contra seu peito. — Nada que já não fosse previsto. Eu liguei para o meu cunhado, e conversamos bastante antes de tomarmos uma decisão.

Parece sério! Acaricio seu abdômen.

— Já há uma outra unidade para você ir? — faço a pergunta que está martelando em minha mente.

— Sempre há, Melissa. — Ri. — Eu intervenho em todas elas, dentro ou fora dos Estados Unidos. Nathan e Mel estão querendo se aposentar e, enquanto um dos meninos não assumir tudo de vez, esse trabalho é meu.

Rio ao ouvi-lo chamando a irmã de Mel – que também é meu apelido –, lembrando que ele me disse que nunca iria conseguir me chamar assim e que gostava de falar meu nome inteiro.

Adam me contou há algum tempo que só conheceu sua irmã quando já tinha 19 anos. O pai deles abandonou a mãe da Mel para ficar com a mãe dele, uma mexicana que morreu ao lhe dar à luz, e assim eles foram criados longe um do outro.

Quando finalmente o senhor Carter voltou a fim de procurar a filha, já velho e doente, Adam foi junto, e Mel o recebeu de braços abertos. Ele me disse que tudo o que é hoje deve a ela e ao marido, não só por o terem incentivado a estudar, mas também por o terem aceitado e integrado em sua família.

Às vezes eu o sinto um tanto fechado, perdido em seus pensamentos e fico tentando entender o que há dentro do coração desse homem. Um menino que cresceu sem mãe, com um pai um tanto desnaturado, um pai que perdeu tudo o que tinha e que teve de pedir ajuda à filha que abandonara.

Depois que ele me contou sua história, eu lhe

NACIONAIS - ACHERON

contei sobre meu pai e Isabella. É engraçado que tenhamos isso em comum, mas em planos diferentes. No caso, eu fui criada como filha do meu pai, enquanto ele escondia Isabella de todos. Entretanto, da mesma forma que Melannie Parker o aceitou como irmão e desenvolveu por ele amor e carinho, eu o fiz com Isabella.

Apesar do... Eu me sento na cama, assustada e fazendo o mesmo com Adam também.

— O que houve? Melissa?

Oh, meu Deus! Meus olhos estão arregalados, minha respiração, curta, e eu sinto meus olhos se enchendo d'água. *Frank!* Eu pensei em Frank sem sentir nada, nada mesmo!

Começo a rir e chorar ao mesmo tempo, maravilhada com o que aconteceu... com o que *finalmente* aconteceu!

— Melissa? — Adam parece preocupado.

Eu o encaro, limpando meu rosto, sorrindo

NACIONAIS - ACHERON

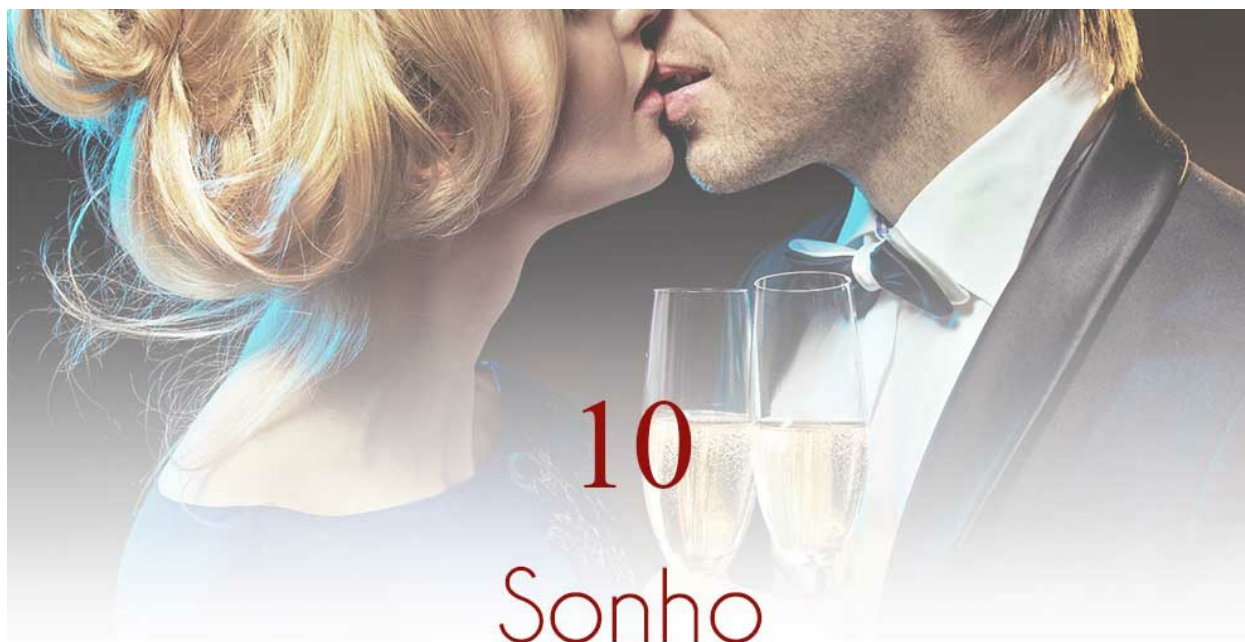
como uma criança feliz.

— Eu estou... ótima! — Abraço-o. —
Maravilhosa! — Ele enruga a testa, estranhando
meu comportamento louco, e eu o beijo. — Me
sinto incrível... — Deito-me, e ele faz o mesmo
ainda me encarando. — Obrigada, Adam!

Ele ri.

— Pelo quê?

— Por tudo! — Beijo seu nariz, abraço-o e
fecho os olhos.



Mel

Um som irritante invade meu sono, e eu tento tampar os ouvidos para continuar sonhando. Eu sempre fui assim, sempre soube, mesmo dormindo, que o que estava vendo não era realidade, era apenas um sonho, mas esse sinceramente está incrível, por isso não quero acordar.

Eu sonho com ele, Adam, comigo numa casa de campo, sentado ao meu lado sobre uma campina, observando crianças brincarem, nossos filhos. É a

NACIONAIS - ACHERON

primeira vez que sonho com ele dessa forma, pois geralmente as cenas desenvolvidas pelo meu cérebro são de conteúdo adulto e não de classificação livre, como agora.

O som invade minha mente novamente, e eu tenho vontade de matar quem o está produzindo. Não quero acordar! Aqui, neste momento, nesta ilusão, eu tenho tudo o que sempre quis na vida: um homem que me ama, filhos, o meu cachorro Tiger pulando ao ar livre e um enorme sentimento de paz e plenitude. Eu me sinto transbordando de amor, sinto-me amada, sinto-me completa, tenho uma família.

De repente tudo se desfaz, e eu abro um olho, notando a claridade do quarto, ainda sem entender o que me acordou daquele idílio maravilhoso. Estico meu corpo nu sob o lençol e abro um sorriso ao sentir o cheiro do perfume de Adam.

Durante esses meses em que estamos juntos, ele

NACIONAIS - ACHERON

tem ficado a maior parte das noites aqui comigo, mas nunca voltou de uma viagem direto para cá, desesperado para me ter ao seu lado. A noite foi uma delícia, como sempre, principalmente depois que eu percebi que pensar em Frank não me doía mais. Eu pude curtir verdadeiramente a companhia de Adam em minha cama, em minha vida.

Nunca fui muito favorável à máxima que diz que só um amor novo para curar um antigo, pois nunca ninguém conseguiu me envolver de tal forma a ponto de tirar o Frank da minha cabeça. Só Adam.

Eu gosto dele e, se fosse possível, gostaria, sim, de continuar a relação, investir nela, pois penso que, se ele estivesse disposto a me amar, a ficar comigo, eu o amaria de volta com facilidade.

Todavia, sei que não posso exigir dele nada mais do que já combinamos. Adam estava disposto a ficar comigo pelo tempo em que permanecesse

NACIONAIS - ACHERON

em São Paulo, e eu aceitei. O sonho que acabei de ter é uma coisa que só eu quero, pois ele já deixou bem claro que não busca nada parecido. Ele é um homem do mundo.

Sorrio satisfeita apenas por Adam ter me auxiliado a esquecer o Frank, focada em não me apegar demais, a curtir os bons momentos intensamente.

O barulho chato invade o quarto de novo, e eu me sento na cama, constatando que é o meu liquidificador. O lado em que Adam deveria estar dormindo está vazio, e eu já consigo sentir um cheiro muito bom, responsável pelo ronco que minha barriga emite.

Levanto-me da cama, pegando um penhoar e o colocando. Olho-me no espelho apenas para checar minha aparência de quem acabou de acordar, mas feliz ao saber que meu cabelo não está parecendo um ninho de ratos. Vou até o lavatório do banheiro,

lavo o rosto, escovo os dentes e vejo, com alegria, alguns itens pessoais de Adam na bancada, junto aos meus.

Pego seu perfume e o cheiro, deliciando-me com seu aroma, mas descobrindo que a combinação dele com a pele de Adam o deixa ainda melhor. Junto ao perfume há espuma de barbear, um xampu próprio para os pelos do rosto – o que me faz rir, porque eu não tinha ideia de que isso existia – e sua máquina de barbear.

A escova de dentes dele já estava aqui havia algum tempo, porém, noto que ele já a substituiu por uma nova – o que faz meu coração disparar ante a expectativa de ele ficar ainda mais tempo em São Paulo. O desodorante também é novo, bem como o frasco do colírio lubrificante que ele usa, pois, como fica o dia todo exposto à luminosidade do computador, ele me explicou que sua vista ressaca e, para impedir um possível problema na

NACIONAIS - ACHERON

retina, o oftalmologista lhe indicou que usasse o tal colírio constantemente.

Saio animada do banheiro e sigo em direção ao cheiro do café. Quando entro na sala, que divide espaço com minha cozinha, ao estilo americano, vejo o Tiger sentado olhando fixamente para onde Adam trabalha e flagro o homem jogando um pedaço de panqueca para o meu adorado cãozinho.

— Ahá! — exclamo apontando para ele, que se assusta. — Agora eu sei porque ele gosta tanto de você! — Adam sorri de forma maravilhosa. — Você o tem comprado com comida! — Fuzilo Ti com o olhar, e ele abaixa a cabeça. — Você sabe que não pode comer isso, mocinho!

— Bom dia, Melissa. — O descarado contrabandista de panqueca caminha até onde estou, deposita um beijo – *delicioso* – na minha boca e sorri. — Você é muito dura com o bichinho!

— Olha só o tamanho dele, Adam! — Tiger

NACIONAIS - ACHERON

escapa para sua casinha, na área de serviço, fugindo da minha reprimenda. — O meu cão parece um miniporco!

Adam gargalha.

— Vem sentar-se para comer. — Pisca um olho. — Fiz panquecas, suco natural de laranja e um café retinto, como você gosta.

Gemo de prazer ao ouvi-lo falar do meu café extraforte.

— Meu herói!

Ele me dá um tapa na bunda antes que eu a coloque sobre o assento. Quando me sento, olho para a TV ligada no canal de notícias CNN e quase me levanto ao ver o horário!

— Adam! Você já está atrasado para o trabalho, são quase 8h30!

— Estou tirando folga hoje. — Eu me viro para olhá-lo, estranhando a informação, pois eu nunca o vi tirar folga em dia de semana e nem aos sábados.

— Você também não vai ao escritório?

— Não. Estou fazendo um desenho para concorrer em um concurso e pretendo ficar em casa para fazê-lo.

Ele põe um prato de panquecas cobertas com mel à minha frente e, em seguida, uma xícara de café.

— Se for te atrapalhar eu ficar por aqui, posso ir para o hotel. — Adam se senta com um copo de suco de laranja na mão, pois não bebe café pela manhã.

— Não atrapalha, não. — Ele me dá um sorriso enorme de satisfação. — Você me deu uma ideia: tirar folga!

Ele ri.

— Ideia maravilhosa, nós podemos...

O meu telefone celular toca alto, e eu bufo, levantando-me da mesa e indo buscá-lo no quarto. Vejo o número do haras do Nick aparecer na tela e,

por isso, atendo-o.

— Senhorita Boldani? — reconheço a voz de Joaquim, funcionário do Nick.

— Sim, Joaquim, sou eu. O que houve?

— Desculpe incomodar a senhorita, mas é que o encarregado da obra aqui ficou confuso com um desenho e me pediu para ligar.

— Qual desenho?

Ele me explica o problema, e eu fico um tempo tentando explicar tudo a ele e ao encarregado da obra, pois o engenheiro que a tem acompanhado não está por lá. Joaquim me explica que Nicholas está em viagem, acompanhando alguma obra da Novak, e que por isso não sabe o que fazer.

— Eu poderia ir até aí... — Ele fica animado, e eu penso em meu dia de folga indo por água abaixo. — Chego aí em duas horas, Joaquim.

Volto para a sala e vejo Adam substituindo meu café frio por um quentinho. Eu me aproximo com

NACIONAIS - ACHERON

uma cara desanimada, e ele entende logo.

— Folga cancelada?

— Infelizmente sim. — Pego o café e bebo um gole. — Precisarei ir até um haras para ver uma obra... — Rolo os olhos.

— É longe? — Nego. — Posso ir com você?

Uau! Só posso me descrever como surpreendida. Eu nunca poderia imaginar que ele gostaria de me acompanhar em um trabalho, mas ele quer realmente ir comigo.

— Claro que sim, mas não sei quanto tempo irá levar.

— Se for te atrapalhar...

— Adam, não me atrapalha! — Abraço-o. — Vou adorar companhia. — Ele me beija. — Gosta do campo?

Faz uma careta, e eu já sei a resposta.



Dirigi meu carro até o haras, que não fica muito distante da capital, enquanto ouvia Adam conversando em inglês ao telefone. Ele conseguia despachar com seu assistente, mesmo estando fora do escritório, e eu pude notar, pela variedade de assuntos de que ele tratou, que nada escapa aos seus olhos dentro da empresa.

Eu sei que hoje ele é o segundo em comando da Parker, embora seu sobrinho, Noah, esteja cursando administração para assumir o lugar do pai, Nathan, à frente da empresa. Eu o ouvi falando sobre alguma filial a ser aberta na Europa e confesso que isso tirou um pouco da minha alegria. Adam vai embora!

Ele discutiu com o próprio Nathan, ao telefone, sobre a gigante americana da publicidade ir

desbravar o Velho Mundo. No começo achei que era uma ideia a ser pensada, mas depois que ele falou sobre a compra do local e da contratação de uma empresa para a reforma do mesmo, constatei que o projeto já está em andamento.

Eu sempre soube que ele iria partir para outro lugar, mas saber que o local escolhido é do outro lado do oceano, na Espanha, desanima-me muito mais.

Entro no haras e logo vejo Joaquim, o responsável pela criação dos cavalos de raça do Nicholas. Adam desce do carro, olhando tudo à sua volta, principalmente a enorme casa sobre a colina.

— Foi você quem projetou isso tudo?

Eu afirmo com a cabeça e sigo para cumprimentar Joaquim.

— Ei! Como vai? — saúdo-o. Ele me cumprimenta tirando seu chapéu — que sempre está em sua cabeça — e em seguida olha para meu

companheiro. — Joaquim, esse é Adam, meu amigo.

Os dois se cumprimentam.

— Inglês? — Joaquim pergunta.

— Americano.

— Ah... os treinadores dos cavalos aqui são ingleses e têm um sotaque como o seu. — Adam sorri. — Seja bem-vindo ao Círculo N!

Nós entramos na casa, e a primeira coisa que eu noto é um lindíssimo piano na sala de música. Meu coração dói ao vê-lo, pois sei que Nick não toca esse instrumento, quem é pianista é Giovanna. Joaquim percebe meu olhar e suspira.

— O patrão quis botar fogo — informa como se não fosse nada demais e depois chama sua esposa, Célia.

Vejo Adam arregalar os olhos.

— Você toca? — questiono. Ele assente, e eu sorrio, pois, embora eu cante, meu forte nunca foi a

NACIONAIS - ACHERON

parte instrumental.

— Não sou muito bom, pois aprendi depois de adulto, mas gosto de fazer alguns exercícios, me acalma.

Não consigo falar nada sobre isso, pois Célia vem correndo da cozinha em nossa direção.

— Mel! — Ela me abraça, como sempre. Célia sempre foi muito afetuosa comigo desde que nos conhecemos há alguns anos. No começo ela ainda tentou dar uma de cupido entre mim e Nicholas, mas nós sempre fomos amigos e nunca sentimos atração um pelo outro. — Que bom que voltou para nos ver! — Ela olha para Adam. — Seu marido?

Fico sem graça e sorrio, negando, mas é Adam quem responde:

— Ainda não, namorado. — Eu não consigo disfarçar o choque ao ouvir essas palavras, principalmente depois de sua conversa no carro. — Sou Adam, como vai?

Sabe a expressão “o gato comeu a língua”? É exatamente como me sinto, como se esse órgão não mais existisse em minha boca, impedindo-me de pronunciar qualquer coisa, assim, fico apenas acompanhando a interação dos três, Célia, Joaquim e Adam, enquanto meu cérebro analisa o que ele falou.

— Mel? — Joaquim me chama, e eu o olho, obrigando-me a deixar as análises e considerações para mais tarde. — Podemos ir até lá?

— Claro! Adam... — ele me olha — o problema é na área de lazer aqui da casa, você quer vir comigo?

— Se quiser, pode ficar aqui comigo! — Célia responde por ele. — Eu acabei de fazer uns quitutes e estou preparando o almoço!

— Hum... — Ele sorri tão charmoso que eu penso ver Célia babar por ele também. — O cheiro vindo da cozinha está fantástico!

Eu rio, balançando a cabeça pela sua gulodice. Eu sei que Adam adora comer, bem como ama a comida brasileira, então me despeço dele e vou com Joaquim encontrar os trabalhadores da obra.

Fico quase meia hora debaixo do sol a pino, conversando com eles sobre como se daria a execução do projeto, percebendo que a maior dificuldade dele é na construção da cascata sobre a piscina.

Quando por fim sanamos todas as dúvidas, volto para a casa ao lado de Joaquim, e ainda da porta nós dois ouvimos a gargalhada de Adam.

— É mesmo? — ouço-o perguntar.

O cheiro do almoço de Célia está incrível, por isso entendo que ele tenha ficado enfiado dentro da cozinha com ela, mas ao entrar, vejo-o conversando com Johanna e Gabriel, de nove e 11 anos de idade respectivamente, filhos dos treinadores dos cavalos.

— Ah, está de volta! — Ele cochicha algo em

NACIONAIS - ACHERON

inglês com o menino, que ousadamente me olha da cabeça aos pés e concorda.

— O almoço já está pronto, Mel! — Célia anuncia. — Joaquim, vai lavar as mãos! E vocês também, meninos!

Os três obedecem ao comando dela, e eu me aproximo de Adam, sentando-me ao seu lado.

— Se divertindo?

— Muito! — Sorri. — Esses garotos são espertos, além de falarem meu idioma.

— Eles são ingleses, vieram com os pais para cá há alguns anos.

— Sim, eu sei. — Dá-me um beijo rápido. — Senti sua falta, mas você estava tão concentrada no trabalho que não quis ir para lá te atrapalhar.

— Consegui resolver tudo. Você quer ir ou ficar para o almoço?

— O quê? Perder a oportunidade de comer isso que cheira... — ele inspira fundo — desse jeito?

Nunca!



Acabamos ficando no haras até o entardecer. Depois de degustar a fantástica comida da Célia, Adam acompanhou Joaquim até as baias para ver os cavalos. Percebi que ele realmente não é um homem do campo, pois não sabia nada sobre os animais, mas ficou impressionado com o meu trabalho.

Johanna, embora pequena, é uma exímia amazona e exibiu seu talento numa arena, e ele observou tudo com um sorriso de admiração. Gabriel não desgrudava dele, conversando sobre o colégio e, principalmente, sobre meninas.

Eu gostei de vê-lo interagindo com as crianças e vi que era verdade a sua história sobre as brincadeiras com seus sobrinhos.

Um pouco antes de irmos embora, Célia veio conversar comigo sobre Nicholas e Giovanna. A mulher está muito abalada com o que aconteceu entre eles e, ainda mais, por ter recebido do Nicholas a notícia de que ele não iria mais se mudar para lá, o que sempre fora seu sonho.

— Ele parecia transtornado, Mel. — Ela me contou sobre a primeira vez em que ele fora até lá depois do término. — Queimou as fotografias e, se não fosse por Joaquim, teria queimado o piano. Eu nunca vi aquele menino assim. Eu conseguia ouvir o choro dele, de dor, sabe? — Meu coração se apertou ao imaginar aquilo, lembrando-me de como Giovanna ficara também. — Eu pensei que ele fosse enlouquecer.

Agora, na volta, Adam está dirigindo, o que eu nunca vi antes, pois ele sempre faz uso do serviço do motorista ou vai no banco do carona. Eu ainda estou me sentindo abalada pelo que Célia me

NACIONAIS - ACHERON

contou e também pelo modo como Adam se apresentou quando chegamos.

— Um dólar pelos seus pensamentos!

Sorrio com a brincadeira.

— Pensando em como meu trabalho perdeu um pouco o sentido. — Ele franze o cenho, não entendendo. — O dono desistiu de tudo.

— Nicholas Smythe-Fox? — Assinto. — Eu o conheço e fiquei muito surpreso ao saber que ele é o dono do local. Nunca poderia ter imaginado que ele quisesse algo assim, tão rústico. Mas, depois de passar esse dia por lá, entendi a razão. — Dá-me uma olhada rápida. — É deliciosa a paz que o lugar tem.

— Sim, é isso que ele sempre me disse. Mas... — dou de ombros — acho que a companheira dele não combina muito com o local.

Ele concorda.

— Aí fica difícil! Manter um relacionamento

querendo estar em um lugar enquanto sua parceira quer estar em outro é quase impossível.

Eu respiro fundo, vendo a brecha para entrar no assunto que também está me incomodando.

— O que foi aquilo quando chegamos? — Ele não responde, atento à estrada. — Adam?

— É como me sinto, Melissa. — Meu coração acelera. — Eu sei que não foi o que combinamos, mas eu me sinto assim, sendo alguém constante em sua vida.

— Por quê?

Ele ri.

— Porque a gente não manda no coração, não é? — Seguro o fôlego ao ouvi-lo dizer isso. — O que me levou até você foi a atração que sentimos desde a primeira vez em que nos vimos, mas o que me mantém aqui, ao seu lado, é algo mais profundo que isso.

Eu sorrio, adorando saber que ele se sente da
NACIONAIS - ACHERON

mesma forma que eu. Talvez, como eu mesma, ele não possa nomear o que sente, mas admitir que o que tem nos unido é algo mais forte que a simples atração é uma coisa além do que eu podia imaginar que ele faria.

Nós continuamos o restante do percurso em silêncio e é dessa mesma forma que subimos para o meu apartamento. Adam entra no banho, enquanto eu respondo e-mails do trabalho.

— Nós compramos uma agência de publicidade na Espanha. — Ele me surpreende, pois nem o tinha visto sair do banho. — Ainda temos que adequar o prédio, mas já está tudo certo.

— Quando você terá que ir embora? — Encaro-o.

— Eu já deveria estar lá. — Adam se senta ao meu lado, e eu sinto o cheiro do seu xampu de barba, bem como do desodorante. — Minha passagem foi marcada hoje, para daqui a três dias.

— Sinto meus olhos se enchendo de lágrimas, sabendo que ele está preparando uma despedida. — Eu disse sobre viver viajando, sobre amar isso, você lembra? — Balanço a cabeça em afirmação, não conseguindo pronunciar nenhuma palavra, tamanho o nó em minha garganta. — Era por isso que eu não queria me comprometer com ninguém, pois já tive essa experiência e sei que não dá certo para mim. Mas... — Ele respira fundo. — Eu não quero abrir mão de você, Melissa.

— O que significa isso? — consigo perguntar com o coração retumbando e uma enorme esperança ardendo dentro de mim.

— Significa que irei para Madri, cumprirei os protocolos de transição e voltarei a São Paulo. Eu conversei com o Nate e decidi me estabelecer aqui na cidade, por você, para descobrir o que é isso que nos une e nos mantém juntos. — Eu consigo sorrir, mesmo assim sinto uma lágrima descer pelo meu

rosto. — Para descobrir o motivo pelo qual nos encontramos e nos reencontramos. — Ele me beija. — Não vou ser covarde e virar as costas ao que sinto, Melissa.

— Nem eu, Adam. Eu me sinto da mesma forma...

— Bom saber! — Puxa-me para perto. — Então acho que é hora de você parar de se surpreender quando eu disser o que sou seu, não é?

— Namorado? — acho isso engraçado.

— Companheiro. — Ergo uma sobrancelha, pensando na diferença entre um e outro. — Ficar em São Paulo significa ficar com você, aqui.

Como? Morar comigo? Eu nunca morei com um namorado! Sorrio ante a visão de tê-lo andando por aqui, cheiroso e de cueca após o banho; de vê-lo alimentar Ti clandestinamente; de tê-lo na minha cama todos os dias.

— Tem certeza disso?

— Você quer, Melissa? — Eu concordo. — Eu também quero muito.

Levanto-me e me sento em seu colo, beijando-o com toda a paixão que sinto por ele, demonstrando o quanto tê-lo comigo me faz bem.



Nos dias em que Adam passa em Madri, nós nos falamos por telefone, mas sinto uma enorme falta de sua presença. As coisas no escritório estão agitadas, pois pegamos um enorme complexo de lojas para projetar, incluindo prédios de salas comerciais, e todos estamos envolvidos.

Além disso, a clínica na qual eu fiz meu tratamento hormonal tem me pressionado para fazer a retirada dos óvulos para a fertilização, e eu, como não conversei com Adam sobre isso, comuniquei a eles que irei fazer a aspiração, mas

congelarei os óvulos. Tomei essa decisão como garantia, pois, como não sei se o relacionamento com Adam vai dar certo, nem se ele irá querer ter filhos agora, com nosso envolvimento tão recente, é o melhor a fazer para possibilitar uma futura gravidez.

Eles me explicaram que eu poderia fazer o procedimento e ainda assim engravidar naturalmente sem problemas, por isso decido marcar a cirurgia, sem a fertilização.



Isabella veio de Curitiba para me acompanhar na cirurgia, visto que eu estaria anestesiada. Minha irmã se surpreendeu com minha decisão de congelar meus óvulos e não os usar imediatamente, mas, depois que lhe contei sobre Adam, ela achou que eu deveria deixar acontecer naturalmente.

Contudo, eu lhe expliquei que não havia conversado com ele e que o congelamento seria apenas uma garantia, caso depois eu ainda quisesse fazer uma produção independente.

Voltei para casa no mesmo dia, com Isabella ao volante, e ela passou a noite me observando, acompanhada dos meus sobrinhos e da babá.

— Mel, eu fico muito feliz ao saber que Adam notou a mulher maravilhosa que você é. — Sorri. Ela agora está deitada na minha cama comigo. — Eu nunca consegui entender como alguém tão amável, tão apaixonante como você estava sozinha, e quando você me contou sobre a fertilização, fiquei animada para ter sobrinhos, mas me sentia triste ao mesmo tempo, porque sei que você gostaria de ter um parceiro para isso.

— Isa... — Abraço-o. — Eu quero uma família independentemente de ter ou não um parceiro. Claro que com um é bem melhor, mas meu sonho é

NACIONAIS - ACHERON

ser mãe, é ter uma pessoinha para amar e para me dedicar.

— Essa criança será muito sortuda e amada, Mel.

Eu sorrio para ela, sabendo que Isabella sempre torceu muito por mim, assim como também torço por ela.



— Tânia, deixa toda a documentação na minha mesa, que eu já vou dar uma olhada — ordeno sem tirar os olhos do computador, quando escuto a porta se abrir. — Você já conseguiu localizar o meu pai? O celular dele continua dando desligado...

Olho para ela, e o susto me impede de continuar, pois, parado à porta da minha sala com um sorriso lindo e um buquê de rosas brancas na mão, está o objeto dos meus sonhos durante esses

dez dias em que ele esteve fora.

— Adam! — Vou praticamente correndo para recebê-lo, sendo assaltada por um beijo na boca cheio de desejo e saudade. — Por que não me avisou...?

— Eu queria fazer surpresa! — Entrega-me as flores. — Eu estava louco de saudades, por isso vim direto do aeroporto. — Sorri. — Confesso que estou cansado, mas a saudade era maior.

Ai, isso só pode ser um sonho! Eu o abraço com força, ignorando Tânia, que está do outro lado da porta com um enorme sorriso.

— Vamos para casa!

— No meio do seu trabalho? — ele questiona, mas noto que ficou animado.

— Sim! Eu posso terminar amanhã, mas não posso esperar mais nenhum minuto para te ter — falo baixinho ao seu ouvido — nu e pronto para mim.

Ele gargalha e praticamente me arrasta do escritório.

Mal conseguimos chegar a casa sem nos tocar intimamente – eu mesma não consegui tirar minhas mãos do corpo dele durante todo o caminho até aqui –, e assim que adentramos no apartamento, Adam me arrasta para o chuveiro com ele. É uma delícia poder tê-lo de volta, ansioso como eu, louco de vontade de me amar, como eu também estava.

Arrancamos as roupas o mais rápido possível e entramos juntos debaixo do jato morno do chuveiro. Eu o ensaboo inteiro, sabendo que, depois de horas de voo, ele deve estar louco por isso. Claro que eu o banho com um *plus*, pois a cada vez que ensaboo seu pênis, demoro acariciando-o, estimulando-o a ficar cada vez mais duro. Adam adora esse contato, geme de satisfação a cada movimento das minhas mãos, sentindo a espuma do sabão fazendo-o deslizar mais fácil e

NACIONAIS - ACHERON

mais rápido.

— Eu estava com saudade do seu cheiro. — Ele inspira em meu pescoço. — A todo tempo eu só pensava em voltar, em estar contigo. Em sentir meu pau entrando em seu corpo quente e molhado, ter sua boca na minha e dizer o quanto desejo você, Melissa.

Dessa vez o gemido é meu, e ele aproveita para me virar de costas, encostando-me de frente à parede azulejada do boxe, entrando em mim rápido e profundo.

É realmente delicioso, e eu sinceramente não me preocupo com a camisinha em nenhum momento, curtindo senti-lo pela primeira vez pele a pele, adorando seu calor e as sensações que ele me produz.

Adam está em desespero, metendo fundo, mordendo minhas costas, com uma das mãos entre minhas pernas estimulando meu clitóris enquanto

geme e geme.

O ardor dele em me ter é contagiante e excitante, e logo sinto meu corpo respondendo e deliro junto com ele, chegando ao clímax.

— Isso foi... incrível... embora rápido — comenta e ri, sem fôlego ainda.

Eu tento rir, mas a Melissa sensata já tomou conta do meu corpo.

— Você gozou dentro de mim...

Ele ri novamente.

— Eu estou limpo, Melissa. Fiz meus exames há pouco tempo e, se você quiser...

Penso no tratamento hormonal que fiz, e, embora tenha aspirado os óvulos maduros, isso não me impede de engravidar naturalmente após uma relação desprotegida como essa. E, se isso acontecer sem que ele saiba o que eu fiz, pensará que foi proposital.

— Adam, precisamos conversar.

Ele está de olhos fechados, relaxando embaixo da água morna, mas, assim que sente a preocupação na minha voz, desliga o chuveiro.

— Tudo bem. — Beija minha testa. — Eu vou mostrar meus exames, que estão no e-mail.

Eu o vejo sair do chuveiro, mas não falo nada, apenas sigo-o, colocando meu roupão em seguida. O clima está um tanto pesado, e eu não gosto disso, não depois do modo como ele voltou, não depois de tantos dias distante.

Já no quarto, vejo-o mexendo em seu celular, provavelmente procurando o tal e-mail com seus exames de saúde.

— Eu sempre quis ser mãe — começo o assunto de supetão e o vejo paralisar. — Mesmo sem ter ninguém, eu sonhava em ter um filho, em ter uma família. — Adam continua de costas para mim, ainda paralisado. — Há algum tempo eu decidi fazer uma fertilização, uma reprodução

assistida com um doador de esperma.

Ele finalmente se vira e me encara.

— Você fez?

— Não. Fiz o tratamento, aspirei os óvulos enquanto você estava na Espanha.

— Fez isso tudo enquanto estávamos juntos?

— Ele parece assustado.

— Sim, mas nunca comentei porque nosso relacionamento não era estável, então... — Ele balança a cabeça, compreendendo. — E depois, bem... — Eu sorrio para ele. — Quando ele se *tornou* estável, eu tomei outra decisão. Aspirei os óvulos por garantia e os congelei, mas desisti do doador de esperma.

— Por quê? — Adam parece tremer.

— Porque quando e se nossa relação se consolidar, eu quero ter um filho com você. — Ele fecha os olhos. — E é por isso que eu estou um pouco temerosa com o que acabou de acontecer.

Entenda bem, Adam, eu não quero forçar uma situação, mas eu fiz um tratamento hormonal e há uma semana aspirei os óvulos. Acho difícil acontecer uma gravidez, mas não é impossível.

— E?

— Eu posso tomar uma pílula do dia seguinte, mas... — respiro fundo — você entende a contradição disso? — Rio. — Eu fiz tratamento para engravidar de um desconhecido e agora, quando tenho alguém que amo, numa relação de verdade, eu vou tomar algo que me impedirá de realizar o sonho de ser mãe?

— Melissa... — Ele parece assustado.

— Eu sei que é cedo e sinceramente não planejei nada disso. Pode ser que nada aconteça, como eu disse, as chances são mínimas, mas eu me sentiria melhor se não evitar que aconteça, deixar isso nas mãos do destino.

— Um filho... — a voz dele treme — é tão

importante para você?

— Sim. — Aproximo-me dele. — Sim, é tudo o que eu mais quero, com você. Eu não consigo mais pensar em um doador anônimo de um banco de esperma, eu só penso em você, em ter um bebê lindo como você.

— Melissa, eu preciso de um tempo para pensar... — Adam quase não consegue terminar a frase, e eu começo a ficar com medo dessa reação. — Eu... — ele vai até o banheiro e, quando volta, está vestido com a mesma roupa com a qual chegou — eu preciso pensar.

— Me desculpe por ter forçado essa situação sobre você, Adam. Eu entenderei se você quiser que eu tome a pílula e evite e eu juro que não foi proposital e que não vou fazer nada que você não queira...

Ele me abraça.

— Tudo o que eu mais quero, Melissa, é te ver

NACIONAIS - ACHERON

feliz. — Sorrio e me aconchego a ele. — Eu descobri nesses poucos meses em que estamos juntos que não há nada que eu queira mais neste mundo, porque isso me faz ser feliz também. — Ele beija minha testa. — Eu preciso ficar sozinho hoje, você entende? Isso tudo... me pegou de surpresa.

Aquiesço e, embora ele tenha dito todas essas coisas para mim, sinto uma terrível opressão no peito.

— Adam, eu já esperei muitos anos por isso, posso esperar até você estar pronto. — Ele sorri triste e caminha para fora do quarto, arrastando sua mala de viagem junto.

Ponho a mão sobre meu ventre, sabendo que as chances são poucas. Se acontecesse, eu iria querer essa gravidez. Tomar uma medicação para impedir a mínima chance de acontecer irá me ferir muito, mas eu terei de entender, pois nunca foi minha intenção forçar uma gravidez indesejada a Adam.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



Adam

O táxi demora a chegar, e eu tenho de segurar a alça da minha mala com força e apertá-la contra o chão, impedindo-me de voltar até o apartamento do qual acabei de sair, tomar Melissa nos braços e dizer que eu sou completamente louco por ela e que nunca quero deixá-la. Entretanto, não posso fazer isso.

O veículo chega, e eu embarco enquanto o motorista põe minha mala no porta-malas. Sinto

NACIONAIS - ACHERON

meu celular vibrar, mas não o olho, desinteressado, preocupado apenas com o que eu tenho de fazer: deixar Melissa ser feliz.

Melissa Boldani é a realização de todos os sonhos, é a mulher para quem eu nasci, a mulher que é a dona de um sentimento que eu nunca experimentei antes, nem mesmo com a Nicole. Minha relação com minha ex-namorada aconteceu muito naturalmente, pois ela, assim como eu, é funcionária da Parker e amiga da minha irmã.

Quando eu apareci na vida da Mel, aos 19 anos, minha irmã estava separada de Nate Parker, embora esperasse um filho dele. Nós nos unimos muito durante esse tempo, mas, quando meu cunhado descobriu sobre o filho, foi atrás da mulher que amava e da criança.

Foi aí que eu comecei a trabalhar na empresa, e a primeira pessoa com quem fiz amizade foi a Nicole. Ela me ajudou muito na época, pois era

NACIONAIS - ACHERON

universitária e me incentivou a terminar meus estudos e a querer algo melhor para meu futuro.

No entanto, eu não era cego, e ela era uma mulher lindíssima, com seu corpo escultural, cabelos escuros longos e pesados e um olhar cor de avelã em formato amendoado, grande e muito expressivo. Nós acabamos nos envolvendo e, por fim, assumimos o relacionamento.

Na época quando nós finalmente ficamos juntos, eu já estava formado na faculdade e já trabalhava com Nathan na direção da empresa. A minha amiga de trabalho e companheira de repente se tornou uma pessoa importante para mim no campo amoroso, embora nunca realmente houvesse paixão entre nós.

Ficamos 10 anos juntos, entre idas e vindas. Eu me sentia seguro ao lado dela, o relacionamento era estável e previsível, e eu queria conservar aquela paz, pois precisava trabalhar e me estabelecer na

NACIONAIS - ACHERON

vida. Nicole também não parou no tempo, continuou a estudar, cresceu dentro da empresa e é uma mulher de sucesso hoje.

Eu comecei a perceber que o relacionamento tinha acabado quando, sutilmente, ela começou a falar em casamento. Eu não conseguia me sentir empolgado ou comprometido a ponto de dar esse passo. Apesar de adorá-la como pessoa, não a via ao meu lado para sempre.

O sexo entre nós estava já no automático, e eu via sofrimento no olhar dela também, sabia que o que eu estava sentindo era também o que se passava no coração dela.

Comecei a aumentar o número de viagens, ainda buscando uma solução para o impasse no qual me encontrava, pois eu não queria magoá-la, mas de qualquer jeito eu o faria, ficando ao lado dela ou deixando-a de vez.

O ponto final da relação veio dela, quando me

NACIONAIS - ACHERON

esperou voltar de viagem e me deu um ultimato. Eu me abri com ela, disse o que sentia, a impressão de que o que nos unia era apenas a conveniência de estar num namoro e a nossa convivência, que sempre foi ótima, e ela concordou.

Apesar de lamentar tê-la perdido, eu soube que tinha feito o certo quando, dias depois, dentro daquele clube em Nova Iorque, conheci a Melissa.

Eu estava olhando para a porta de entrada quando ela apareceu, assustada, olhando tudo em volta como se tivesse caído em uma armadilha. Estranhei isso acontecer, pois todos os frequentadores da noite estavam lá porque receberam o convite. Então pensei que talvez, assim como eu, ela tivesse sido convidada por algum amigo e descobrira que o baile *black-tie* nada mais era do que uma maquiagem para um clube de sexo.

Eu a acompanhei com os olhos enquanto vinha

NACIONAIS - ACHERON

na minha direção e pensei que eu era um filho da mãe de sorte por uma mulher como aquela se sentar ao meu lado. O ar vibrou quando ela sorriu para mim ao me agradecer pela sugestão do champanhe, e depois, quando ela bebeu e gemeu de prazer, eu disse a mim mesmo que queria estar dentro dela ainda naquela noite.

E foi delicioso! A paixão, a vontade, a química... tudo perfeito. Eu queria mais, queria saber quem ela era, queria conversar sobre a possibilidade de combinarmos mais uma noite, então ela sumiu, e eu segui a vida, ainda com o bilhete e a lingerie – que ela deixara para trás ao sair – guardados comigo, inclusive me acompanhando em minhas viagens.

O destino nos juntou de novo, eu sei que foi. No princípio achei loucura, mas depois compreendi que Melissa Boldani era a mulher misteriosa e eu não pude abrir mão de estar com ela mais uma vez.

Eu, de verdade, só queria matar a vontade, desfazer todas as fantasias que tive com ela, mesmo com outras mulheres ao longo desse tempo, e tirá-la do meu pensamento. Todavia, aprendi que é impossível não amar essa mulher.

Melissa é doce, mas ao mesmo tempo, atrevida e corajosa. É apaixonada e livre, mas com uma pitada de insegurança. Tem um coração, uma educação e uma *finesse* difíceis de serem encontrados numa só pessoa. Ela consegue ser uma fria mulher de negócios e ao mesmo tempo uma romântica que chora ao ver filmes do Nicholas Sparks.

A cada nova faceta descoberta, mais eu me apaixonava, mais eu queria ter o privilégio de ser amado por ela. Há meses eu desisti de continuar me mudando pelo mundo. É claro que teria de me ausentar algumas vezes, mas eu queria que meu lar, meu porto seguro, fosse onde ela estivesse

NACIONAIS - ACHERON

esperando minha volta.

Contudo, ao mesmo tempo em que eu queria deixar claro que a amava, eu me mandava ter calma, pois sentia que ela ainda não estava preparada para lidar com meus sentimentos. Eu sei que houve alguém por muitos anos que foi o alvo de todo o amor que ela sentiu. Melissa é muito transparente, e eu via, a cada vez que o assunto era Frank Villazza, uma mudança sutil em seu comportamento.

A princípio pensei que pudesse ser por causa da irmã dela, Isabella, mas Melissa a amava muito e também sentia culpa por não ser tão presente em sua vida.

Eu tive apenas um contato com o CEO da rede Villazza, e foi na boate no dia do aniversário da amiga da Melissa, Giovanna, que eu nunca consegui conhecer. Melissa e eu nos conhecíamos ainda bem pouco, mas meu corpo sempre tivera

NACIONAIS - ACHERON

uma ligação incrível com o dela, e eu senti que, assim que ela viu Francesco Villazza, ficou tensa.

Depois houve aquela ceninha dele cobrando-a, muito grosseiro, e, por fim, a despedida dos dois, sem nem mesmo apertarem as mãos, enquanto ela abraçou e beijou todos os outros.

Eu entendi, depois de analisar tudo isso, que ela se mantinha distante dele por algum motivo. Frank era o motivo do afastamento das duas irmãs e o responsável por eu não conseguir acesso ao coração de Melissa. No entanto, nem mesmo isso me fez desistir.

E valeu a pena, pois, conforme o tempo foi passando, menos sinais eu via, até que, há alguns dias, ela teve uma reação como se tivesse acabado de se dar conta de algo muito importante e me agradeceu por isso, sentindo-se a mulher mais feliz do mundo. Ela finalmente o esquecera! Então era somente eu começar a fazer minha parte para

NACIONAIS - ACHERON

conquistá-la e deixar bem claro que eu a queria para sempre.

O táxi para em frente ao hotel onde estou hospedado, trazendo-me à realidade. Pago a corrida, ele pega minha mala, e em seguida eu entro no saguão do hotel.

Começo a tremer, a sentir meu peito apertar, à espera do elevador, por saber que, mesmo amando Melissa, mesmo sabendo que ela corresponde a esse sentimento que nasceu tão de repente entre nós, mas que parece tão certo, eu tenho que a deixar.

Saio do elevador, andando desanimado pelo corredor que leva até minha suíte, quando vejo uma pessoa conhecida... muito conhecida.

— Nicole?

Ela sorri para mim com seus olhos brilhantes e seus dentes perfeitos.

— Oi, Adam! — saúda-me em inglês. — Eu

vim para cá há alguns dias, de férias, e soube que você estava em Madri. — Ela me cumprimenta com um beijo. — Que bom que consegui te ver antes de voltar!

Férias em São Paulo? Estranho a informação, mas não questiono, gostando de vê-la depois de tantos meses, afinal, nós conservamos a amizade.

— Que tal um jantar para conversarmos? — Ela caminha ao meu lado até a porta da minha suíte. — Eu tenho tanta coisa para te contar e... — suspira — sinto saudades de conversar com você.

— Eu também sinto, Nicole. Mas neste momento eu estou cansado e não me passa pela cabeça a ideia de sair para comer. — Sorrio triste. — Eu não estou com apetite.

Nicole me olha intensamente, avaliando-me, e isso me incomoda.

— Algum problema, Adam? Eu te conheço muito bem e sei que você não está legal...

— Nada com que eu não consiga lidar, Nickie. Eu adorei te rever, mas podemos deixar para conversar amanhã? Eu realmente estou cansado.

— Certo! — Ela me abraça apertado como fazia quando eu, por algum motivo, precisava de consolo. — Você sabe que, independentemente de estarmos juntos ou não, eu continuo estando aqui para você, te amando como amiga.

— Eu sei, obrigado por isso!

Aperto-a com força contra mim e só a solto quando ouço um som de surpresa. Separo-me dela e olho para trás, vendo, próximo aos elevadores, Melissa com os olhos arregalados. Merda!

Começo a ir em sua direção, mas ela se vira e aperta todos os botões dos elevadores, como uma desesperada, querendo fugir daqui, querendo fugir de mim.

— Melissa! — grito seu nome e começo a correr até ela, quando um dos elevadores para e

NACIONAIS - ACHERON

abre as portas. — Melissa, me deixa explicar...

Quando eu a alcanço, as malditas portas se fecham, e eu corro em direção às escadas, mas paro ao me lembrar do motivo pelo qual eu vim para o hotel e do porquê eu tenho de me manter longe dela.

— Adam...

— Agora não, Nicole. — Eu tento lidar com a ideia de Melissa pensar que eu vim para cá por causa de outra mulher, avaliando se é melhor ou não eu desfazer o mal-entendido, afinal, se eu quero que ela me esqueça e siga sua vida, nada melhor do que um pouco de ressentimento.

— Por que você não vai atrás dela? — Eu encaro Nicole assim que ela me pergunta. — Está mais do que óbvio que aquela mulher é alguém especial para você...

— É a mulher que eu amo, Nicole — confesso, sentindo-me destruído.

— Então, Adam! — Ela me pega pelos ombros.
— Vá atrás dela!

Balanço a cabeça, negando e sentindo meus olhos marejados.

— Por que não?

— Ela quer filhos, Nickie. — Eu rio da minha desgraça. — O sonho da vida dela é engravidar e ser mãe *de um filho meu*, porque também me ama.

Nicole fecha os olhos.

— Você não contou a ela?

Não, eu não contei! Não é uma coisa que se sai anunciando por aí, e, mesmo estando apaixonado por ela, eu não contei. Eu desenvolvi varicocele na adolescência, e meu pai não era bem um exemplo de cuidado e zelo, então só descobri o problema depois de adulto, quando passei a sentir dor nos testículos.

Eu fiz a cirurgia para resolver o problema das varizes, mas depois de três espermogramas, fui
NACIONAIS - ACHERON

diagnosticado como infértil. O problema é que o acúmulo de sangue nas varizes aumenta muito a temperatura dos testículos, e isso causa a morte do material fértil e, por causa do tempo que eu levei para descobrir, tive a produção de espermatozoides prejudicada.

Eu fiz tratamento, mas nunca tive muita esperança de poder ter filhos, então me conformei com o fato de que nunca poderia fecundar uma mulher e ser pai. Na época em que descobri isso, já namorava a Nicole, e ela me deu todo o apoio, inclusive me confessou que nunca sentiu vontade de ser mãe, então isso não me incomodou.

Entretanto, agora, hoje, depois de ter ouvido que Mel pretendia ter um filho mesmo sem um parceiro e que desistiu de ir em frente com seu sonho para que pudesse engravidar naturalmente de mim, tive vontade de gritar de indignação por eu não poder realizar o sonho da mulher que amo.

Eu nunca vou poder engravidar a Melissa. Nunca vou dar a ela o filho que tanto sonha. E, se eu ficar com ela, talvez ela desista do seu sonho, abrindo mão de ser mãe e de ver sua barriga crescer por minha causa.

É claro que nós poderíamos adotar. Eu não sou contra isso, e um filho adotado seria tão amado por ela quanto um gerado, mas eu sei, eu senti que ela quer gerar um bebê dentro de si, *o meu* bebê.

— Adam?

— Não, Nicole, eu não contei. Ela quer ser mãe, e eu não posso ser pai, então...

— Deixe que ela decida isso, Adam! — ela quase grita. — Que droga! Você tem essa mania de não querer magoar ninguém, de empurrar as coisas com a barriga para não enfrentar o problema. Porra, homem, deixe que ela decida se amar você é suficiente!

— Eu tenho... — paro de falar, e ela ergue uma

NACIONAIS - ACHERON

sobrancelha — medo de não ser.

— Adam Carter com medo? Não! — Ela chama o elevador. — Você já passou por muita coisa nessa vida para ter medo disso. É sua hora de ser feliz, Adam.

As portas se abrem, e ela me puxa para dentro consigo e aperta o botão do térreo.

— Nem que eu tenha que te levar até ela... você só vai desistir se ela desistir, Adam Carter!

Sim, Nickie tem razão! Aprumo meu corpo e sinto a adrenalina que sempre sinto quando vou lutar por algo correr meu corpo. Melissa só não será minha se meu amor não for o suficiente para fazê-la feliz.



Aperto o interfone do prédio, odiando esse sistema de porteiro remoto, pois, se fosse alguém

presente, eu poderia conversar melhor e convencê-lo a me deixar entrar.

— Ela não quer vê-lo, tenha uma boa-noite — o porteiro, ou melhor, a porteira me responde.

— Eu preciso subir, por favor. Eu sou um homem apaixonado e desesperado para falar com ela mais uma vez.

— Eu lamento, senhor.

Bufo, mas não insisto, pegando meu celular e escrevendo mensagem atrás de mensagem para Melissa. Ela não visualiza nenhuma, mas ainda assim eu continuo. Quando por fim paro, começo a fazer ligações para seu telefone fixo. Eu não vou desistir!

A secretária eletrônica atende.

— Melissa, por favor, me escuta. — Eu tenho a esperança de que o volume esteja alto e ela consiga me ouvir. — Eu amo você, de verdade. Eu só não sou capaz de realizar todos os seus sonhos e creio

que isso a fará infeliz ao meu lado, mas creia que eu te amo. — Ouço o bipe indicando o final da gravação e ligo novamente. — Meu amor, o sentimento que você despertou em mim é tudo o que eu tenho para lhe oferecer, e eu entendo se você não o achar suficiente, eu entendo mesmo e...

— Adam Carter, pare de me ligar! — ela fala ao telefone, e eu sorrio de alívio por ela ter ouvido o que eu disse antes. — Eu disse a você como me sentia, disse que eu o amo, e você saiu daqui correndo e foi se jogar nos braços de outra...

— Era a Nicole, Melissa!

— O quê?! — ela parece ainda mais brava. — Sua ex?!

Merda! Eu nunca contei como nós terminamos e que somos grandes amigos, totalmente sem nenhum envolvimento amoroso ou físico mais.

— Sim. Nós somos amigos. Não há mais nada entre nós, Melissa. Eu juro.

NACIONAIS - ACHERON

Ela fica muda um instante.

— Por que você foi embora daquele jeito se me ama?

— Me deixa subir e conversar com você.

Instantes depois o portão é liberado, e eu entro correndo no elevador.

Melissa me espera à porta do apartamento, e eu noto seus olhos inchados e vermelhos. *Ela chorou!* Sinto-me um idiota.

— Sou toda ouvidos. — Cruza os braços sobre o peito, e eu respiro fundo, tendo essa conversa importante aqui, no corredor.

— Eu não posso te dar um filho.

Ela arregala os olhos com a notícia.

— Por que não? — a sua voz está trêmula ao fazer a pergunta.

— Eu tive um problema na adolescência e fiquei estéril, Melissa. — Aproximo-me dela, colocando as mãos sobre seus ombros. — Você

entende? Eu não posso realizar seu sonho de ser mãe e também não posso pedir que você abra mão dele, é injusto!

Sinto-a tremer sob minhas mãos, percebendo o quanto a situação em que a estou colocando é difícil.

— Sua esterilidade é permanente? — Aquiesço, e ela fecha os olhos. — Eu amo você, Adam. Sei que é cedo para ter certeza disso, mas eu tenho, pode acreditar! Eu nunca consegui amar assim, como eu amo você, sabendo que eu posso ser correspondida na mesma medida.

— E é, Melissa! Eu me apaixonei por você quase à primeira vista, porque você nunca deixou meus pensamentos desde Nova Iorque. Então, depois que descobri que a mulher sedutora e ardente também é a dona desse coração incrível... — Eu a faço me encarar, levantando seu queixo. — Melissa Boldani, você é a mulher que eu esperava

mesmo sem saber. Tudo o que você é, seu jeito, seu humor, seus defeitos... tudo se encaixa perfeitamente em mim.

— Adam...

— Melissa, eu não vou pedir para você ficar comigo. — Sinto minha garganta embargar e tusso, evitando começar a chorar como um bebê na frente dela. — Eu não tenho o direito de te pedir isso. A única coisa que peço é que acredite que eu amo você.

— Eu acredito, Adam. E eu quero ficar com você. — Eu nego, e ela sorri. — Achou mesmo que eu ia te deixar por você não poder ter um filho? Que tipo de amor eu sentiria, se o fizesse?

— Eu não quero que você desista dos seus sonhos...

— Você é contra adoção? — ela me surpreende com a pergunta, e eu pronta e sinceramente nego. — Nós podemos ter filhos, ter uma família

independentemente do sangue que irá correr nas veias da criança.

Eu a abraço com força, aliviado por saber que, mesmo não podendo engravidá-la, Melissa ainda me quer e me ama.

— Eu fui um idiota indo embora sem conversar com você.

— Foi, sim. — Ela ri. — Sua sorte é que eu tenho uma quedinha por idiotas!

Gargalho e a beijo, arrastando-a para dentro do apartamento.



Melissa

O casamento da minha amiga Giovanna Villazza foi lindo e emocionante. Para quem acompanhou a história de amor dos dois, como eu, participar daquele momento foi como ver um milagre maravilhoso acontecendo.

Milagre...

Adam e eu fomos convidados para ser padrinhos, e eu fiquei eufórica para estar com ela nesse dia. Fiz inúmeros planos de vir mais cedo para a Itália, de ajudá-la com os preparativos, como

NACIONAIS - ACHERON

ela ajudou no meus, e de estar mais próxima de minha afilhada, Mia. Todavia, não consegui.

Adam e eu estamos juntos há quatro anos e nos casamos dois anos atrás, quando decidimos que era hora de formar uma família e entramos na fila para a adoção.

Ele tentou me convencer a usar um doador anônimo e fazer a fertilização *in vitro*, mas eu queria mesmo adotar uma criança que estivesse precisando de um lar, de todo o carinho e amor que tínhamos para dar.

Nós nos casamos numa cerimônia simples, nos Estados Unidos, onde os familiares dele – minha cunhada, Mel, e seu marido, Nathan Parker, juntamente com os filhos, Will, Noah e Lena – e seus amigos Mason, Katherine e Tessa Clark participaram da cerimônia junto aos Villazzas e aos Boldanis.

Foi lindo!

Desde esse dia, nós estávamos esperando a notícia de uma criança para nossa família. Melannie, minha cunhada, insistiu para que ele fizesse novos testes e tratamentos, mas Adam sempre esteve irredutível quanto à permanência de seu estado. Foi então que, com surpresa, após ele finalmente concordar com os exames, descobrimos que havia alguns espermatozoides em seu sêmen, embora danificados – sem a cauda – ou lentos demais para conseguirem fecundar um óvulo.

Ele começou um tratamento para melhor as condições de seus *bichinhos* – como carinhosamente os chama –, e eu tentei a fertilização algumas vezes. Duas foram infrutíferas, e na última eu tive um aborto com apenas cinco semanas de gravidez, e Adam quase morreu quando eu entrei em depressão por isso. Decidimos, então, que continuaríamos na fila da adoção e que não tentaríamos mais engravidar.

Há menos de um ano, chegou nossa vez na fila e, como nós dois havíamos combinado, não iríamos escolher absolutamente nada sobre a criança: nem sexo, nem cor, nem idade... a primeira que entrasse em nosso caminho, nós adotaríamos.

Foi aí que fomos agraciados com a Letícia, uma linda garotinha de quase três anos de idade e portadora de Síndrome de Down.

Eu confesso a você que me emocionei muito quando a conheci. Ela é uma menina alegre, tão forte, cheia de lições a ensinar, com uma história de vida tão impressionante, embora seja tão pequenininha. Adam e eu nos sentimos privilegiados por podermos ser pais dela.

Então temos passado meses viajando para Manaus, onde ela se encontra, estreitando laços de carinho e amizade com ela, explicando-lhe que a partir do momento em que vier conosco, será nossa para sempre.

— Bom dia! — Isabella, Frank, Marina e Tony falam quase em uníssono ao entrarem na sala de jantar, onde meus tios Silvia e Andreas, Adam e eu estamos sentados à mesa, compartilhando um delicioso café da manhã, após as núpcias da noite passada.

— Bom dia! — eu os cumprimento.

— Alguém conseguiu ver o Nicholas e a Gio depois da valsa nupcial? — minha irmã pergunta rindo muito.

— Não — Adam responde divertido. — Os dois preferiram uma festa mais *privé*...

— Adam! — eu o repreendo, olhando para meus tios, que também estão rindo com vontade. Meu pai e dona Hilda entram na sala, cumprimentando-nos e logo engatam uma conversa com meus tios.

— Não acha que essa é a oportunidade que nós estávamos querendo? — Adam me indaga, e eu
NACIONAIS - ACHERON

respondo que estou esperando mamãe aparecer.

E logo minha mãe, Suzana, aparece com Mia no colo.

— Eu gostaria de um momento da atenção de vocês. — Coloco-me em pé, e Adam segura minha mão. — Como vocês sabem, Adam e eu estamos há algum tempo esperando para receber nossa filha, Letícia, em casa, e pouco antes de embarcarmos para cá, na semana passada, fomos informados de que ela virá morar conosco na próxima semana. — Vejo a alegria aparecer no rosto de cada pessoa à mesa. — Foi uma correria tão grande na nossa casa, preparando o quarto dela, entrevistando a babá, vendo a melhor escola para recebê-la, que eu acabei ficando doente. — Abro um enorme sorriso. — Bem, eu achei que era isso, mas então soube, depois de uma consulta médica, que aconteceu um milagre.

Minha mãe já começa a chorar, e meu pai

NACIONAIS - ACHERON

parece reter o ar.

— Mel? — Isabella me questiona sem palavras.

— Sim! — Adam responde, colocando-se de pé e me abraçando. — Nossa família vai aumentar ainda mais!

— *Dio Santo!* — Tia Silvia abraça minha mãe.

— Eu estou grávida de nove semanas... — estou tremendo ao anunciar isso. — Aconteceu naturalmente, um verdadeiro milagre.

A comoção na mesa é geral. Tony abraça Adam, deixando-o sem palavras, fazendo-o chorar. Marina e Isabella me perguntam a todo momento como estou me sentindo e me fazem contar todos os detalhes do meu milagre particular.

Ao que parece, o tratamento que Adam fez enquanto nós tentávamos a fertilização surtiu efeito e aumentou a sua contagem de espermatozoides, porém, ainda assim, eu levei mais de um ano para engravidar, mesmo porque não sou mais nenhuma

menina, mas milagrosamente aconteceu.

Minha mãe me pergunta se estou bem, preocupada com todos os riscos que envolvem uma gravidez após os 40 anos.

— Eu estou ótima! Meu médico me pediu cautela, então já diminuí as horas trabalhadas, parei os exercícios, pelo menos até o primeiro trimestre passar, e estou sendo constantemente monitorada pelo obstetra e até pelo Adam. — Eu a abraço. — Nove semanas, mamãe! Daquela vez foram apenas cinco, e eu o perdi, dessa vez estou confiante, mas, ainda que não dê certo, eu estou feliz por ter a Letícia para amar.

— Você terá os dois, Melissa! — ela demonstra fé em suas palavras.

A gargalhada do meu marido enche a sala, e eu sei que ele está contando a piada de seus *bichinhos* estarem no páreo novamente. Adam está exultante de felicidade e me disse que tudo isso que nos está

NACIONAIS - ACHERON

acontecendo é fruto do amor que sentimos um pelo outro, e eu concordo com ele.

Ele me olha e vem até onde estou.

— Eu sou o homem mais afortunado do mundo por ter você, Melissa. — Eu lhe digo que o amo, e ele me beija. — Eu já estava me sentindo um filho da mãe sortudo por ter o seu amor e agora... agora creio que ninguém pode ter mais sorte do que eu nessa vida, pois vou poder amar mais duas pessoas lindas e vê-las crescer e se tornarem como você!

— Eu amo você, obrigada por ter me dado esse presente!

— Sou eu quem tem que agradecer todos os dias, Melissa. — Beija-me. — Obrigado por me amar.

Fim

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



J. Marquesi é uma faz-tudo que começou a escrever na adolescência, em cadernos pautados. Acha-se uma metamorfose ambulante, pois já quis ser cantora, atriz, artesã, locutora de rádio, musicista, escritora e chef de cozinha. Atualmente é advogada, mãe e esposa, mas nunca deixou para trás seu sonho de um dia poder mostrar suas histórias a alguém.

PERIGOSAS



NEGÓCIO FECHADO

Família Villazza, livro 1

NACIONAIS - ACHERON

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

Marina, com apenas 24 anos, carrega marcas profundas causadas pela perda dos pais e pela saudade. Sozinha, sem formação e experiência, ela vê a oportunidade de reconstruir sua vida trabalhando como camareira num luxuoso hotel do Rio de Janeiro.

Porém, a chegada de um misterioso hóspede e a atração irresistível entre eles desperta nela sentimentos nunca antes conhecidos.

Antonio é um italiano que mora no Brasil desde criança e já se considera um brasileiro. Ela carrega dentro de si um sofrimento que esconde de todos, embora essa dor norteie a sua vida, e nem todo o dinheiro que tem é capaz de amenizá-la.

Poderiam pessoas de mundos tão distantes viverem
uma grande paixão?

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



LEGALMENTE ATRAÍDO

Família Villazza, livro 2

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

Frank Villazza é conhecido como CEO playboy. Satisfeito com a vida que leva, charmoso, rico e bem-sucedido, ele não quer compromisso, e seus casos costumam não passar de uma noite. As únicas coisas que lhe importam são sua família, sua guitarra e suas amadas motos... e todas as mulheres gostosas que, como ele, queiram apenas diversão.

NACIONAIS - ACHERON

Só que o destino traz uma advogada sexy e temperamental para trabalhar em sua empresa, deixando-o louco pelo desafio de torná-la mais uma em sua cama. O que o playboy não sabe é que ninguém pode controlar o destino (ou o coração).

Isabella Romanza sempre batalhou para se tornar a melhor advogada em sua área. É vista como uma mulher independente, capaz e determinada, mas por trás disso se esconde uma garota que foi magoada por um segredo que envolve a sua família e pela rejeição do homem que amava. Quando conhece Frank “Galinha” Villazza, teme que venha a se apaixonar e se dar mal novamente, portanto resolve não entregar seu coração, apenas seu corpo, ao sedutor cafajeste. Terá ela sucesso na empreitada de curtir sem se apaixonar?



SEGREDO OBSCURO

PARTE 1

Família Villazza, livro 3

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

Ele não fazia parte dos planos dela.

Ele poderia pôr tudo a perder.

Mas como resistir a uma atração tão intensa?

Giovanna Villazza desistiu de tudo para perseguir uma meta, e ela iria até o fim! Rica,

NACIONAIS - ACHERON

mimada, herdeira de uma das maiores redes hoteleiras do mundo, ela carrega um segredo capaz de mudar sua vida para sempre. Decidida a ir atrás do que quer, ela pede demissão do cargo de diretora da empresa de sua família, na Itália, e muda-se para São Paulo, para trabalhar numa empresa de publicidade. Sua família pensa que ela quer independência, fazer o próprio nome, mas o que não sabem é que ela apenas está tecendo uma teia para alcançar seu objetivo.

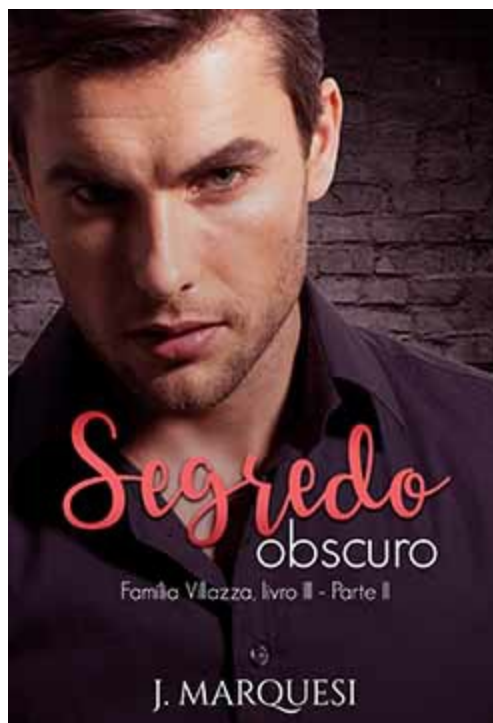
Nicholas Smythe-Fox é um engenheiro premiado, com obras em vários países e fama internacional. Há 50 anos, seu avô fundou a Novak Engenharia, que se tornou a maior holding do Brasil, e, por causa da pretensão política de seu pai, ele assume o cargo de CEO da empresa, um trabalho que ele não gosta tanto quanto o de projetar e acompanhar construções, mas que é parte do seu legado.

Giovanna e Nicholas não esperavam que a atração que sentiam um pelo outro fosse tão intensa. Esse sentimento se aprofunda, mas um segredo obscuro permeia o relacionamento dos

PERIGOSAS

dois, o que pode pôr em xeque todos os sonhos que ambos construíram.

NACIONAIS - ACHERON



SEGREDO OBSCURO

PARTE 2

Família Villazza, livro 3

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

Com a revelação do segredo obscuro de Giovanna Villazza, Nicholas Smythe-Fox não consegue perdoá-la por suas mentiras e, três anos após o término do relacionamento, ele se sente mexido com a volta da mulher que encheu seu coração de alegria, mas também de dor.

NACIONAIS - ACHERON

Giovanna não queria voltar ao Brasil nunca mais, porém, como seu irmão mais velho não poderá passar o Natal com sua família na Itália, ela decide passar um tempo com ele em São Paulo, onde ele mora atualmente. Mesmo depois de três anos, ela ainda conserva todos os sentimentos intactos por Nicholas. Entretanto, mais um segredo a faz querer estar longe dele.

Uma tragédia ocorre, tirando a paz dos Villazzas, trazendo os Novaks de Toledo de volta à convivência dessa família, reaproximando Giovanna e Nicholas, que precisarão unir esforços para se defender de um homem disposto a ir até às últimas consequências para ter o que quer: vingança.

Muitos segredos serão revelados, muitas máscaras cairão nesse último livro da série Família Villazza.



Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

Facebook | Fanpage | Instagram

Wattpad | Grupo do Facebook

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

Notas

[←1]

Nota da autora: *Não, sinto muito. Você pode repetir sua explicação, por favor?*

[←2]

Nota da autora: *É um prazer conhecê-la...*

[←3]

Nota da autora: *de novo*.

[←4]

Nota da autora: desenhos/projetos.

PERIGOSAS

[←5]

Nota da autora: maravilhosos.

NACIONAIS - ACHERON

[←6]

Nota da autora: dever de casa.

[←7]

Nota da autora: CCCN – Casa Cultural Cândida Novak.

[←8]

Nota da autora: traços perfeitos de uma designer (desenhista).

[←9]

Nota da autora: perseguidor.

[←10]

Nota da autora: o nome “Melannie”, com dois “n” foi retirado do livro da autora Ana Cecília Nunes, onde a personagem Adam Carter é citada pela primeira vez.

[←11]

Nota da autora: venha aqui.

[←12]

Nota da autora: incrível.

[←13]

Nota da autora: pensando em você.

[←14]

Nota da autora: feliz.